



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

HUGO LEONARDO MARANDOLA

MARCAS-MATRIZES NA PAISAGEM DO BAIRRO RURAL ELIHU
ROOT: UM TRILHAR HUMANISTA

Rio Claro - SP
2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
Programa de Pós-Graduação em Geografia

HUGO LEONARDO MARANDOLA

**MARCAS-MATRIZES NA PAISAGEM DO BAIRRO RURAL ELIHU
ROOT: UM TRILHAR HUMANISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
do Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Lívia de Oliveira

Rio Claro - SP

2017

910.1 Marandola, Hugo Leonardo
M311m Marcas-matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root :
 um trilhar humanista / Hugo Leonardo Marandola. - Rio
 Claro, 2017
 108 f. : il., figs.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
 Instituto de Geociências e Ciências Exatas
 Orientadora: Livia de Oliveira

 1. Geografia humana. 2. Paisagem marca-matriz. 3.
 Pensamento paisageiro. 4. Pensamento da paisagem. 5.
 Augustin Berque. 6. Geografia humanista. I. Título.

HUGO LEONARDO MARANDOLA

**MARCAS-MATRIZES NA PAISAGEM DO BAIRRO RURAL ELIHU
ROOT: UM TRILHAR HUMANISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
do Campus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Livia de Oliveira

IGCE/UNESP – Rio Claro

Prof(a). Dr(a). Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira

IGCE/UNESP – Rio Claro

Prof(a). Dr(a). Lúcia Helena Batista Gratão

DEGEO/UEL

APROVADO

Rio Claro, SP, 20 de outubro de 2017.

Aos meus pais, Aurea e Eduardo.

À Livia, mestra.

À Ariane, esposa e companheira.

AGRADECIMENTOS

Os momentos de escrita desta dissertação se mostraram extremamente solitários. No escritório, na casa de meu irmão ou no Lager, sempre me sentei só, em frente ao computador e cercado de livros e anotações. Porém, estes foram apenas os momentos de sistematização e organização de todas as pesquisas realizadas. Estas envolveram muitas pessoas queridas e dispostas ao diálogo. Registro meus sinceros agradecimentos na lista incompleta que segue.

*À Seção Técnica de Pós-Graduação do IGCE, em especial ao **Rodrigo**, que esteve sempre à disposição em tirar minhas dúvidas burocráticas. Ao Departamento de Pós-Graduação em Geografia pela oportunidade da realização desta pesquisa. Aos Professores que ministraram as disciplinas e aos colegas com quem as cursei em Rio Claro. Aos Professores e colegas da disciplina cursada na FCA. Aos professores **Darlene** e **Paulo**, pelas considerações realizadas no Exame de Qualificação.*

*Aos membros do **Nomear** e do **GHUM**, grupos que me acolheram desde o fim da graduação e me mantiveram próximos à academia antes de meu ingresso no mestrado.*

*Ao **Ciro** e à **Mércia**, diretores do campus Colombo do IFPR, pela compreensão e flexibilidade nos meus compromissos profissionais.*

*Ao **Marcelo**, pela intermediação com Livia nos últimos meses. Ao **Alexandre**, pelas conversas e pela prontidão em ajudar. Ao **Wellington** e ao **Vagner** pela ajuda com os mapas. Ao **Danilo** por conseguir entender e traduzir meus rabiscos.*

*Ao **Ramon**, **Isa**, **Japa**, **Thiaguinho**, **Silvião**, **Arthur**, **Rodrigo**, **Cris**, **Leo**, **Oscar**, **Dani**, **Ian**, **Danilo** e **Amanda**, grandes amigos de tempos pretéritos, de hoje e de sempre.*

À **Priscila** e à **Fernanda**, pela ajuda com o abstract e résumé.

Ao **Tiago Má**, pelo imenso apoio e auxílio na pesquisa, conversas, reflexões, impressões. Sua ajuda foi fundamental.

À **Lu**, irmã querida, pela revisão do texto. À **Jamille**, pela hospitalidade. Ao **Júnior**, pelo apoio, pela inspiração, e também pela hospitalidade (a ele também como coordenador do **Lagger** pelo empréstimo da máquina fotográfica e gravador).

Aos moradores do bairro que me receberam com muito carinho. Sem a contribuição e a participação deles, esta pesquisa não teria sentido.

Aos meus pais, **Aurea** e **Eduardo**, por todos os anos de dedicação e apoio.

À **Lívia**, orientadora, mestra querida, pela paciência, carinho e genialidade.

À **Ariane**, amada esposa e companheira, pelo apoio, suporte, ajuda, incentivo. Por todo amor que sentimos um pelo outro, por fazer parte da minha vida, por dividi-la comigo.

A tantos outros que, em alguma medida, auxiliaram nesta pesquisa, minha gratidão!



RESUMO

Os bairros rurais são uma forma específica da organização do espaço rural no estado de São Paulo. Eles foram objeto de pesquisa tanto na sociologia como na geografia em meados do século XX, e ainda hoje permanecem despertando interesse de pesquisadores nessas áreas. Reconhecer os bairros rurais como um modo de vida paulista é de fundamental importância para os estudos rurais na Geografia, principalmente a partir de uma abordagem humanista. Nesta pesquisa, o caminho escolhido para a análise de um bairro rural paulista, Elihu Root, em Araras, foi o da paisagem. Para tanto, buscamos na obra do geógrafo Augustin Berque a base para uma reflexão acerca deste conceito, trazendo para o contexto brasileiro o diálogo que ele realiza entre o pensamento oriental e ocidental. Partimos do conceito de paisagem marca-matriz, associado à ideia de pensamento paisageiro e pensamento da paisagem desenvolvido por Berque para revelar as paisagens do bairro rural Elihu Root.

Palavras-chave: Paisagem marca-matriz; pensamento paisageiro; pensamento da paisagem; Augustin Berque; Geografia Humanista.

ABSTRACT

The *bairros rurais paulistas* (rural districts of São Paulo) are a specific way of rural space organization in the *São Paulo* state. They were object of research in both sociology and geography in mid-twentieth century, and they still arouse interest in researchers of those areas. Recognizing *bairros rurais* as a way of live of *São Paulo* has a fundamental importance for rural studies in geography, mostly from a humanistic approach. In this dissertation, the landscape was the chosen path for the analysis of a *Elihu Root bairro rural*, in the county of *Araras*. Therefore, the basis for a reflection of this concept was the work of the geographer Augustin Berque, bringing to the Brazilian context the dialog that he has made between the oriental and occidental thoughts. We begin with the imprint-matrix landscape concept, associated with the idea of landscaping thought and landscape thinking developed by Berque to reveal the landscapes of the *Elihu Root bairro rural*.

Key-words: Imprint-matrix landscape; landscaping thought; landscape thinking; Augustin Berque; Humanistic Geography.

RÉSUMÉ

Les *bairros rurais* (quartiers ruraux) sont une manière spécifique de l'organisation de l'espace rural de São Paulo. Ils ont été sujet de recherche tant à la sociologie qu'à la géographie au mi siècle XX et, encore aujourd'hui, ils continuent à susciter l'intérêt des chercheurs des ces disciplines. Reconaître les *bairros rurais* un mode de vie *paulista* (cela veut dire, de São Paulo) est d'iune importance fondamentale pour les études rurales en géographie, surtout a partir d'une démarche humaniste. Dans cette recherche le parcours choisi pour l'analyse d'un *bairro rural paulista*, *Elihu Root*, à la commune d'*Araras*, a été le paysage. Por cela, on cherche dans l'ouvrage du géographe Augustin Berque la base pour une réflexion sur ce concept, en emportant pour le contexte brésilien son dialogue entre la pensée orientale et occidentale. On pars du concept de paysage empreinte-matrice associé à l'idée de la pensée du paysage développés pour Berque pour révéler les paysages d'*Elihu Root*.

Mot-clés: paysage empreinte-matrice; pensée paysagère; pensée du paysage; Augustin Berque; Géographie Humaniste.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frutos da guabiroba	19
Figura 2: Linhas-tronco da Companhia Paulista.....	38
Figura 3: Ramal de Descalvado e suas estações.....	42
Figura 4: Armazém de cargas construído em 1882, em situação de abandono.....	45
Figura 5: Estação Elihu Root, antiga estação Guabiroba, construída em 1891.....	46
Figura 6: Capela a São Sebastião	47
Figura 7: Trajeto-da-paisagem	67
Figura 8: Distribuição das marcas do núcleo do bairro rural	77
Figura 9: Mosaico de fotos da capela a São Sebastião.....	87
Figura 10: Grafites em muro de uma chácara do bairro rural	94
Figura 11: Mosaico de fotos de uma antiga ponte do ramal de Descalvado	98

SUMÁRIO

O trilhar por paisagens	12
Capítulo 1	
De Guabiroba a Elihu Root: trilhando pela história e pela geografia do bairro rural.....	18
<i>Organização rural de Araras</i>	<i>21</i>
<i>Bairros rurais paulistas</i>	<i>26</i>
<i>Nos trilhos de um ramal da Paulista</i>	<i>37</i>
<i>Elihu Root, um bairro rural paulista.....</i>	<i>43</i>
Capítulo 2	
Paisagem, essência geográfica: marcas e matrizes em Augustin Berque	49
<i>Paisagem, essência geográfica</i>	<i>52</i>
<i>Noção de paisagem em Berque.....</i>	<i>57</i>
<i>Marcas e matrizes na paisagem</i>	<i>63</i>
Capítulo 3	
Paisagens reveladas do bairro rural Elihu Root.....	72
<i>Trabalho de campo e pensamento paisageiro</i>	<i>74</i>
Campos exploratórios	75
Campos investigativos.....	78
Campos de incursão.....	79
Pensamento paisageiro	80
<i>Permanências paisageiras.....</i>	<i>82</i>
Relações de vizinhança.....	83
Religiosidade e festividades	86
Marcas-matrizes ferroviárias.....	91
O sentimento de localidade e pertença: a última estação	100
Referências	104



O trilhar por paisagens

O trem

*Na tarde cor de ouro e brasa,
Em desfilada
Passa um comboio na cavalgada
Entre renques de casas.*

*Nada o detém,
Na fúria imensa pelo espaço além.*

*Nos silvos de vapor,
Em sibilos de raiva e mugidos de dor,
Golfando fumo para o céu sonoro
O trem
Flamínio meteoro
Lançando gotas de sangue ardente
Vara o espaço – além.*

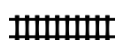
*A toda brida,
Por onde passa o chão trepida.*

*Sacudindo a terra,
É um batalhão em marcha para a guerra,
A guerra insana da riqueza
E batalhas de audácia e de esperteza.*

*Fumo que sobes em bulções
Dos pulmões*

*Ardentes e ferozes da locomotiva,
O teu furor sacode-me o torpor
E a correnteza do meu sangue ativa.
Trem, tu que corres nos trilhos,
Imensos braços de aço
Sobre o leito com brilhos
De calhaus e vidrilhos,
Tu és mais livre que meu pensamento
Entorpecido e lento.*

*Oh trem!
Nada no espaço te detém!
Se vejo a tua corrida brava
Meu pensamento tem um surto violento
Para seguir teu ímpeto de guerra
Até os confins da terra.*



O poema “O trem”, de Luis Aranha (1984), revela o espanto e o choque que a chegada do trem provocou na sociedade. Em vários aspectos, econômicos, sociais, políticos, o trem trouxe uma ruptura, “*Por onde passa o chão trepida*”. Com as primeiras ferrovias abertas no Brasil em meados do século XIX, os trens possibilitaram a aplicação de capital no interior, expandindo as áreas de produção. Em São Paulo, o motor da expansão ferroviária foi o café, aumentando a exportação deste produto. Foi uma “*marcha para a guerra*” com o sertão, com os índios, em direção ao oeste paulista.

Esta “*guerra insana da riqueza*” levou os “*imensos braços de aço*” dos trilhos a avançarem pelo interior paulista. Uma marcha conjunta do café e da ferrovia. Onde havia a produção de café, os trilhos alcançavam para escoar as sacas até o porto de Santos. Em fins do século XIX e início do XX as ferrovias avançaram ferozmente pelo sertão de São Paulo, desbravando áreas, ocupando, empurrando as fazendas e a população cada vez mais para o oeste.

Seguindo esta liberdade de pensamento invocada pelo poema de Luis Aranha, utilizamos uma metáfora ferroviária para apresentar a estrutura desta dissertação. Ao iniciarmos nosso trilhar pelo tema da pesquisa, escolhemos embarcar na estação central da Geografia Humanista, que oferece diversas possibilidades de caminhos. São muitas as linhas e ramais que podemos trilhar a partir desta estação. Partimos para a linha tronco da paisagem. Tal qual a linha tronco da Companhia Paulista, que se bifurcava em Itirapina e seguia em duas direções, a oeste até alcançar as barrancas do rio Paraná e ao norte até o rio Grande, esta dissertação possui três linhas-tronco representadas por três capítulos com seus ramais que são os subtítulos.

O primeiro capítulo, ou a primeira parte da linha-tronco, **De Guabiroba a Elihu Root: trilhando pela história e pela geografia do bairro rural**, levou-nos a trilhar pela história e pela geografia de um bairro rural paulista: Elihu

Root. Foi o antigo caminho do Anhanguera que nos proporcionou este encontro, pois Elihu Root se localiza no município de Araras, que fica às margens do antigo caminho, o que possibilitou a realização dos trabalhos de campo. Desta linha-tronco podemos acessar vários ramais, e trilhamos por alguns deles, passando pela organização rural do município de Araras, pelos bairros rurais paulistas, pelo ramal de Descalvado da Companhia Paulista e pelo bairro rural Elihu Root.

Partimos de Guabiroba, o nome da antiga estação ferroviária do ramal de Descalvado da Companhia Paulista, onde surgiu em seu entorno um bairro rural de mesmo nome. Passamos pela *Organização rural de Araras*, onde consideramos a relevância da produção cafeeira da região, e sua posterior crise, no processo de formação dos bairros rurais no município. Neste trilhar, foi demonstrada a importância do surgimento do município de Araras e sua dinâmica rural na segunda metade do século XIX para a constituição do bairro rural alvo de nossa pesquisa.

A cada trilhar, novos ramais são revelados, novas possibilidades são abertas e, dentre estas, seguimos no ramal dos *Bairros rurais paulistas*. São trilhos que nos levaram a estudos clássicos da sociologia e da geografia, que em meados do século XX definiram e discutiram os bairros rurais como um fenômeno típico de São Paulo. Mas também passamos por estudos recentes, que resgatam tais discussões e procuram evidenciar a permanência deste fenômeno ainda hoje, como forma de habitar o rural. Este ramal é fundamental na compreensão do que foram e são os bairros rurais paulistas, e como utilizamos este conceito nesta pesquisa.

Seguindo nossa viagem pelos trilhos desta dissertação, passamos *Nos trilhos de um ramal da Paulista*, pois foi por meio do ramal de Descalvado da Companhia Paulista, no entorno da estação de Guabiroba, que o bairro rural Elihu Root surgiu. Ali trilhamos por parte da história da Companhia Paulista e seu papel na ocupação e povoamento do interior de São Paulo. E este nos levou ao próximo ramal, *Elihu Root, um bairro rural paulista*, que contextualiza o surgimento deste bairro rural. Assim, os trilhos da linha-tronco do primeiro capítulo se dividiram em alguns ramais, desde o surgimento do bairro rural, ainda com seu nome de raiz indígena, Guabiroba, pela constituição do rural de Araras, pelo sentido de bairro rural em São Paulo, pela primeira empresa férrea de capitais totalmente nacionais e privados, até Elihu Root hoje, como um bairro rural paulista.

Muitos são os trilhos que possibilitam a análise de um bairro rural paulista. Diante dos ramais de possibilidades prontos para serem trilhados, decidimos pela linha-tronco expressa no segundo capítulo: **Paisagem, essência geográfica: marcas e matrizes em Augustin Berque**. Este caminho tem aberturas para reflexões acerca da paisagem como expressão fiel da existência humana, que possibilita investigar uma geografia em ato, que está na própria essência do homem. Trilhamos pela *Paisagem, essência geográfica*, um ramal que busca revelar a essência do conceito, dialogando com três geógrafos: Éric Dardel, Yi-Fu Tuan e Werther Holzer. A fenomenologia é a amálgama entre a discussão realizada por estes geógrafos, e é a partir dela que procuramos estabelecer as relações entre a paisagem destes geógrafos com a de Augustin Berque.

Tais reflexões nos levaram a trilhar outro ramal, *Noção de paisagem em Berque*, evidenciando como este autor construiu sua concepção de paisagem. O autor busca a origem da palavra paisagem tanto no oriente como no ocidente, estabelecendo relações entre os diferentes contextos no surgimento deste conceito e como estas refletem na concepção de paisagem vigente hoje. Uma das preocupações de Berque é compreender o sentido profundo de paisagem e como este ainda se expressa nas sociedades contemporâneas. Estas discussões nos direcionaram para o ramal *Marcas e matrizes na paisagem*. Nosso intuito ao percorrer estes trilhos foi o de compreender como a descrição e a análise das marcas e matrizes podem revelar uma paisagem. Esta é forjada no entrelaçamento existente entre o objetivo e o subjetivo, e as marcas e matrizes guardam a essência das relações fundantes. Assim, é possível revelar as paisagens a partir de uma leitura atenta e cuidadosa de suas marcas e matrizes.

E foi esta a linha-tronco que buscamos trilhar no último capítulo, **Paisagens reveladas do bairro rural Elihu Root**. Tendo o trabalho de campo como base nesta etapa da pesquisa, percebemos um pensamento paisageiro presente e constituinte no bairro rural Elihu Root. Perseguindo esta trilha, construímos um ramal denominado *Trabalho de campo e pensamento paisageiro*, onde descrevemos as etapas do trabalho de campo, e também o desvelamento das relações com a obra de Berque.

Os trabalhos de campo desvelaram, a partir das marcas-matrizes, os traços essenciais dos bairros rurais paulistas presentes em Elihu Root. Estes traços

permanecem no bairro e são expressos pelo pensamento paisageiro discutido por Berque. Este caminho nos guiou até as *Permanências paisageiras*, que se revelaram um ramal essencial a ser percorrido. Neste, identificamos as seguintes permanências paisageiras em Elihu Root: *Relações de vizinhança*, *Religiosidade e festividades*, *Marcas-matrizes ferroviárias*. Foi a partir destas permanências paisageiras que as paisagens do bairro rural foram reveladas.

Em meio às permanências paisageiras reveladas na paisagem, desvelou-se uma que permeia todas as outras: o *sentimento de localidade e pertença*. Esta permanece como um traço essencial do bairro rural e compõe a expressão da relação entre os moradores do bairro e seu meio. Candido (2003) e Queiroz (1973) já haviam identificado esta como a principal característica de um bairro rural paulista, e o que constatamos é que o sentimento de localidade e pertença é uma permanência paisageira fundante da paisagem de Elihu Root.

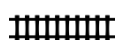
Com este último ramal chegamos à última estação, mas não ao fim dos trilhos. Desembarcamos numa estação de baldeação, que faz conexão com diversas outras linhas-tronco e ramaís, revelando muitas possibilidades de outras viagens.

Com esta metáfora ferroviária esperamos apresentar os caminhos trilhados nesta pesquisa e conduzir a leitura ao embarcar e compartilhar deste trilhar por paisagens rurais.



Capítulo 1

De Guabiroba a Elihu Root:
trilhando pela história e pela geografia do bairro rural



A guabiroba, gabiroba ou guabirobeira é uma árvore bastante conhecida no interior de São Paulo, principalmente por pessoas que moram ou frequentam a área rural, e mais ainda por aquelas que viveram em meados do século XX ou antes. Era facilmente encontrada nas propriedades rurais, especialmente próxima aos rios, pois é uma espécie silvestre. Como seu fruto (Figura 1) era, e ainda é, muito apreciado, em consequência da drástica diminuição das florestas nativas passou a ser comum a presença da guabiroba em pomares tanto na área rural como na urbana. A guabirobeira (*Campomanesia xanthocarpa* O.Berg) é nativa de nosso país e ocorre não só em São Paulo, mas em Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e nos três estados do Sul brasileiro (LORENZI, 2008, p.285).

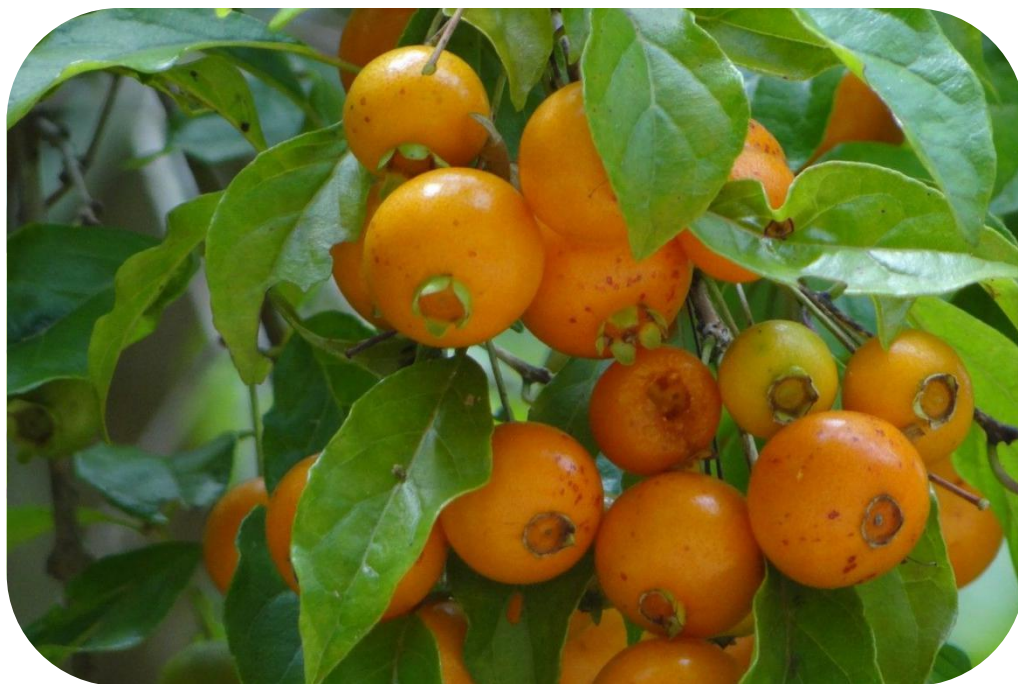


Figura 1: Frutos da guabiroba.

Foto: WOEHL JUNIOR, G.

(disponível em: http://www.ra-bugio.org.br/ver_especie.php?id=1101)

Mas não é desta árvore ou de seu fruto que esta dissertação se trata, ao menos não diretamente. Guabiroba, em referência à árvore e à fruta, foi o nome dado, em 1877, a uma estação de um ramal da então Companhia Paulista da Estrada de Ferro de Jundiaí a Campinas. O ramal de Descalvado, como ficou conhecido, iniciava em Cordeiro (hoje Cordeirópolis), alcançava o rio Mogi-Guaçu em Porto Ferreira e seguia até Descalvado. No trajeto, diversas estações foram construídas tanto nas sedes de municípios, como Araras e Pirassununga num primeiro momento, como no intervalo entre estas para embarcar mercadorias e passageiros e para repor água nas máquinas a vapor. A estação de Guabiroba foi construída no município de Araras, alguns quilômetros adiante da sede municipal, para atender à demanda de grandes fazendas produtoras de café da proximidade. No entorno desta pequena estação ferroviária, surgiu um bairro rural de mesmo nome.

Mas e Elihu Root, a que o título da dissertação e do capítulo se referem? Trata-se da mesma estação, pois Guabiroba passou a se chamar Elihu Root em 1906, devido à visita de um secretário de Estado norte americano. O bairro rural que se formava no entorno acompanhou esta mudança.

Notemos a importância que teve a chegada dos trilhos para a constituição do bairro rural. Primeiramente, foi a partir deles que se construíram as primeiras edificações e se instalaram os primeiros moradores e, em seguida, mudou-se o nome do bairro em função da estação ferroviária. Portanto, destacaremos o papel fundamental da Companhia Paulista no surgimento e na consolidação do bairro rural Elihu Root. Este é apenas um dentre muitos bairros rurais, além de diversas cidades, que surgiram ou se fortaleceram com a chegada dos trens. No caso de São Paulo, a Companhia Paulista se sobressaiu nesta “tarefa”, em sua “marcha para o oeste”, alcançando as fazendas de café e contribuindo para a ocupação e colonização do interior paulista.

Apesar de Elihu Root surgir a partir da linha férrea, Araras é anterior à chegada dos trilhos. Portanto, contextualizar o bairro rural em seu município é fundamental para revelar suas paisagens. As fazendas de café com suas sedes, a estação de Guabiroba e as edificações de suporte foram construídas no contexto do município de Araras, e apenas posteriormente se formou ali uma conjuntura que culminou na formação do bairro rural Elihu Root. E este não é o único bairro rural de

Araras. A prefeitura municipal reconhece outros seis atualmente em seu território. Portanto, discutiremos sobre a organização rural de Araras buscando compreender como se deu a formação destes bairros rurais, com destaque para Elihu Root.

Além disso, é fundamental definirmos o que é um bairro rural, afinal, esta denominação é específica do estado de São Paulo. Buscaremos então as definições clássicas e atuais para bairro rural paulista, dialogando com os autores e evidenciando nossa compreensão dessa forma de habitar o rural paulista.

Organização rural de Araras

O antigo “caminho dos goiazes” ou “caminho do Anhanguera” (REIS, 2014) que outrora fora trilhado pelos indígenas, e se tornou o caminho na busca do ouro nas Minas Gerais e em Goiás, também foi utilizado pelos bandeirantes na caça aos nativos, sendo importante via de acesso ao interior de nosso país há séculos. Diversos pousos, vilas e cidades surgiram como apoio aos viajantes deste caminho e muitas sesmarias foram concedidas em seu entorno, para ocupação e povoamento do território conquistado. Este conhecido caminho é hoje a Rodovia Anhanguera, importante ligação entre a capital São Paulo e o Triângulo Mineiro e Goiás. Pierre Monbeig cita uma antiga passagem pela *cuesta* de Botucatu, entre a depressão periférica e o planalto ocidental de São Paulo, que era parte deste caminho:

A velha trilha não se interrompeu. Os roteiros dos bandeirantes seriam seguidos por Saint-Hilaire, que os encontraria ainda com certa animação; depois seriam retomados pela estrada de ferro e pela rodovia. Seria ainda por essa passagem que os fazendeiros desencadeariam a marcha para a conquista do planalto ocidental (MONBEIG, 1984, p.36).

Este caminho aberto pelos indígenas, séculos antes da invasão portuguesa, continuou como referência de entrada para o interior por diversas gerações e com objetivos variados. Antes desta passagem pela *cuesta* citada por Monbeig, ainda na depressão periférica, no início do século XIX já se tinha notícia de uma paragem nesta trilha próxima a um ribeirão onde no início das manhãs e fim das tardes uma grande quantidade de aves estrondosas e coloridas repousavam nas árvores de suas margens, sendo por este motivo chamado de ribeirão das Araras. No espigão entre este e o ribeirão das Furnas, seu afluente, foi erguida uma

capela a Nossa Senhora do Patrocínio em 1862, e posteriormente se estabeleceu o município de Araras (ALMEIDA, 1948; MATTHIESEN, 1990).

No vetusto prédio da biblioteca municipal de Araras, encontramos alguns documentos que registram a história oficial do município (ALMEIDA, 1948; 1959). Há também alguns livros de Alcyr Matthiesen (1990; 2003), um autor local que, em suas obras, não esconde sua paixão pela cidade em que nasceu. Aí encontramos os registros oficiais do surgimento de Araras, que datam de 1862 com a construção da capela, e se torna município pela Lei Provincial n.º 29 de 24 de março de 1871. Os principais responsáveis pela fundação de Araras foram os irmãos Lacerda e suas esposas. Bento de Lacerda Guimarães e José de Lacerda Guimarães se casaram com duas filhas do alferes Joaquim Franco de Camargo, que possuía uma das maiores riquezas da época, incluindo em suas posses o sítio das Araras. Com a morte do alferes, parte deste sítio foi doado à capela de Nossa Senhora do Patrocínio em 1865, e no entorno desta se expandiu a cidade de Araras (ULSON, 1948).

Os irmãos Lacerda contribuíram ativamente no estabelecimento da estrutura do município de Araras. O maior interesse dos irmãos estava em viabilizar o comércio de sua imensa produção cafeeira na região. Eles aumentaram sua riqueza de tal forma que receberam os títulos de Barão de Araras (Bento) e Barão de Arary (José). Junto com outros grandes fazendeiros, inseriram Araras na época áurea da produção de café da província de São Paulo, partilhando das benesses oriundas deste ciclo econômico, como a inclusão de Araras na rota dos trilhos da Companhia Paulista que teve, sem dúvida, grande influência dos barões de Araras e Arary. O ramal da linha férrea foi aberto para tráfego no município em 1877.

Ainda segundo os registros oficiais, o município de Araras surgiu pela influência de seus grandes fazendeiros, com seu espírito empreendedor, investindo no estabelecimento de infraestrutura, principalmente de transporte, que proporcionou crescimento acelerado nas primeiras décadas de sua existência, incentivado pela produção cafeeira e pela chegada dos trilhos. Mas uma complexidade maior envolvia estas primeiras décadas. Não havia apenas grandes fazendeiros em Araras. O rural do município era muito mais diverso do que os registros oficiais levam a acreditar.

A tese de José Alexandre Felizola Diniz (1968) nos ajuda a compreender a organização rural de Araras em toda sua extensão, fugindo de uma limitada explanação sobre os grandes nomes e personalidades a que se prendem os registros oficiais. Sua tese nos é de especial relevância pela exaustiva descrição da área rural de Araras. Desde os primeiros loteamentos e cultivos rurais, Diniz buscou informações sobre os tipos de povoamento, de cultivo, de divisão do trabalho, de distribuição fundiária, entre outras características do rural ararense. O autor se dedicou a toda a área rural do município, abarcando tanto as pequenas como as grandes propriedades, e sua dinâmica desde a segunda metade do século XIX até a defesa da tese, em 1968. Assim, temos uma análise geográfica magistral do contexto rural de Araras daquele período, contribuindo com nosso intuito de revelar as paisagens do bairro rural Elihu Root. Os bairros rurais receberam atenção especial do autor em sua tese, pois eram numerosos e constituíram parcela fundamental do rural de Araras desde seus primórdios.

Como vimos, Araras surge a partir da expansão do cultivo de café na província de São Paulo. Entre os motivos que atraíram os produtores de café para Araras estão as grandes áreas de terra roxa existentes no município, que apresentavam intensa produtividade para essa cultura. Foi uma fase de grande crescimento populacional e econômico. Iniciado com mão de obra de base escrava, possuía extensa concentração de escravos, chegando a cerca de metade da população do município. Após a abolição em 1888, muitos imigrantes chegaram para o trabalho na lavoura, assim como trabalhadores livres de outras regiões do país.

Com a crise do café na década de 1930, diversas fazendas foram loteadas e o café foi gradativamente substituído por outras culturas, como mandioca, laranja, algodão e cultivos de subsistência. Porém, rapidamente a cana-de-açúcar é introduzida no município e, com a instalação de grandes usinas sucroalcooleiras, um novo ciclo de riqueza se instaura em Araras. Apesar de a policultura persistir nas pequenas propriedades, a predominância da cana-de-açúcar é evidente na paisagem.

Diniz identificou estas duas principais culturas, café e cana, intercalando-se nas propriedades de Araras:

Dois produtos cultivados, a cana-de-açúcar e o café, têm sido responsáveis por mudanças radicais sofridas pelas paisagens do município. A cana-de-açúcar foi responsável pela sua elaboração inicial, pois os primeiros estabelecimentos agrícolas tinham nela o seu principal sustentáculo. O café foi a cultura que libertou a área da estagnação em que se encontrava e permitiu o desenvolvimento econômico. Se, no seu progresso, teve condições de criar paisagem própria, também o fez na sua decadência, quando fazendas cafeeiras deram origem aos bairros rurais atuais. Mais recentemente, volta a cana-de-açúcar a caracterizar a paisagem, que se transforma em mar de canaviais no qual despontam as chaminés das usinas (DINIZ, 1968, p.18-19).

Interessante notar que a paisagem rural descrita por Diniz como sendo a atual se refere à década de 1960. Todavia, de modo geral, é isso o que presenciamos em Araras nos dias de hoje. Um mar de cana nitidamente predomina na paisagem. Há, nos bairros rurais, uma maior diversidade de culturas nas pequenas propriedades, bem como algumas áreas com produção de cítricos. Presenciamos assim, uma descontinuidade na antiga alternância da produção que houve no município. Desde a última investida em cana-de-açúcar, na década de 1940, esta mantém sua predominância, representada principalmente pela grande Usina São João, cujas chaminés são avistadas ao longe.

Diniz complementa sua análise sobre as alternâncias nas principais culturas até a década de 1960 e sistematiza estas fases da seguinte maneira:

[...] a paisagem rural do Município de Araras [...] é o resultado de uma tríplice alteração na combinação agrícola. A primeira ocorreu quando a primitiva cultura canavieira e de cereais foi substituída pelo café; a segunda, mais lenta e uma consequência da decadência da cultura cafeeira, quando as crises econômicas forçaram o loteamento das fazendas e o aparecimento de culturas comerciais fundamentadas em pequenas propriedades, como foi o caso do algodão, da laranja e, principalmente, da mandioca. Finalmente, a última transformação iniciou-se com a volta da cana-de-açúcar e instalação das primeiras usinas (DINIZ, 1968, p.19).

Após esta última transformação citada por Diniz, não houve outra que pudesse ser considerada decisiva como as anteriores. Apesar das lavouras de mandioca permanecerem em alguns bairros rurais e da introdução dos cítricos em algumas fazendas, a cana-de-açúcar ainda é a cultura predominante no município, como os dados da Produção Agrícola Municipal no SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática) nos confirmam. Em 2016, dos 30.000 hectares destinados à produção agrícola em Araras, 27.000 estavam ocupados com cana-de-açúcar.

Preocupado em caracterizar a distribuição fundiária e a forma de ocupação do campo em Araras, Diniz identifica três principais tipos de agrupamentos: povoamento aglomerado, povoamento aglomerado secundário e

povoamento disperso. Este último é constituído principalmente pelos bairros rurais, e é este que destacaremos a seguir.

Para Diniz, os bairros rurais tinham grande relevância na organização agrária de Araras. Considerável parcela da população rural residia nos bairros, além de estes serem responsáveis pela manutenção da diversidade de culturas no município.

Os bairros rurais em Araras surgiram, em sua maioria, “da fragmentação de antigas fazendas de café. Portanto, a característica estrutural dos bairros é a pequena ou média propriedade valorizada essencialmente pelo trabalho da família do proprietário” (DINIZ, 1968, p.27). Temos, então, a maioria dos bairros rurais com origem entre 1900 e 1930, época em que diversos fazendeiros passaram por problemas financeiros. A solução encontrada por muitos foi o parcelamento de parte de suas terras para o pagamento das dívidas. Isso proporcionou a diversos trabalhadores rurais a oportunidade de adquirir pequenas propriedades oriundas desses loteamentos o que, em muitos casos, foi a origem de bairros rurais.

Analisando e descrevendo os bairros rurais existentes em Araras, Diniz elenca seus traços essenciais e identifica suas principais características. Entre elas, as práticas comunitárias são fundamentais na organização dos bairros. Diniz cita algumas destas práticas:

[...] ocorre em larga escala a ajuda mútua em épocas de safras, a arrecadação de fundos para despesas gerais de manutenção da capela e mesmo para construção de escola. Em muitos casos os sentimentos de comunidade são reforçados por laços de parentesco (DINIZ, 1968, p.31).

Os trabalhadores rurais que adquiriram as terras das antigas fazendas de café, em sua maioria, utilizaram todas suas reservas financeiras na aquisição das terras. Portanto, tais práticas de solidariedade entre os vizinhos foram fundamentais para que estes pudessem sobreviver e produzir em suas glebas recém-adquiridas. No decorrer do tempo, tais práticas se tornaram costumes e mesmo tradições. Conforme os moradores dos bairros obtinham maior estabilidade, uniam-se para construir benfeitorias para a comunidade. Estas se concentravam e davam origem aos núcleos, como destaca Diniz (1968, p.29):

Uma característica dos bairros rurais é a existência de um núcleo, a sede da comunidade. Aí geralmente existe uma capela do santo padroeiro, construída pelos sitiantes e onde se realizam as festas religiosas anuais. Na sede pode aparecer uma escola, armazéns para abastecimento de artigos de consumo mais geral e máquinas de beneficiamento de cereais. Essas

máquinas, porém, nem sempre aparecem na sede. Podem estar distribuídas nas propriedades, como é o caso geral das fábricas de farinha e raspa de mandioca. A sede do bairro pode se constituir em pequeno núcleo residencial para os comerciantes aí localizados, e mesmo para agricultores cujas propriedades estão localizadas nas proximidades.

Vemos que além das estruturas construídas coletivamente, o núcleo abrigava também armazéns e outras atividades comerciais, assim como algumas casas de assalariados, ou mesmo proprietários que preferiam morar próximos à capela ou ao acesso para a sede municipal. Alguns bairros rurais continham ainda outra característica que lhes conferiam um aspecto diferenciado dos demais: uma estação de trem junto ao núcleo.

A presença da estação modifica um pouco a fisionomia do bairro, que se torna mais importante pelo acúmulo de mais uma função, que é a de embarque e desembarque de carga e passageiros. Os empregados da estrada de ferro, por outro lado, tornam a organização social mais complexa, pela introdução de outras categorias profissionais (DINIZ, 1968, p.30).

Em Araras, havia três bairros rurais no entorno de estações, todos com o mesmo nome da estação: Loreto, Elihu Root e São Bento. Destes, Loreto foi incorporado à malha urbana de Araras, pois era a estação mais próxima da sede municipal. No sentido da linha, Elihu Root era a estação seguinte e São Bento a última estação do município, ambos persistem como bairros rurais.

Os trilhos assumiram, então, papel importante tanto para o escoamento da produção de café das grandes fazendas, como para a formação e manutenção de bairros rurais após a crise do início do século XX. O ramal da linha férrea que passou por Araras foi construído pela Companhia Paulista, que teve grande relevância no estado de São Paulo, trilhando em direção ao interior, contribuindo para o povoamento e a exploração do sertão paulista.

Bairros rurais paulistas

O termo “bairro rural” tem destaque nesta dissertação, começando pelo título. Para os paulistas, principalmente para os mais antigos e para os que têm alguma relação com o rural, é um termo conhecido. Porém, fora do estado de São Paulo, é comum sermos questionados sobre o significado ou mesmo a existência dos bairros rurais. Isso ocorre principalmente pelo fato de o bairro rural ser uma

configuração espacial essencialmente paulista. As exceções são o norte do Paraná e sul de Minas Gerais, que tiveram maior influência do processo de ocupação e colonização paulistas.

Mas que é bairro rural? Quais características o diferenciam de outras configurações espaciais rurais? Em que contexto é formado no estado de São Paulo, e quais são seus traços essenciais? Essas são algumas das questões que nos guiaram para a escrita deste tópico.

O fato de milhares de pessoas em diversos municípios espalhados pelo estado de São Paulo se referirem ao local onde moram como sendo um bairro rural, já configura sua existência e relevância para os estudos rurais. Mesmo as autoridades municipais reconhecem a existência de bairros rurais em seus territórios, como Araras, Piracicaba e Limeira, para citar apenas algumas. Devemos, então, investigar o sentido dessa expressão tanto para as pessoas que os habitam e os experienciam, como para os estudiosos que se dedicaram a ele, buscando seus traços essenciais.

Se por um lado a expressão “bairros rurais” não é conhecida fora do estado de São Paulo, quando isolamos a palavra **bairro** a situação é o extremo oposto. Esta é utilizada cotidianamente pelos habitantes das cidades brasileiras, em geral para se referir a uma determinada área da cidade, podendo variar em tamanho, origem e função, sendo dispensável no seu uso explicações sobre seu significado. Porém, quando nos direcionamos às pesquisas científicas, há diversos estudiosos que se dedicaram aos bairros, discutindo seus possíveis sentidos na cidade. Uma das possíveis vertentes de investigação dos bairros é considerá-lo como lugar na metrópole, centro da experiência dos habitantes metropolitanos, como destacam Fernanda C. de Paula, Eduardo J. Marandola Jr. e Daniel Hogan (2007).

Mas como vimos, no estado de São Paulo o termo bairro foi adjetivado, formando a expressão “bairro rural”. Alguns estudiosos, em meados do século XX, dedicaram-se ao estudo dos bairros rurais em São Paulo. Nomes como Antonio Candido (2003), Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973), Nice Lecocq-Müller (1966) e Liliana Laganá Fernandes (1971) se tornaram referências pela qualidade de suas teses sobre o tema. São estudos nas Ciências Sociais e na Geografia que procuram compreender a relação de determinado grupo social com seu meio. Cada

qual a sua maneira, descreveu e refletiu sobre esses grupos, buscando também o sentido do termo “bairro rural”. Consideramos de fundamental importância registrar aqui a compreensão destes autores sobre o tema.

Um dos primeiros estudos publicados que identifica o bairro rural como unidade de povoamento no contexto paulista foi o de Antonio Candido em 1964 (CANDIDO, 2003), que se dedicou a descrever e analisar as condições de vida e as formas de sociabilidade do caipira paulista. O autor identificou o bairro como a unidade territorial onde habitavam os caipiras, e então buscou compreender tal conceito. Ele inicia sua investigação citando algumas definições de dicionários da língua portuguesa e espanhola para discutir o conceito de bairro.

[...] a acepção tem raízes portuguesas. O Dicionário contemporâneo (Caldas Aulete) registra: “Em geral, uma porção de território de qualquer povoação”, e o velho Moraes: “Porção do território de uma povoação”. Também na Espanha, segundo a Enciclopedia universal Espasa-Calpe: “Grupo de casas ó aldehuela dependiente de otra población, aunque esté apartado de ella”. Definições todas estas mais correspondentes à nossa realidade que a do Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa, onde vem, depois da acepção urbana corrente, como brasileiro de Minas Gerais: “pequeno povoado ou arraial” (CANDIDO, 2003, p.82).

Podemos incluir aqui a definição que Bruno Maia Halley (2014) destaca em texto dedicado à discussão do bairro. O autor aponta as raízes no latim e no árabe do vocábulo bairro, bem como as definições de dicionários.

Derivada do latim *barrium* ou do árabe *bárrī*, a palavra bairro tem um uso comum em todo o Brasil e só foi figurar nos dicionários da língua portuguesa em dois verbetes: o primeiro relativo a cada uma das partes principais em que se localiza a população de uma cidade ou vila, e o segundo, a aspectos interioranos do pequeno povoado, arrabalde ou arraial, este encontrado nos aglomerados rurais situados no interior do estado de Minas Gerais (HALLEY, 2014, p.578).

Tais definições se restringem ao uso comum de bairro, ou às formas antigas de sua designação, e não contemplam o que Candido observou na experiência e na vivência dos caipiras que habitavam os bairros rurais. Desse modo, o autor buscou descrever e investigar como se constituíam tais bairros e sua importância no processo de povoamento do estado de São Paulo. Em suas pesquisas, Candido encontrou o termo em documentos do século XVIII, já se referindo a “grupos rurais de vizinhança, que na área paulista se chamaram sempre *bairro*” (CANDIDO, 2003, p.81).

Neste contexto, Candido descreve o bairro rural como uma forma de agrupamento social de seus habitantes, pois ele o considera a estrutura fundamental

da sociabilidade caipira. Entre as principais características destacadas por Candido, estão as seguintes: a base territorial; o sentimento de localidade; a convivência; as práticas de auxílio mútuo; as atividades lúdico-religiosas (CANDIDO, 2003).

Dentre estas características, o sentimento de localidade nos parece a mais marcante para Candido, pois este se forma a partir dos demais elementos. É através do estabelecimento em uma propriedade, da relação existente entre as famílias vizinhas ou das festas religiosas que se constitui o pertencimento ao bairro rural. E isso pode se dar de diversas maneiras. O morador não necessita obrigatoriamente ser proprietário da terra, mas pode ser posseiro, parceiro ou agregado. As relações entre os vizinhos são variadas, desde mutirões, seja para a reforma de uma estrada ou ponte, a construção de uma capela, até a troca de serviço na roça ou o trabalho assalariado avulso. E as festividades em geral são religiosas, mas também em comemoração de uma colheita farta. Essas relações constituem a base do sentimento de localidade e pertencimento dos moradores de um bairro rural.

Interessante notar que tais relações não são facilmente percebidas por um observador desatento, pois muitas vezes o bairro rural pode se apresentar de maneira desconexa, ou mesmo não se apresentar enquanto unidade. Dessa maneira, entre os elementos que configuram um bairro rural, a aglomeração de casas não é fundamental, como destaca Candido (2003, p.81-82):

As habitações podem estar próximas umas das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega.

Dessa forma os bairros rurais se apresentam de maneira bastante diversificada. Podem tanto apresentar habitações dispersas, sem um núcleo que concentre as atividades, como possuir elementos centralizadores, como uma capela, uma venda, um campo de futebol. Elihu Root se enquadra no segundo caso, onde há um núcleo habitacional, com uma concentração de casas no entorno da estação ferroviária e da capela, cercada por pequenas propriedades com casas esparsas. Candido cita ainda outros significados do bairro rural.

Naturalmente, o significado acompanhou até certo ponto as características e vicissitudes das diferentes subdivisões, designando ora uma área de povoamento disperso; ora uma fazenda que nela se desenvolveu, atraindo moradores; ora o adensamento destes, em torno geralmente de capela,

numa etapa de transformação em arraial, ou “apovoado”, como se diz na fala caipira (CANDIDO, 2003, p.83-84).

Consequentemente, diversas formas de agrupamentos rurais eram designadas por seus moradores como bairros rurais. Isso torna a expressão bastante complexa, pois estes se apresentam de maneiras muito diferentes uns dos outros nas diversas áreas do estado de São Paulo em que há ocorrência deste fenômeno,. No entanto devemos buscar os traços essenciais, como o sentimento de localidade e vizinhança. Candido complementa que diante da diversidade apresentada pelos bairros rurais e a dificuldade de caracterizá-los há um elemento comum entre eles: a base territorial.

Quando faltem outros critérios, este permanece, como se pode ver pela linguagem das classes rurais abastadas que, participando cada vez menos, com o correr do tempo, na vida própria à vizinhança tradicional, tendem a empregar a palavra como designativo puramente topográfico do lugar, da área em que se contem tais e tais fazendas e sítios (CANDIDO, 2003, p.84).

Mesmo a base territorial sendo o critério que permanece e é mais facilmente reconhecido entre os bairros rurais, devemos atentar aos demais elementos essenciais constituintes de um bairro rural.

Tendo como base as considerações de Antonio Candido, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) realizou um estudo sobre os bairros rurais paulistas em que sistematiza os apontamentos de Candido e os complementa:

Era o bairro rural um grupo de vizinhança de “habitat” disperso, mas de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhe pertencer, levando-os a distingui-lo dos demais bairros da zona. O “sentimento de localidade” constituía elemento básico para delimitar a configuração de um bairro, tanto no espaço geográfico quanto no espaço social (QUEIROZ, 1973, p.3).

Queiroz identifica o sentimento de localidade como o traço comum entre os bairros rurais paulistas, mas reconhece também a diversidade encontrada neles e elenca suas principais características com base em Antonio Candido: “Os traços característicos de tais unidades de povoamento e de seus componentes foram [...] as seguintes: 1) isolamento; 2) posse de terras; 3) trabalho doméstico; 4) auxílio vicinal; 5) disponibilidade de terras; 6) margem de lazer” (QUEIROZ, 1973, p.7).

Queiroz investigou diversos bairros rurais no estado de São Paulo. Entre estes, citamos apenas dois, um situado na bacia do ribeirão das Antas, região de Taubaté, e o bairro Taquarí, em Leme. No caso do primeiro bairro, a autora

encontrou as características elencadas por Antonio Candido, e constatou que a dinâmica do bairro rural passava por mudanças. Queiroz buscou analisar as características do bairro rural e verificou transformações significativas em algumas delas, como em relação ao isolamento, que não era o caso do bairro rural estudado, pois se localizava próximo à cidade de Taubaté, o que não resultou em descaracterização do bairro. Mesmo com estradas precárias no acesso, havia circulação de pessoas e mercadorias, caminhões passavam diariamente recolhendo o leite produzido, não sendo raras as visitas à cidade, tanto para compras como para atividades lúdico-religiosas.

As relações de trabalho também sofreram mudanças, tanto com a inserção de novas técnicas, principalmente com a utilização de maquinário, como com a utilização crescente de mão de obra assalariada. No entanto, práticas tradicionais permaneciam. Festas religiosas, trabalho familiar, mutirões e consulta a curandeiros resistiam às mudanças. Em verdade, Queiroz conclui que mesmo com a proximidade a um centro urbano e com transformações em alguns aspectos de economia e sociabilidade, o bairro rural resistiu, permanecendo em sua essência.

No caso do bairro Taquarí, em Leme, Queiroz identifica uma mudança que leva a questionar se Taquarí é um bairro rural. Candido havia designado os bairros rurais como uma forma de organização espacial dos caipiras no estado de São Paulo. Porém, neste bairro em Leme, Queiroz encontrou agricultores que tinham a comercialização de suas culturas como principal meio de vida. O cultivo de subsistência era apenas complementar. No entanto, outras manifestações e práticas existentes no bairro permaneciam semelhantes às identificadas por Candido, assim como no bairro de Taubaté: ajuda mútua, relações vicinais, religiosidade e festas. Estes traços, para a autora, são essenciais na definição de um bairro rural.

Os estudos de Candido e Queiroz buscaram investigar os meios de vida e a sociabilidade caipira. Em suas pesquisas, os bairros rurais surgiram como forma de organização espacial da população caipira e de pequenos agricultores paulistas. Porém, Nice Lecocq Müller (1951; 1966) e Liliana Laganá Fernandes (1971), com um olhar geográfico sobre os bairros rurais, identificam esta configuração espacial para além dos meios de vida e sociabilidade, encontrando uma diversidade enorme na ocorrência destes no estado de São Paulo.

Em seus estudos, Müller destaca a necessidade de estudar os bairros rurais como importante configuração espacial agrária do estado de São Paulo. Inicialmente, ela define o bairro rural de maneira genérica:

[...] é todo conjunto de casas, suficientemente próximas para que se estabeleçam contatos sociais entre seus moradores. É uma célula de comunidade rural onde existem certos tipos de parentesco ou de vizinhança, reforçados frequentemente pela existência da venda, capela ou escola e cujo raio de ação marca os limites do bairro (MÜLLER, 1966, p.129).

Definido desta maneira, tínhamos muitos bairros rurais espalhados pelo estado de São Paulo. De certo modo, as características identificadas pela autora são a base deste conceito. Porém, em estudo mais detalhado sobre a organização agrária do município de Piracicaba, Müller enumera outros elementos de base, diferencia as principais formas de surgimento e identifica diversos tipos de bairros rurais neste município. Um dos pontos destacados pela autora é o caráter disperso desta organização espacial, destacado no trecho a seguir.

Em suas áreas de dominância, os bairros se sucedem como unidades de povoamento e de organização do espaço agrário. Os bairros se compõem, como unidade de povoamento, de duas partes: um “núcleo”, composto por número variável de construções, mas suficientemente próximas para que se defina um agrupamento humano na paisagem, e uma área periférica, formada por propriedades rurais, com *habitat* disperso. Por isso, ao percorrer essas áreas, o observador tem sempre a impressão de um *habitat* disperso dominante, com adensamento em alguns pontos (MÜLLER, 1966, p.100-101).

Desta maneira, Müller identifica uma morfologia específica dos bairros rurais paulistas, possuindo um núcleo com certo adensamento de construções e uma área periférica de tamanho variado, com as habitações distantes umas das outras, respeitando os limites das propriedades rurais, mas estabelecendo relações com o núcleo. Esse caráter disperso muitas vezes foi confundido como ausência de organização espacial, o que na verdade revelava exatamente o oposto, um tipo característico de organização do espaço agrário paulista. O bairro rural, de acordo com as possibilidades oferecidas em seu núcleo e sua origem, corresponde a uma célula organizada. E, para Müller, “as várias células, ou os vários bairros, se integram num conjunto hierarquizado, que mantém relações com outras formas de organização do espaço agrário (fazendas, usinas) e com os núcleos urbanos” (MÜLLER, 1966, p.129-130).

O núcleo dos bairros rurais pode apresentar diversas características. Em linhas gerais, ele oferece alguns serviços e é o local de socialização, onde os

moradores estabelecem suas relações. O mais comum é o elemento centralizador do bairro rural ser representado pela capela. As celebrações e as missas semanais ou mensais congregam vários moradores, sendo um momento de coesão e fortalecimento dos laços de vizinhança. As festividades dos santos destas capelas também representam momento de reunião e exprimem as relações existentes entre os moradores. Mas, além da capela, é comum existir outros elementos de coesão no núcleo. A venda é um ponto de encontro dos homens no fim de semana, onde se reúnem para conversar e beber. Há também bairros rurais que possuem campos de futebol, e outros onde a estação de trem é elemento centralizador. Os núcleos podem ter um ou mais elementos conjuntamente, como o caso de Elihu Root, que possui a capela, a estação de trem e a venda, com uma pequena aglomeração de casas no entorno da capela.

A área periférica do bairro rural pode ter tamanhos muito variados. Em casos em que a fragmentação da propriedade de terra foi maior, e há várias pequenas propriedades, o bairro pode alcançar grandes áreas. Em locais onde houve um pequeno lote dividido e o bairro é cercado por grandes fazendas, a área periférica em geral é menor. O grau de fragmentação da terra está relacionado com a gênese do bairro rural. Müller (1966) identifica os principais contextos no surgimento dos bairros rurais desde o século XIX até a década de 1960, mas com maior número de novos bairros entre 1920 e 1940. Entre as principais origens dos bairros rurais, destaca-se a fragmentação de parte de grandes fazendas, onde seus proprietários se viram forçados a vender lotes de terras por dificuldades financeiras. Por consequência, imigrantes e trabalhadores rurais que conseguiram guardar dinheiro puderam comprar pequenos lotes e iniciaram uma pequena aglomeração. Muitas vezes, a capela já havia sido construída pelo próprio fazendeiro, e este faz o loteamento na área. Mas além dessa origem, há os que surgiram a partir de núcleos coloniais, colonização espontânea, no entorno de uma estação de trem ou uma conjunção desses fatores.

Desta maneira, Müller compreende o bairro rural paulista como uma forma característica de organização espacial em São Paulo, com uma enorme diversidade de elementos, mas com traços essenciais que os definem, destacando, tanto quanto Candido e Queiroz, o sentimento de localidade e pertencimento dos moradores.

Devemos ressaltar também o clássico estudo da geógrafa Liliansa Laganá Fernandes (1971) sobre o bairro rural dos Pires, em Limeira. Tal como Müller, com um olhar geográfico, Fernandes aponta para a diversidade existente entre os bairros rurais. Porém, a autora se atenta aos traços comuns existentes entre eles, e não em suas disparidades. O principal elemento aglutinador de um bairro rural, “o denominador comum, é representado, sem dúvida, pelo sentimento de grupo, resultado do espírito gregário, da necessidade humana de estabelecer contatos com os vizinhos” (FERNANDES, 1971, p.8).

Este sentimento de grupo, esta relação com os vizinhos ocorre por meio das práticas identificadas por Candido, Queiroz e Müller. São as festividades religiosas, os mutirões, os encontros nas vendas. Estas atividades, tradições ou costumes de determinados grupos de pessoas na área rural do estado de São Paulo é que caracterizam o bairro rural. Para Fernandes,

O elemento permanente, enfim, seria constituído pela existência de certa unidade entre um grupo de vizinhos, resultado da soma de determinados elementos de coesão, fazendo com que se estabeleçam contatos e intensa vida de relações, dentro de uma determinada área, a que o povo denomina de “bairro” (FERNANDES, 1971, p.7).

Houve no estado de São Paulo uma conformação destes elementos de coesão em diversos povoamentos na área rural. Portanto, por mais diversos que fossem em relação à origem ou a outros aspectos, o sentimento de localidade, de pertença e de grupo configuravam a formação de um bairro rural, onde os moradores se reconheciam como parte deste. Fernandes reconhece então a diversidade e multiplicidade envolvida na definição de bairros rurais.

Assim compreendidos, os bairros rurais são numerosíssimos no estado de São Paulo, espalhados em todas as zonas, aparecendo em áreas com condições físicas, históricas e econômicas extremamente variadas, apresentando uma riqueza enorme de tipos, quanto aos fatores que originaram e determinaram os grupos, quanto à época em que surgiram, aos laços atuais de coesão, à morfologia de seu “habitat”, às formas de utilização do espaço agrícola, à organização econômica e social, etc. (FERNANDES, 1971, p.8).

Desta forma, em diversas áreas do estado de São Paulo, inicialmente nas zonas de povoamento mais antigas, mas acompanhando também a marcha pioneira a oeste, os bairros rurais foram se multiplicando como forma de unidade de determinado grupo populacional, ocupando e povoando as áreas rurais. Definidos principalmente pelo sentimento de localidade e pertença de seus moradores, mas acompanhados de outros traços essenciais, os bairros rurais

paulistas foram identificados por estes grandes pesquisadores como uma expressão própria de parte da população rural do estado de São Paulo.

Porém, a segunda metade do século XX foi de intensas mudanças sociais, políticas, econômicas e tecnológicas no Brasil e no mundo. Destacamos aqui a enorme massa trabalhadora que deixou a área rural em direção às cidades, num movimento que resultou numa grande diminuição da população rural, e as novas técnicas introduzidas pela chamada “revolução verde”, com a utilização massiva de máquinas e insumos na atividade agrícola. Essas transformações ocorridas no Brasil já foram foco de centenas ou milhares de estudos nas mais diversas áreas. E muitos destes concluíram que o rural seria esvaziado, que não haveria mais uma população rural, e o urbano ou as urbanidades dominariam e extinguiriam o rural.

Com isso, tivemos um hiato de cerca de trinta anos nos estudos sobre os bairros rurais paulistas, afinal, os estudos apontavam para a extinção destes. No entanto, no início do século XXI, diversas pesquisas retomaram o tema. É o caso de Paulo César de Souza e Antonio Nivaldo Hespanhol (2010) e Larissa Mies Bombardi (2004). Além destes, nos últimos 15 anos, algumas dezenas de dissertações e teses foram publicadas nas três universidades paulistas onde tinham direta ou indiretamente os temas relacionados aos bairros rurais. Em todos estes estudos recentes, os autores se remetem às definições e reflexões desenvolvidas por Candido, Queiroz, Müller e Fernandes. Eles buscam uma solidez em relação ao surgimento dos bairros rurais e destacam a resistência destes, mantendo seus traços essenciais e se adaptando às mudanças na sociedade.

O estudo de Bombardi (2004), que tratou de um bairro rural relativamente recente em Campinas, resultado de um assentamento rural de Reforma Agrária, destaca as questões de classe envolvidas no campesinato brasileiro, especificamente no campo paulista. A autora se refere às definições clássicas de bairro rural e ressalta os aspectos que julga essenciais aos bairros de hoje. Para a autora,

O **bairro rural** se configura [...] como a expressão da **identidade territorial** de um grupo de sítiantes (camponeses) que através do trabalho familiar transforma o meio natural, ou um território anterior, por meio de padrões culturais – estabelecendo uma rede de relações entre si que cria uma especificidade no território, que se caracteriza por exemplo, através do tamanho semelhante dos sítios, de tipos de cultivo em comum, de técnicas

de trabalho semelhantes, da semelhança na organização interna dos sítios etc. (BOMBARDI, 2004, p.61).

Para Bombardi (2004), em uma visão geográfica, é essencial o papel do território para a caracterização dos bairros rurais, mas não de forma isolada. Desta maneira, a base territorial não é apenas o suporte, mas exerce influência nas demais relações existentes no bairro. E para entender um bairro rural é necessário compreender as relações sociais no campo.

É a partir das relações sociais que se evidencia a noção de pertencimento existente entre os moradores do bairro. E esse pertencimento, por seu tipo específico de solidariedade, expresso nas relações de vizinhança, com a escola, com a venda, com a capela, dá origem e configura um bairro rural (BOMBARDI, 2004).

Souza e Hespanhol (2010) trazem outra abordagem ao investigarem a resistência dos bairros rurais no oeste paulista. Eles destacam a capacidade dos moradores destas áreas de se adaptarem às mudanças ocorridas no campo na segunda metade do século XX, principalmente em relação às técnicas de produção e a inserção no mercado.

Para Souza e Hespanhol (2010, p.78), “os bairros rurais são unidades geográficas e componente social caracterizados pela vizinhança, costumes comuns, identidade, história, cultura, ocupação territorial hereditária, crença e preservação dos recursos naturais”. Nesta definição, os autores inserem alguns elementos complementares aos de Antonio Candido, que utilizaram como base. O ponto-chave levantado pelos autores é o fato de o bairro rural ser uma configuração espacial que surge em uma época e região específicas, mas que não é estática e não é isolada, relaciona-se com a dinâmica social, econômica e política. Portanto,

[...] entende-se que a formação dos grupos rurais no Brasil acompanhou as transformações nos modos de produção. A definição desses agrupamentos não apareceu pronta no espaço e no tempo, é decorrência da adaptação e da resistência de grupos, que visavam atender suas necessidades básicas de sobrevivência e reprodução social.

Esses grupos sofreram transformações sem perderem sua legitimação social, sem deixar de ser uma organização socioespacial que desenvolve, na história, nova funcionalidade. Verificou-se então, que o agente social é a concretização e a identificação do grupo ou da comunidade como parte de um todo, do reconhecimento de ser coletivo (SOUZA; HESPANHOL, 2010, p.72).

Não encontraremos um bairro rural hoje com as mesmas configurações e características de sua origem. As transformações ocorridas no Brasil e no mundo durante o século XX, em especial na segunda metade, afetaram todos os níveis da sociedade. Os bairros rurais, naturalmente, não seriam excluídos destas mudanças. Porém, a inserção de novas técnicas, um maior atendimento de serviços públicos, como iluminação, eletricidade, água encanada, entre outros, não é capaz, por si só, de descaracterizar esta configuração espacial. Os bairros rurais, “apesar das novas configurações sociais e geográficas, ainda permanecem” (SOUZA; HESPANHOL, 2010, p.75).

Desta maneira, os bairros rurais paulistas se configuram como possibilidade de existência, uma forma de habitar o rural. Pertencer a um bairro rural não significa se prender a tradições ou costumes, antes, é a possibilidade de ressignificá-las, adaptando-se às mudanças na sociedade.

Nos trilhos de um ramal da Paulista

Durante nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de entrevistar um funcionário aposentado da Companhia Paulista. A reputação da empresa em relação ao ótimo tratamento aos funcionários é bastante conhecida, mas quando conversamos com Joa., o orgulho em afirmar que se aposentou sendo funcionário apenas da Paulista por cerca de 40 anos transborda. Hoje com 92 anos, residente em Cordeirópolis, Joa. iniciou sua carreira na Paulista por volta dos 23 anos de idade, na década de 40. Nesta época a empresa já era consolidada e possuía trilhos que se espalhavam pelo interior do estado, desde Jundiaí, passando por Campinas, e desta cidade se ramificando em várias direções. A linha-tronco da Paulista bifurcava em Itirapina, seguindo por um lado na direção do Triângulo Mineiro e no outro na direção do Mato Grosso (Figura 2). Das linhas-tronco saíam diversos ramais que passavam por pequenas cidades e muitas fazendas, principalmente produtoras de café.

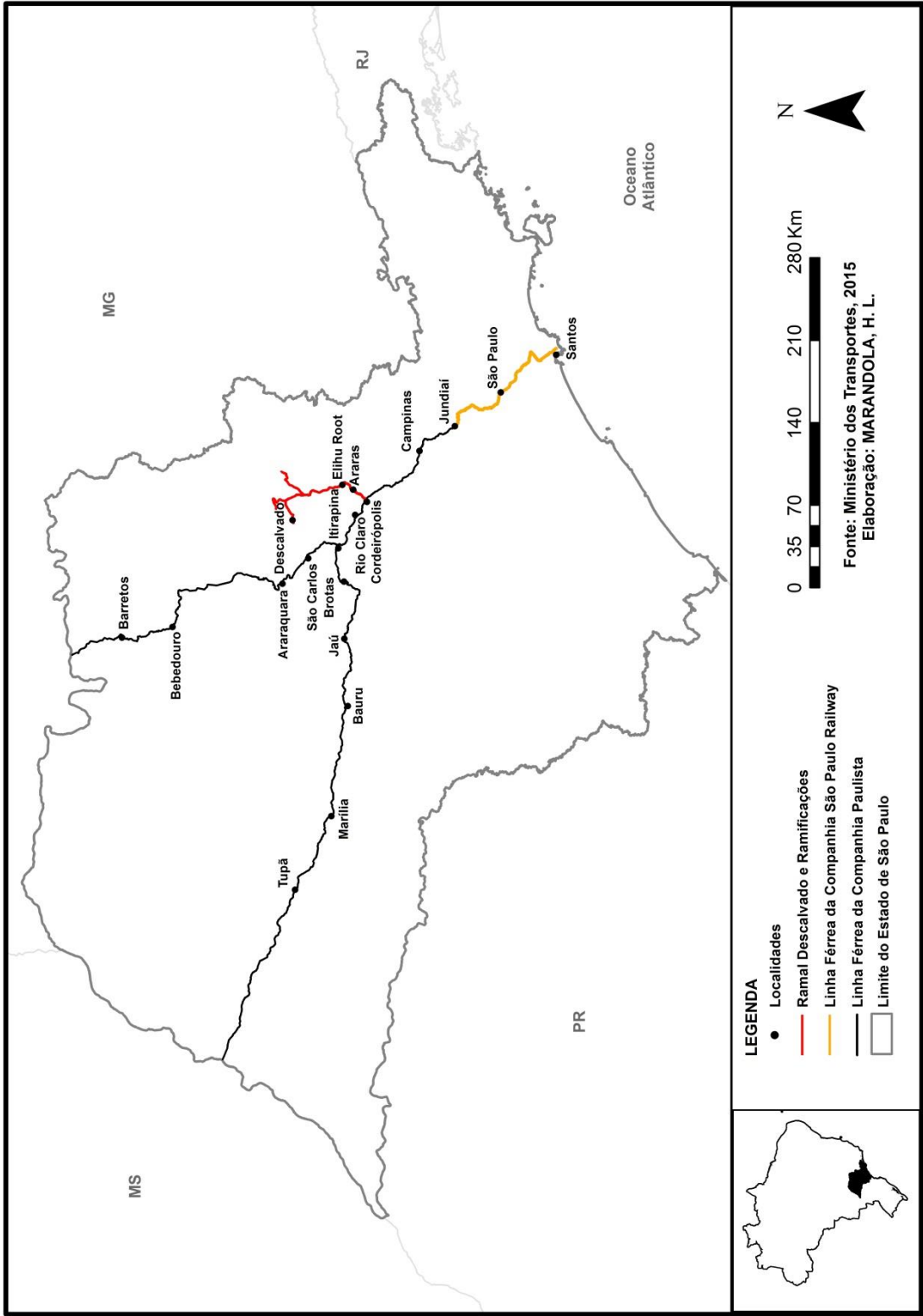


Figura 2: Linhas-tronco da Companhia Paulista.

Muitos estudos analisaram o impacto da implantação das linhas férreas no estado de São Paulo para o crescimento populacional, o desenvolvimento das lavouras de café e o posterior desenvolvimento industrial, além da importância histórica patrimonial que os trilhos e as estações representam hoje (GRANDI, 2013; BRAY, 2011; GIESBRECHT, 2003; SAES, 1981). Desta maneira, deteremo-nos em contextualizar o surgimento da primeira empresa férrea de capital totalmente nacional e privado, pois nosso intuito é compreender a relação dos trilhos de um ramal da Paulista com o bairro rural Elihu Root.

Após a desistência da empresa inglesa São Paulo Railway em continuar a linha que ligava Santos a Jundiaí, surge em 1868 a Companhia Paulista de Estradas de Ferro de Jundiaí a Campinas. Esta empresa foi resultado da reunião de grandes produtores de café da província de São Paulo, interessados em otimizar o transporte de cargas das suas propriedades. Portanto, constituíram a empresa e, em 1872, concluíram as obras até Campinas. Esta cidade se tornou um grande entroncamento ferroviário, servindo de ligação entre o interior paulista e o porto de Santos, tanto para a Companhia Paulista, como para a Companhia Mogiana e outras companhias férreas (BRAY, 2011).

Guiada principalmente pelos interesses dos acionistas, que em sua maioria eram produtores de café, a Companhia Paulista avançou pelo interior da província de São Paulo, alcançando inicialmente as manchas de terra roxa na depressão periférica, onde se concentravam as grandes fazendas de café. A constituição desta empresa foi um marco para o Brasil, e principalmente para São Paulo, por ser a primeira empresa férrea de capitais totalmente nacionais e privados. Apesar de os ingleses deterem o monopólio da estrada que ligava Jundiaí a Santos, mantendo sua relevância na província, a Companhia Paulista passou a dominar o interior, abrindo grandes linhas de circulação de pessoas e mercadorias.

Os trilhos da Paulista seguiam de Campinas para Limeira, Rio Claro e São Carlos. Antes de Rio Claro, da estação de Cordeirópolis saía um ramal para Descalvado, que passava por Araras, Leme, Pirassununga e Porto Ferreira. Em Araras, os trilhos da Paulista foram inaugurados em 1877, assim como a pequena estação de Guabirola, que posteriormente passa a se chamar Elihu Root.

A rede de trilhos da Companhia Paulista chegou a alcançar os extremos do estado de São Paulo antes de seu fechamento e unificação das

ferrovias paulistas com a criação da Fepasa (Ferrovia Paulista Sociedade Anônima) na década de 1970. A Figura 2 mostra o traçado das ferrovias da antiga Companhia Paulista, e destaca o ramal de Descalvado, onde se encontra o bairro rural Elihu Root e sua estação. Observamos que o tronco principal segue, após a passagem por Campinas, em direção a Limeira, Rio Claro, Araraquara e adiante. Porém, com as diversas fusões com outras companhias férreas, a linha-tronco da Paulista teve uma bifurcação em Itirapina, de onde trilhava para Brotas, Jaú, até alcançar o sertão do oeste paulista com a divisa com Mato Grosso.

O ramal de Descalvado originalmente não poderia atravessar o rio Mogi-Guaçu. Seu traçado acompanhava o rio em sua margem esquerda até Porto Ferreira, onde por um período houve linhas fluviais da própria Companhia Paulista. Em vista disso, fazendo a baldeação entre os dois modais de transporte, a Paulista alcançava áreas mais no interior, atendendo a região de Ribeirão Preto. Posteriormente, foi permitida a construção de outras linhas férreas que acabaram por inutilizar as vias fluviais.

O motivo pelo qual a Paulista não poderia atravessar o rio Mogi-Guaçu era concessão necessária para a construção das ferrovias. Esta era conferida pela província de São Paulo, e no caso da Paulista, alcançava apenas a margem esquerda do Mogi-Guaçu. Porém, próximo à margem direita do rio, encontrava-se uma das maiores fazendas produtoras de café, a fazenda Santa Veridiana, próxima a Santa Cruz das Palmeiras. O proprietário desta fazenda foi um dos maiores acionistas da Companhia Paulista. Deste modo, a partir de uma interpretação sobre as medições da concessão destinada à empresa, foi feita uma bifurcação no ramal pouco à frente de Pirassununga, que seguia em direção à cachoeira das Emas, cruzava o rio Mogi-Guaçu, passava por Santa Cruz das Palmeiras e tinha sua parada final na própria sede da fazenda Santa Veridiana (GIESBRECHT, 2003).

Voltando à nossa conversa com Joa., funcionário aposentado da Paulista, ouvimos o nome de todas as estações do ramal de Descalvado. Ele trabalhou muitos anos como guarda-trem neste ramal. Com exceção de um ou dois nomes, que lembrou alguns minutos mais tarde, ditou uma a uma as paradas que fazia durante o trabalho. Iniciando em Cordeirópolis, as estações são as seguintes, como se pode ver na Figura 3: Remanso, Araras, Loreto, Elihu Root, São Bento,

Leme, Souza Queiroz, Pirassununga, Laranja Azeda. Em Laranja Azeda havia a bifurcação que levava de um lado a Descalvado e de outro à fazenda Santa Veridiana. Na direção de Descalvado as estações eram as seguintes: Porto Ferreira, Butiá, Descalvado. Na outra direção tínhamos as seguintes estações: Emas, Baguassú, Santa Silvéria, Santa Cruz das Palmeiras, Santa Veridiana. Depois de Santa Veridiana havia um ponto de baldeação entre as ferrovias da Companhia Paulista e da Companhia Mogiana. Joa. ainda citou outros dois pequenos ramais em bitola estreita que foram construídos por volta da década de 1940. Um iniciava em Descalvado e tinha duas estações, Pântano e Aurora, onde terminava. O outro saía de Porto Ferreira, onde cruzava o rio Mogi-Guaçu e passava pelas estações Ibá, Procópio Carvalho, Santa Rita do Passa Quatro, Santa Olívia, Bento de Carvalho e terminava em Vassununga.

A área atendida pelo ramal de Descalvado atingia as manchas de terra roxa da depressão periférica. Interessante notar em relação às datas de abertura de ramais e estações que, na maioria dos casos, tanto a produção de café como os municípios já existiam antes da chegada dos trilhos. Como no caso de Araras, onde os barões de Araras e de Arary já produziam café na região, sendo os principais articuladores para a fundação do município em 1871. Inclusive, os registros nos relatórios da diretoria da Companhia Paulista aos acionistas apontam o Barão de Araras como um dos maiores acionistas na empresa (COMPANHIA PAULISTA, 1888), indicando uma possível influência deste no traçado da linha férrea.

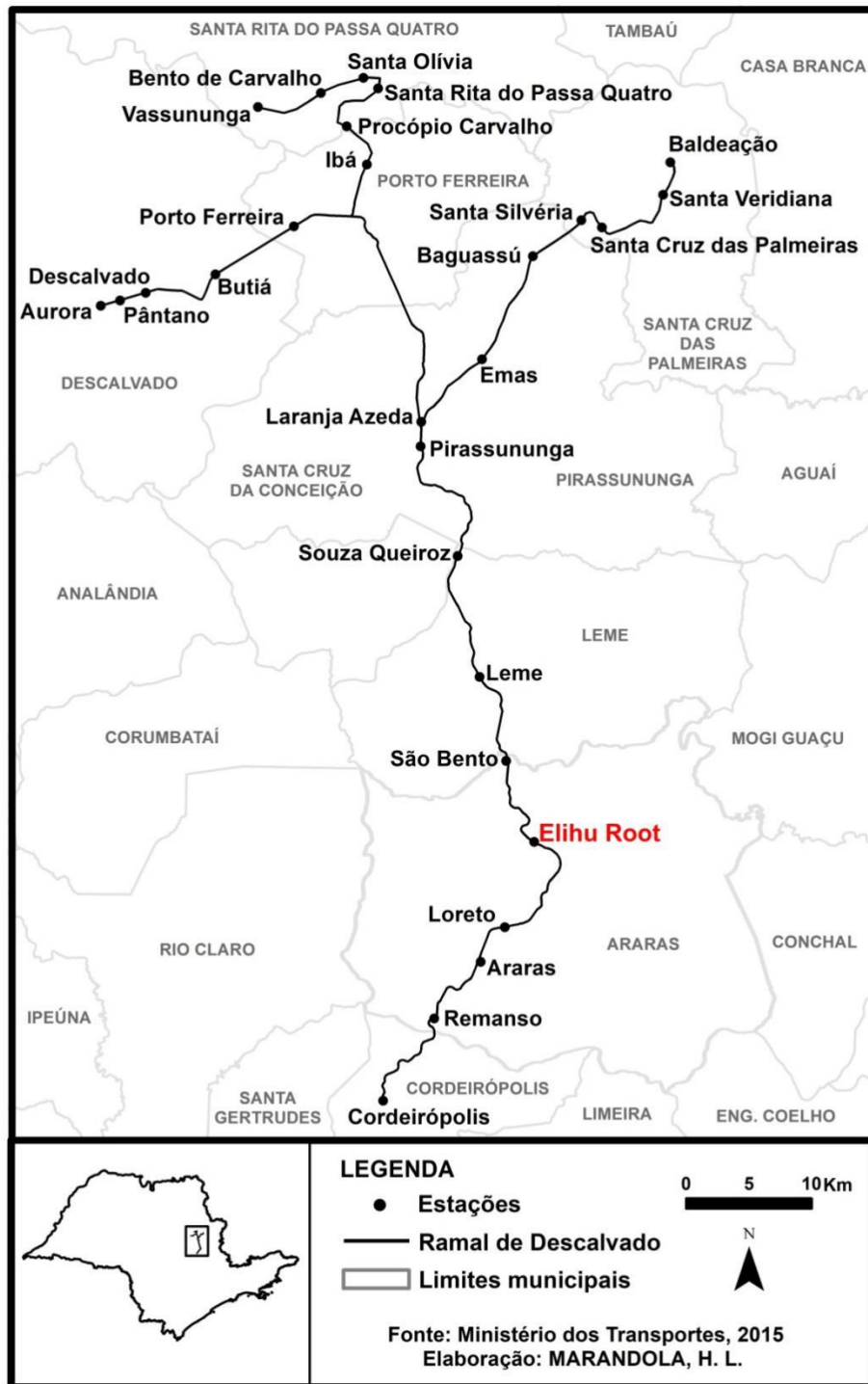


Figura 3: Ramal de Descalvado e suas estações.

Portanto, os trilhos da Paulista acompanhavam e buscavam as regiões onde havia a garantia de fretes, o que significava alcançar as fazendas de café em fins do século XIX. A estação de Guabiroba foi construída com este objetivo, atender as grandes fazendas da região, Santa Cruz e Araruna, além de outras um pouco mais distantes.

Foram os trilhos da Paulista que determinaram o surgimento do bairro rural Guabiroba, que passou a se chamar Elihu Root. A construção da estação, na baixada, próxima a um pequeno córrego afluente do ribeirão Arary, é anterior à formação do bairro. No entanto, isso não o descaracteriza, apenas insere outros elementos tanto na organização social como nas relações de trabalho, pois na fragmentação das fazendas de café decorrentes da crise, os lotes que foram vendidos se localizavam exatamente no entorno da estação Elihu Root, formando então o bairro rural.

Elihu Root, um bairro rural paulista

Hoje, o acesso para o bairro rural Elihu Root é feito pela estrada vicinal Dr. Fabio S. Prado, asfaltada e em boas condições. Quando chegamos a Araras pela Rodovia Anhanguera, SP-330, utilizamos a saída 170 para a Avenida Dona Renata, que ocupa as duas margens do córrego das Furnas, canalizado e afluente do Ribeirão das Araras. Após passar pela rodoviária, acompanhamos as placas que indicam o aeroporto, e estas nos levam à referida estrada vicinal. Elihu Root dista cerca de seis quilômetros do centro de Araras, no sentido nordeste. No trajeto, gradativamente deixamos o urbano em direção ao rural, saindo de uma ocupação mais densa, passando por áreas residenciais, novos loteamentos, algumas áreas de especulação, o aeroporto, condomínios residenciais horizontais, loteamentos de chácaras de lazer e, por fim, a cana-de-açúcar. Após este curto trajeto percorrido de carro ou de moto chegamos ao bairro rural Elihu Root.

No entanto, em fins do século XIX, quando surge o bairro rural, o acesso se dava majoritariamente via trem. O traçado do ramal da Paulista que passava por Araras e seguia até Elihu Root era diferente da estrada de hoje. Os trilhos seguiam inicialmente da estação central de Araras no sentido norte,

acompanhando o ribeirão de mesmo nome. Havia um desvio à leste até alcançar a pequena estação de Loreto, muito próxima. Após essa estação fazia uma curva em direção ao norte e levemente a nordeste e seguia até alcançar a estação de Guabiroba (Figura 3). Não havia uma transição gradativa entre o urbano e o rural. A estação de Araras estava à margem da cidade, de onde já se avistavam os cafezais, e estes predominavam por todo o caminho. Entre estes cafezais, os passageiros observavam apenas pequenos fragmentos de matas nos vales e em vertentes mais íngremes e, quando se aproximavam de um bairro rural, a policultura das pequenas propriedades.

O surgimento deste bairro rural, Elihu Root, foi em decorrência da chegada dos trilhos de um ramal da Paulista. Nos seus primórdios, chamava-se Guabiroba, o mesmo nome da estação ferroviária inaugurada em 1877. A estação foi construída tanto para abastecer de água as locomotivas, como para escoar a produção de café das proximidades, principalmente das fazendas Santa Cruz e Araruna. Desta forma, foram erguidas diversas edificações para organizar o trabalho dos ferroviários.

Os relatórios da diretoria da Companhia Paulista a seus acionistas, disponíveis no *site* do Laboratório de Patrimônio Cultural do campus Experimental de Rosana da Unesp (COMPANHIA PAULISTA, 1883; 1888; 1907), registram os anos em que cada edificação ficou pronta. Podemos assim acompanhar como se deu o surgimento do bairro rural nos seus primeiros anos há mais de um século, com a abertura da linha férrea, a construção dos primeiros prédios e casas.

A estação de Guabiroba foi inaugurada em 1877 funcionando em um prédio provisório de madeira. Nos primeiros anos, os funcionários dormiam ali mesmo na estação, de maneira improvisada. O primeiro prédio de tijolos entregue foi o armazém de cargas, em 1882. Este era fundamental para garantir os fretes da estação. Ali, os fazendeiros podiam proteger as sacas de café até a chegada dos trens, minimizando os riscos. O armazém permanece em pé até hoje. A Figura 4 nos mostra a situação de abandono em que se encontra o prédio. No entanto, é impressionante a resistência do armazém com mais de 130 anos, abandonado há quase 20. É verdade que boa parte do telhado caiu, ou foram retiradas as telhas, mas as paredes de tijolos permanecem eretas, sólidas sobre a base de pedras.



Figura 4: Armazém de cargas construído em 1882, em situação de abandono.
Fonte: MARANDOLA, H. L., junho de 2016.

Com a construção do armazém, os fretes aumentaram consideravelmente na estação de Guabiroba. Portanto, a Paulista realizou melhorias na infraestrutura. Em 1889 foi assentada uma caixa-d'água para facilitar e agilizar o abastecimento de água para as locomotivas e para a estação. E em 1891 foi entregue a estação definitiva, de tijolos, com uma plataforma de embarque maior e mais confortável. A Figura 5 mostra a situação que se encontra a estação atualmente: abandonada, com pichações nas paredes, vegetação crescendo no telhado, sem piso em algumas salas. Mas resistente, persistente. É um belo prédio que chama a atenção de quem passa por ali. Tanto que é comum aos fins de semana cruzar com curiosos que param com a família para tirar fotos.



Figura 5: Estação Elihu Root, antiga estação Guabiroba, construída em 1891.
Fonte: MARANDOLA, H. L., junho de 2016.

Com a construção desta nova estação, o material oriundo da demolição da estação provisória de madeira serviu para a construção de casas para os funcionários da ferrovia (COMPANHIA PAULISTA, 1883). Os registros e os relatos indicam que foram estes ferroviários os primeiros moradores da área do bairro rural. Foi depois deles que houve o parcelamento da área no entorno da estação. Antes ainda do parcelamento, foi construída uma capela, ainda no século XIX, segundo alguns dos moradores atuais (fato que não foi possível ser confirmado), o que coincidiria com os primeiros moradores e a construção da estação. É uma capela dedicada a São Sebastião, e ainda hoje mantém as celebrações aos domingos, com missas uma vez ao mês. Podemos ver na Figura 6 a diferença entre estas construções de mais de um século. Por contar com manutenção e uso regular, a capela apresenta ótimo estado de conservação. Inclusive, na década de 1990 a área do entorno da capela passou por um processo de urbanização, com pavimentação, iluminação pública, telefone público e outras benfeitorias, como registra a placa no canto esquerdo da foto, em frente ao coreto, construído em uma das reformas na capela (não foi possível precisar o ano).



Figura 6: Capela a São Sebastião.
Fonte: MARANDOLA, H. L., junho de 2016.

Desta maneira, após a construção do armazém de cargas, da estação definitiva e da igreja, iniciou-se o primeiro parcelamento das terras do entorno da estação de Guabiroba, que deu origem ao bairro rural.

Mas como se deu a transição de Guabiroba para Elihu Root? O que levou à passagem de um nome de origem indígena, em referência às frutas da região, para Elihu Root, um nome alheio ao bairro?

O relatório de 1907 da diretoria da Companhia Paulista a seus acionistas apenas informa, em breve nota, em meio a diversas observações, que “no dia 18 de agosto de 1906 a estação de Goabiroba passou a chamar-se de Elihu Root” (COMPANHIA PAULISTA, 1907).

Os registros informam que Elihu Root foi um secretário de Estado dos Estados Unidos da América que visitou o Brasil para a Conferência Pan-Americana em 1906. Era a primeira vez que um secretário de Estado norte-americano realizava uma visita oficial fora de seu país (DULCI, 2008). Ou seja, um evento diplomático marcante. Como o objetivo da visita de Elihu Root ao Brasil era fortalecer os laços comerciais entre os EUA e os demais países da América, ele foi convidado a visitar uma fazenda produtora de café, produto que seu país importava

em grandes quantidades do Brasil. A fazenda Santa Cruz, em Araras, foi a escolhida. Parte de sua viagem foi patrocinada pela Companhia Paulista, e Elihu Root desembarcou na então estação de Guabiroba para chegar a seu destino. Em homenagem à ilustre visita, a Companhia Paulista decidiu alterar o nome da estação imediatamente, passando de Guabiroba para Elihu Root (GIESBRECHT, 2003).

O nome do bairro rural que se formava no entorno da estação acompanhou tal mudança. Muitos dos moradores com quem conversamos não tinham conhecimento de que seu bairro um dia foi chamado Guabiroba. No entanto, há um muro em uma das casas com uma pintura de um trem e os dizeres “Saudade de Guabiroba”. O secretário de Estado norte-americano não teve uma relação especial com o bairro rural, nem mesmo com a estação, pois apenas a utilizou para embarque e desembarque. Não havia nenhuma ligação anterior, e não houve posterior, entre a estação ou o bairro rural e o secretário norte-americano. Entretanto, Guabiroba deu lugar a Elihu Root, e é assim há 110 anos.

A partir das considerações feitas sobre a organização rural de Araras, sobre a Companhia Paulista e sobre o bairro rural, buscaremos desvelar as paisagens de Elihu Root. Para tanto, é necessário refletir em torno da concepção de paisagem com que dialogaremos nesta dissertação. No capítulo que segue, dialogamos com geógrafos como Éric Dardel, Yi-Fu Tuan e Werther Holzer, que têm a fenomenologia como elo entre suas pesquisas sobre paisagem, e explicamos como a obra de Augustin Berque nos guiará na tarefa de revelar as paisagens do bairro rural.



Capítulo 2

*Paisagem, essência geográfica:
marcas e matrizes em Augustin Berque*



Toda a geografia está na análise da paisagem.

Lucien Febvre (apud E. Dardel, 2011, p.30)

A paisagem é um conceito presente na Geografia desde seus primórdios até sua consolidação enquanto ciência. Está entre os conceitos-chave desta disciplina e já foi abordada a partir de diferentes vertentes filosóficas e científicas ao longo dos séculos XIX e XX. É consenso entre os estudiosos que, no ocidente, a noção de paisagem surge inicialmente no Renascimento, ligada às técnicas de pintura em perspectiva. Alguns autores citam as pinturas rupestres, que retratavam o meio onde as populações antigas viviam, como os primeiros traços do que viria a ser paisagem, mas ainda assim se firmando enquanto noção apenas na modernidade. A Geografia e outras ciências como a Arquitetura, a Sociologia e a Literatura, apropriaram-se da noção de paisagem e lhe aportaram outros sentidos, aprofundando e ampliando a discussão sobre o tema (HOLZER, 1998; MARANDOLA JR., 2014b; MAXIMIANO, 2004).

Quando surgiu no Renascimento, a paisagem se restringia a uma perspectiva, àquilo que pode ser abarcado com o olhar. Esta origem está ligada à arte e às técnicas de pintura em cavalete. Ainda no século XIII, uma corrente de pintores italianos utilizava elementos naturais em suas pinturas. O plano de fundo de suas obras de cunho religioso era recheado de elementos naturais que posteriormente foram desenvolvidos como pinturas de paisagem, e teve ampla difusão pelo continente europeu. A partir do século XV, uma grande escola foi se formando e se espalhando pelo velho continente, alcançando Alemanha, Holanda, Inglaterra, França, entre outros países. Duas foram as principais técnicas utilizadas nas pinturas de paisagem: as noções de perspectiva e profundidade e a posterior técnica do *chiaroscuro*. Essas técnicas possibilitaram o enquadramento de grandes áreas numa escala reduzida e em apenas duas dimensões. O termo paisagem,

inicialmente se referia a essas pinturas, ou seja, ao produto da arte de representar numa tela um dado acontecimento enquadrado por uma dada realidade geográfica. E foi assim por quase dois séculos, até que o termo teve seu sentido ampliado e ganhou outros significados (ALVES, 2001; PADUA, 2013).

Em fins do século XIX seu significado é ampliado, como no caso de *landshaft*, termo que designa paisagem em alemão. *Landshaft* pode se referir a toda uma região e seus elementos, não se limitando à perspectiva de uma mirada (HOLZER, 1998, p.53). Tanto em alemão como no holandês *landskap* e no inglês *landscape*, os termos já existiam e foram adaptados para se referir também à paisagem, em que a estrutura da palavra transmite a ideia de organização do território. Já nas línguas latinas, como *paesaggio* em italiano e *paysage* em francês, tem origem na palavra *pays*, que pode ser traduzida como país. O sufixo *age*, no caso do francês, exprime a ideia de um conjunto apreendido com um olhar (BERQUE, 1995, p.104-105). Deste modo, diferentes idiomas, diferentes culturas e diferentes escolas científicas fizeram da paisagem uma expressão polissêmica, resultado de discussões sobre suas aplicações, sentidos e significados tanto na geografia como em outras áreas do conhecimento. Como resultado, temos hoje uma série de adjetivos agregados ao termo: paisagem natural, paisagem cultural, paisagem rural, paisagem urbana, paisagem sonora, paisagens do medo, para citar apenas algumas.

Mas, enfim, que é paisagem? É sempre tentador buscar uma definição simples, um verbete que nos “dê a resposta”, como muitas vezes, durante a infância, fomos orientados a fazer. Mas quando lidamos com uma essência tão complexa como paisagem, é prudente sermos cautelosos. Não pretendemos esgotar a discussão. Longe disso, o objetivo é trazer à luz traços essenciais da paisagem discutidos no escopo de uma Geografia Humanista de base fenomenológica.

Para tanto, buscamos um diálogo com os geógrafos Éric Dardel, Yi-Fu Tuan e Werther Holzer que encontraram na fenomenologia a base para suas pesquisas. Para eles, a geografia é entendida não só enquanto uma disciplina científica, mas também como fundamento do ser humano. Cada indivíduo e cada sociedade tem sua geografia, e a paisagem é uma das essências desta geografia, sendo expressão da existência humana.

O geógrafo Augustin Berque dedica boa parte de sua obra ao estudo da paisagem, e também tem como uma de suas bases de pensamento a fenomenologia. Consideramos que sua maior contribuição está na busca de uma relação entre o pensamento ocidental e oriental. Desta maneira, buscamos em Berque a base para revelarmos a paisagem a partir de suas marcas-matrizes. Há uma relação intrínseca e incessante entre o homem e seu meio, que é expressa na paisagem. Segundo ele, a forma como as pessoas se reconhecem e se organizam no mundo é pelas marcas-matrizes. Para tanto, devemos explorar como Berque compreende a noção de paisagem. Acompanharemos a busca que o autor realizou a fim de encontrar a origem do termo paisagem na humanidade, chegando à China do século IV, que cunhou tal termo cerca de mil anos antes da civilização ocidental.

Paisagem, essência geográfica

Na Geografia Humanista de base fenomenológica, a discussão sobre paisagem ganha profundidade e destaque a partir da segunda metade do século XX. A obra “O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, de Éric Dardel (2011), publicada na década de 1950, pode ser considerada a grande referência para esta guinada. Ainda hoje “é o mais bem-acabado ensaio para uma geografia fenomenológica” (MARANDOLA JR., 2011), e continua contribuindo para a consolidação desta vertente do pensamento geográfico.

Dardel busca discutir a geografia para além de uma disciplina científica e, para tanto, reflete sobre uma “geografia em ato” com base em uma inquietude geográfica, que faz parte da essência do homem. Esta pode ser expressa tanto no homem que ama sua terra e estabelece raízes, conhecendo profundamente seu chão, como naquele que anseia pela aventura de viajar até os confins do planeta. O homem tem uma ligação íntima e concreta com a Terra: a *geograficidade*, que precede e sustenta a ciência objetiva. E é a paisagem que revela esta ligação existencial com a Terra ou esta geograficidade original.

Para Dardel, a paisagem é a expressão fiel da existência humana. Ela “pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma forma de ausência. Ela fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença

circumspecta e atarefada” (DARDEL, 2011, p.32). O homem olha em torno de si cuidadosamente e observa os sinais da e na Terra. Estabelece-se e organiza a superfície terrestre, atarefado em atribuir sentidos aos elementos geográficos, em sobreviver. A paisagem, assim, está tanto no homem quanto no mundo, está na relação entre eles, é uma expressão desta relação. Ela dá sentido aos elementos geográficos, como Dardel (2011, p.30) enfatiza: “A planície cerca o homem de silêncio e de melancolia. Solo e vegetação, céu de inverno, a feição local e familiar da Terra com suas distâncias e suas direções, são todos os elementos geográficos que se congregam na paisagem”.

Esta relação entre os elementos geográficos é interpretada pelo homem, que se relaciona com a Terra a partir desta interpretação. Um agricultor experiente, que há décadas trabalha a terra e colhe seus frutos, tem segurança em afirmar quais áreas de sua propriedade são mais propícias aos diferentes tipos de cultivo. Ele reconhece, a partir da observação cuidadosa do tempo, por exemplo, a proximidade e o tipo de chuva que terá em seus campos. Escolhe o local de seu abrigo e dos animais a partir destes conhecimentos. Ordena sua terra e faz parte de uma paisagem que congrega o solo e a vegetação sob um céu, que são atribuídos de sentidos na relação entre si e com o homem.

Para Dardel, a "paisagem é a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre", mas não somente uma “justaposição de detalhes pitorescos”. A paisagem é um momento vivido, e nela é posta em questão as ligações existenciais do homem com a Terra, sua geograficidade original (DARDEL, 2011, p.30-31). Esta é intensa e constante, nunca estática, mas um movimento, pois

[...] o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir do ordenamento do solo [...]. A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo (DARDEL, 2011, p.31).

E são muitas as possibilidades de expressão desta relação geográfica do homem com o mundo, como uma propriedade familiar que cultiva hortaliças, que possui uma pequena criação, e mantém uma reserva natural; uma grande fazenda de uma multinacional produtora de soja; megalópoles; bairros rurais e tantas outras. Para Dardel, podemos ler e interpretar essas expressões do modo de vida do homem, que estão inscritas na paisagem. E, a partir da leitura atenta

destas inscrições no solo que compõem a paisagem, é possível revelar as formas de relação que as pessoas mantêm com o ambiente terrestre.

Deste modo, a concepção de paisagem de Dardel nos mostra o quão amplo se tornou esse conceito ao longo do século XX: “[...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 2011, p.32).

Na década de 1970, Yi-Fu Tuan inicia sua extensa contribuição para a construção de um pensamento geográfico humanista, e é evidente a influência de Dardel em seus escritos. Obras como “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (TUAN, 2012), e “Espaço e lugar: a perspectiva da experiência” (TUAN, 2013), publicados em 1974 e 1977, respectivamente, tornaram-se clássicos e referências básicas para nossa disciplina.

Além de Dardel, Tuan dialoga com diversos autores que refletiram sobre a paisagem e sobre a geografia a partir da fenomenologia. Em geral, Tuan não tem a paisagem como foco em suas pesquisas, porém, ela permeia suas investigações por todo o seu trajeto científico. Letícia Padua (2013) dedica sua tese à contribuição da obra de Tuan para a Geografia e nos mostra como este geógrafo considerou a paisagem ao longo de sua obra.

Para Tuan, a paisagem compreende a relação de diversas perspectivas, “ela é natureza e cultura, ambiente e percepção, objetiva e subjetiva, funcional e estética” (PADUA, 2013, p.76). Ele acrescenta que

A paisagem é mais que natureza superposta pelas expressões materiais da vida humana. Ela significa mais para nós do que a soma de fatos materiais como montanhas e vales, campos, estradas, pontes, igrejas e casas; porque além da apreciação econômica e científica, nós imputamos à paisagem conteúdos que podem ser descritos apenas como “psicológico, religioso, estético e moral” (TUAN apud PADUA, 2013, p.75).

A paisagem, segundo Tuan, é um construto da mente. E esta construção se dá a partir da relação entre o homem e o ambiente. Estas relações são as mais diversificadas possíveis, onde o ambiente natural está em constante mudança, tanto por ação própria quanto da humanidade. Não há relações com ambientes estáticos. A paisagem tem a dinâmica destas transformações no ambiente e das mudanças na própria humanidade, pois ela se dá nessas relações. A

paisagem é uma organização da realidade e pode ser apreendida vertical e lateralmente. Desta forma:

A visão vertical vê a paisagem como domínio, uma unidade de trabalho, ou um sistema natural necessário para subsistência humana em particular e para a vida orgânica em geral; a visão lateral vê a paisagem como o espaço no qual as pessoas agem, ou como cenário para as pessoas contemplarem. A visão vertical é, por assim dizer, objetiva e calculada. [...] A visão lateral, em contrapartida, é pessoal, moral e estética (TUAN, apud PADUA, 2013, p.76).

Tanto a visão vertical como a lateral não podem ser apreendidas separadamente. A paisagem é tanto objetiva como subjetiva. É material e pode ser calculada e mensurada. E ao mesmo tempo é simbólica e pessoal, tendo significados e sentidos para as pessoas. “É uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável” (TUAN, 2005, p.12). Portanto, a paisagem é uma visão de mundo, uma das formas possíveis de o homem se relacionar com a Terra.

Porém, segundo Tuan, houve uma transição no ocidente, iniciada no Renascimento europeu, em relação à forma de representar e de se relacionar com o mundo. Passou-se de uma concepção de cosmo vertical para uma concepção de paisagem horizontal. Neste caso, vertical evoca uma ideia de transcendência do tempo, em que o mítico-sagrado faz parte da realidade e da experiência das pessoas. O horizontal seria o social-profano, preso ao tempo e ao espaço de vivência e seus recursos limitados. A paisagem perdeu, no seu uso diário, seu sentido vertical, limitando-se a definir um cenário ou elementos materiais de um ambiente. A perspectiva aplicada na pintura de paisagem desenvolvida no ocidente foi fundamental para tal mudança na visão de mundo, promovendo a objetificação da natureza e de seus elementos e alterando a forma de o homem se relacionar com o mundo.

No entanto, quando refletimos sobre a paisagem, notamos o quão inseparável é o objetivo do subjetivo. Atribuímos sentidos e significados aos objetos constantemente. Buscamos ordenar o espaço alterando-o fisicamente, construindo casas, rodovias e cultivando campos. E ordenamos também os sentidos de cada um destes elementos. Relacionamo-nos com eles afetivamente, desenvolvendo aversão ou atração pelas paisagens que vivenciamos. Deste modo, mesmo que, no uso corriqueiro, muitas vezes a paisagem se limite a uma cena ou ao ordenamento de objetos mensuráveis no ambiente, seu sentido mais originário e profundo remete a uma construção da mente humana que se funda na relação entre o homem e a

Terra. O homem, na sua busca por sobrevivência, dá sentido ao ambiente, ordem ao caos. E a paisagem é a expressão dessa relação.

No contexto da Geografia brasileira, Werther Holzer escreve sua dissertação na década de 1990, realizando uma fantástica sistematização da Geografia Humanista no mundo (HOLZER, 2016). Buscando os autores e os temas pesquisados entre as décadas de 1950 e 1990, Holzer congrega inúmeras pesquisas que pareciam soltas, sem interlocutores, num quadro geral bastante rico e denso de produções, representando um marco para a Geografia Humanista de base fenomenológica. Ainda na década de 1990, Holzer defende sua tese (1998), aprofundando a relação entre a fenomenologia e a geografia, destacando os conceitos de lugar e paisagem como essências geográficas.

Em sua tese, Holzer faz o que ele mesmo chama de resenha comentada sobre paisagem, buscando as definições utilizadas por diversos geógrafos durante o século XX. Retornando até a década de 1920, com Sauer, Holzer estabelece um diálogo mais profundo com Dardel, Tuan e Berque, pois estes buscaram uma relação mais direta entre a geografia e a fenomenologia.

Dialogando com esses autores, Holzer (1997) afirma que a paisagem, enquanto essência, "nos remete para o *mundo*", onde se estruturam as relações intersubjetivas. O autor escreve ainda que a paisagem "incorpora ao suporte físico os traços que o trabalho humano, que o homem como agente, e não como mero espectador, imprime aos sítios onde vive" (HOLZER, 1997, p.81), destacando assim, a relação entre o homem e seu meio.

A Terra não deve ser considerada como um "dado bruto", mas a partir da relação com o homem, "uma 'interpretação', um 'horizonte de mundo'" (HOLZER, 2001, p.109). Esta atitude não exclui os objetos físicos ou a superfície terrestre enquanto suporte material de nossa existência. É, ao contrário, a compreensão de que este suporte não pode ser apreendido isoladamente. A paisagem se apresenta, então, como este "horizonte", "um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas" (DARDEL, 2011, p.31).

A paisagem surge como campo de estudos privilegiado para compreender esta relação entre o homem e a Terra. Por meio dela podemos observar, ler e compreender as marcas que as pessoas imprimem sobre a superfície

terrestre. Uma referência nesta direção, e que adotaremos nesta pesquisa, é o geógrafo Augustin Berque que desenvolve o conceito de paisagem a partir da relação fundante entre o homem e seu meio e que pode ser compreendida a partir das marcas e matrizes intrínsecas a essa relação. Berque não tem tido muitos interlocutores na geografia brasileira, há poucos textos traduzidos e poucos estudiosos que dialogam com ele. Entre eles podemos destacar Holzer (1998; 2004), Maria (2010) e Marandola Jr. (2014b) que dialogam com o conceito de paisagem de Berque e Dal Gallo (2014), que busca as influências orientais no pensamento deste autor.

Noção de paisagem em Berque

O geógrafo Augustin Berque, que também se considera um orientalista, dedica-se há algumas décadas à análise dos discursos vigentes na filosofia da ciência contemporânea e concentra sua obra na busca de uma alternativa a eles. Tanto em artigos (1985; 1987; 2011a) como em seus principais livros (*Mediância: de milieux em paysages*, 1990/2000; *Le pensée paysagère*, 2008; *Écoumène: introduction à l'étude des milieux humains*, 2010), Berque retoma a discussão em torno dos obstáculos impostos pelos discursos vigentes. Para ele, são dois os principais discursos que se contrapõem. O primeiro, e dominante, é o discurso materialista, em que as leis universais dos objetos são absolutas. O discurso oposto (de difícil denominação) é aquele em que o sujeito individual é absoluto. Nenhum desses discursos é capaz de explicar a relação existente entre o homem e a Terra de maneira cabal. O primeiro afirmaria que a natureza comanda a cultura, enquanto o segundo seria o contrário, a cultura é autônoma e se projeta sobre a natureza, um dualismo entre o objetivo e o subjetivo.

Berque propõe uma alternativa a esses discursos excludentes buscando transpor o dualismo existente, fundamentando um pensamento geográfico centrado na relação intrínseca e essencial entre o homem e o meio. Para tanto, estabelece um diálogo entre as filosofias ocidental e oriental, bebendo na obra do filósofo japonês Watsuji Tetsurô e a confrontando com a filosofia de Heidegger (DAL GALLO, 2014).

Essa influência oriental leva Berque a analisar a realidade de maneira tanto objetiva como subjetiva, pois é impossível abstrair toda a realidade objetivamente. Os objetos, os seres e as coisas estão carregados de sentidos, de história e de cultura. A realidade é tanto física como fenomenal, conjuntamente. É uma relação constante. E uma das formas possíveis de apreender tal relação entre a humanidade e a superfície terrestre é por meio da paisagem (BERQUE, 2011a).

Para Berque, a paisagem vai além dos dados visuais do mundo. A subjetividade do observador, mais que um simples ponto de vista ótico, sempre está presente. Ele aponta que,

Inversamente, a paisagem não é o “espelho da alma”. Ela se refere a objetos concretos que existem realmente em torno de nós. Não é nem um sonho nem uma alucinação; porque, mesmo se aquilo que ela representa ou evoca pode ser imaginário, ela exige sempre um suporte objetivo. [...]

Dito de outra maneira, a paisagem não reside somente no objeto nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos. Esta relação, que põe em jogo diversas escalas de tempos e de espaço, implica tanto na instituição mental da realidade, como na constituição material das coisas (BERQUE, 2013a, p.26).

Desta forma, a paisagem não está num olhar sobre os objetos, ela está na realidade das coisas, ou seja, na relação que temos com nosso ambiente (BERQUE, 2008, p.47). Ela é uma construção mental do homem, mas não somente isso. Também é a constituição material das coisas. Assim, a paisagem está na relação e na interação entre objetivo e subjetivo, homem e meio.

Berque distingue essa relação em três níveis de escalas de tempo e de espaço: uma escala geológica, do planeta; uma escala dos seres vivos, da biosfera; e uma escala histórica e cultural, da humanidade (que o autor chama de ecúmena). Ele afirma que o sentido profundo da paisagem, que é concretamente arraigado em certo lugar e certa época, é a relação dinâmica que se estabelece entre estas diferentes escalas. O planeta é alicerce da biosfera que, por sua vez, é alicerce da ecúmena. Na relação entre estes três níveis está o momento estrutural da existência humana. E, na paisagem, está impressa a maneira como cada ser humano estabelece esta relação (BERQUE, 2008, p.88).

A paisagem agiria como uma mediadora entre o homem e o meio (ecúmena, biosfera e planeta), e não “somente um ‘dado’ que será a forma objetiva do meio. Ela não é somente uma projeção que será a visão subjetiva do observador. A paisagem é um aspecto do produto fundamental que institui o sujeito enquanto tal,

dentro do meio enquanto tal” (BERQUE, 1985, p.100). Ele insiste que a paisagem é um emaranhado de significados, objetos, coisas, sentimentos e sensações, numa relação interminável, que traz certa ordem e sentido ao espaço e ao tempo, como destacado no trecho que segue.

De fato o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não é somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 1998b, p.87).

Ou seja, a paisagem ultrapassa o aspecto visual e material da realidade, levando esses aspectos em conta, mas sempre em relação com aspectos subjetivos. Compreendida desta maneira, a paisagem é a dimensão sensível e simbólica do meio, ou a própria manifestação da relação entre o homem e a superfície terrestre, expressão da existência humana. Mas nem sempre o foi. Apesar de hoje a paisagem ser uma forma comum e disseminada de se relacionar com o meio, não é a única. Sendo um construto da mente humana, a paisagem passou por um longo processo de formação na história do homem, por isso Berque considera que compreender tal processo é fundamental para apreender o sentido profundo de paisagem.

Na tradição ocidental, a noção de paisagem surge no Renascimento europeu. Mas os primeiros registros sobre uma reflexão explícita sobre paisagem datam do século IV na China, cerca de mil anos antes da Europa. Berque considera que, por surgir no oriente, o sentido profundo de paisagem é revelado a partir de suas origens na China. E como o termo surge antes no oriente, ele analisa a concepção ocidental em relação à chinesa, e não o contrário.

Mas por que a noção de paisagem surge antes na China e com tamanha diferença de tempo? Ou por que se passaram mais de mil anos para a noção de paisagem chegar à Europa, e com diferenças em sua concepção?

Faz-se necessário uma contextualização. Na China do século IV, foram os eruditos que registraram e usaram o termo paisagem pela primeira vez. Numa China dividida por questões políticas e com o poder centralizador enfraquecido, muitos homens da elite letrada se retiraram para suas terras no interior. Esses eruditos, afastados de um discurso dominante e longe da capital,

tiveram a oportunidade de se dedicar apenas à busca do conhecimento. Berque chama esses intelectuais de classe do lazer, pois possuíam terras, mas não trabalhavam. Havia muitos servos que realizavam todo o trabalho, tanto os domésticos como os do campo. Os literatos podiam então lançar um olhar puramente contemplativo sobre o ambiente. “A paisagem nasceu assim sob o signo do *otium*: o ócio daqueles que não trabalham a terra, ou seja, que não transformam a natureza pelas suas mãos” (BERQUE, 2011b, p.205).

Essa elite letrada chinesa, conhecida como literatos, era composta por homens que em sua infância, de acordo com a cultura da época, deveriam aprender as seis artes chinesas e os seis clássicos confucionistas. Dentre estas artes, encontravam-se literatura, poesia, pintura e caligrafia. Não raro, nem mesmo se consideravam pintores, pois se dedicavam às artes e ao conhecimento, e a profissão de pintor era considerada inferior. Portanto, buscavam o conhecimento por meio das artes, incluindo a pintura (SCHACHTER, 2011). Dentre os diversos literatos que se dedicaram à poesia e à pintura da paisagem na China, o poeta Zong Bing (375-443) foi o primeiro a escrever um tratado sobre pintura de paisagem, sendo considerado por Berque como a primeira reflexão explícita sobre paisagem.

A palavra chinesa *shanshui*, antes de receber o significado de paisagem, significava literalmente “as águas da montanha”. Na obra de Zong Bing é evidente a influência mítico-religiosa do pensamento chinês sobre a paisagem. Na cultura da Ásia oriental, as montanhas não se limitam ao resultado de dobramentos tectônicos e camadas de rochas. Tuan (2012), por exemplo, escreve sobre a individualidade atribuída às montanhas na China, citando as Cinco Montanhas Sagradas de que falam os chineses até hoje. As águas vão além dos rios e mares, chuvas e lagos, elas representam o tempo, o movimento. Há sempre um emaranhado de sentidos e signos imbricados nos elementos naturais. A paisagem possui uma forma material que remete ao espiritual. Nesse contexto, ela sempre foi mais que o aspecto externo do ambiente.

A beleza das formas, a harmonia no ambiente e a noção estética eram importantes para os poetas chineses que pintavam a paisagem. Mas as montanhas eram também um local de busca do saber. Zong Bing, em sua velhice, pintava paisagens de montanhas a partir da memória de suas jornadas enquanto jovem. Ele buscava, com a pintura e com a poesia, remeter aos sentidos que as

montanhas evocavam. Para ele, o saber se fazia num cenário específico, as montanhas. E devido à sua impossibilidade de continuar suas jornadas de conhecimento *in loco*, Zong Bing pintava e escrevia poemas que remetiam às montanhas, prosseguindo com sua busca do saber através da paisagem (SCHACHTER, 2011, p.10). Muitos discípulos seguiram os passos de Zong Bing, e suas obras transitavam de um modo de expressão a outro, da poesia à pintura, da música à literatura. Nunca presa às formas físicas, mas sempre em relação a elas.

Na China, sempre houve uma relação intrínseca entre o pensamento da natureza, da paisagem e um fundamento mítico-religioso. A natureza está conectada ao mundo e ao homem. Objetivo e subjetivo não se distinguem, fazem parte do todo. A filosofia taoista tinha forte influência na forma de ver o mundo do chinês. O *feng shui*, uma das tradições mítico-religiosas orientais ligadas ao taoismo, atribui sentido, ordem e unidade ao mundo chinês, tanto no espaço como no tempo. Berque, sem entrar nas questões dos princípios envolvidos no *feng shui*, destaca que ao aplicá-lo ele é irredutível ao físico, pois se relaciona diretamente com o *qi*, que seriam as vibrações que cada elemento da natureza e cada pessoa emitem. Além disso, é um maravilhoso regulador da paisagem, ordenando os espaços (BERQUE, 2008, p.76-77).

No ocidente, num contraponto em relação à China, a paisagem surge como uma forma de libertação da religiosidade ou da sacralização da natureza. Os prazeres terrenos deviam ser evitados, e por isso o gozo da apreciação de um belo pôr do sol num lago próximo a uma montanha arborizada ou o simples prazer de observar e apreciar uma vista eram evitados, pois tinham a desaprovação da Igreja. A pintura de paisagem surge num instante de ruptura com tal pensamento, em que o homem passa a gozar dos prazeres terrenos, a desenvolver técnicas científicas que possibilitam que ele “domine” a natureza. É um momento em que o homem passa a ter um sentimento de maior controle sobre o mundo, sobre o que está a sua volta. Há uma dessacralização da natureza na pintura de paisagem surgida no ocidente (KERN, 2011).

A técnica de pintura em perspectiva ganha força neste momento de distanciamento da religiosidade, tornando a natureza objeto, domínio do homem. A paisagem à europeia surge, então, na busca de uma representação objetiva da natureza, distante do homem, material e quantificável. Para Berque, diferente da

China, as pinturas na Europa representavam o ambiente enquanto objeto substancial, sua forma exterior e completa, e não em relação com o sujeito. Havia um academicismo presente nos quadros, uma atitude científica de observação imparcial, que resultava em cenas rigidamente simétricas. Por meio da pintura de paisagens, o homem passa a dominar e ordenar os espaços pela sua forma mensurável. Esta cena representada num quadro, este aspecto visível e ordenado da realidade é denominado de paisagem no Renascimento europeu, e somente décadas mais tarde tem incorporado outros sentidos.

De fato, foi enquanto forma visual autônoma que a paisagem apareceu na Europa; e esta forma só foi nomeada em seguida, ao contrário do que se passou na China. A própria palavra paisagem, nas línguas europeias, é dezenas de anos posterior aos primeiros quadros de paisagem (BERQUE, 2013b, p.38).

Deste modo, no ocidente a pintura de paisagens surge antes da própria palavra “paisagem”. Para Berque, essa é uma questão fundamental, pois ao buscar representar o ambiente da maneira mais fiel possível em relação às suas formas, era necessário objetivar o ambiente, dividindo o mundo entre “um ponto de vista subjetivo (centrado no homem) e um ponto de vista centrado no objeto (a natureza)” (BERQUE, 2013b, p.38). Ao contrário, na China, a noção de paisagem surge antes na poesia e na literatura, para então passar à pintura. Houve antes uma reflexão sobre a paisagem, para então representá-la, por meio da pintura, com suas nuances subjetivas, evidenciando a relação entre o físico e o sensível. É este dualismo entre um mundo físico e outro simbólico, presente na noção de paisagem no ocidente, que Berque buscou superar, resgatando o sentido profundo e originário de paisagem na China.

À procura deste sentido profundo de paisagem para transpor tal dualismo, Berque reconheceu uma diferença entre o que chamou de *pensamento paisageiro* e *pensamento da paisagem*. O último seria uma reflexão explícita sobre paisagem. Nos dois casos apresentados, na China e na Europa, o autor aponta o nascimento da paisagem exatamente quando surgem termos que a designam, bem como produção de literatura sobre paisagem. São diversas as possibilidades com que cada grupo pode estabelecer suas relações com o meio. A paisagem é uma delas, e se espalhou pelo mundo com a modernidade. Mas segundo Berque, a forma como a sociedade moderna encara a paisagem é mais como objeto de pensamento, reflexão e contemplação do que a própria relação com o meio.

Esta forma específica de relação com o meio é o pensamento paisageiro que, por sua vez, não demanda necessariamente de palavras. Berque reflete, então, que povos que não tinham uma palavra que designasse a “paisagem” podiam produzir paisagens muito belas e apreciadas por nós ainda hoje, como os vinhedos de Bourgogne ou a cidade medieval de Rocamadour, ambos na França. O autor cita exemplos de povos europeus e africanos, anteriores ao Renascimento, que sem dúvida possuíam um pensamento paisageiro. Há evidências materiais do trabalho e da relação destes povos com a superfície terrestre cujo resultado ainda podemos observar em suas paisagens deslumbrantes que revelam um certo gosto, um apreço pela paisagem (BERQUE, 2008, p.9). Podemos acrescentar as magníficas paisagens deixadas pelos povos pré-colombianos de nosso continente americano, como Machu Picchu, no Peru, Teotihuacán e Tenochtitlán, no México. São áreas onde é evidente uma preocupação com a ordenação dos elementos e a beleza resultante é estonteante.

O pensamento paisageiro, portanto, reflete a relação íntima existente entre o homem e a Terra, pois pelo trabalho humano a paisagem vai sendo transformada, enquanto a própria paisagem transforma o homem. Para Berque, “[...] o pensamento paisageiro é primordial em relação ao pensamento da paisagem. Este é o sentido profundo da paisagem” (BERQUE, 2008, p.56). Foram as inúmeras gerações que antecederam o surgimento da noção de paisagem, mas que tinham notadamente um *pensamento paisageiro*, que possibilitaram uma reflexão sobre a paisagem, resultando num *pensamento da paisagem*.

Marcas e matrizes na paisagem

Geo-grafia, a escrita da Terra. Esse é o sentido originário do termo que designa nossa disciplina. Poderíamos acrescentar que é a escrita **da** e **na** Terra. Sim, pois o planeta, em sua dinâmica incessante, cria e recria suas próprias marcas há bilhões de anos. O homem lê e interpreta essas marcas, essa escrita lenta **da** Terra, mas também imprime suas marcas **na** superfície terrestre.

A dinâmica interna e externa de nosso planeta modela e remodela constantemente a superfície terrestre. Tectônica de placas e vulcanismo; terremotos

e tsunamis; orogênese e intemperismo: alguns nomes que criamos ao interpretar as marcas que observamos na Terra. Algumas das marcas resultantes destes processos são quase “permanentes”, como grandes montanhas, rios e lagos, desertos. Elas levaram milhões de anos em formação e continuam sendo moldadas. Mas, aos olhos da humanidade, permanecem estáticas, eternas.

Observemos a escarpa da Serra do Mar, que ocupa boa parte do litoral brasileiro. Foi formada a partir de movimentos tectônicos há cerca de 200 milhões de anos, no surgimento do Oceano Atlântico entre os continentes americano e africano. É uma marca notável na superfície terrestre. No caso do estado de São Paulo, é o limite entre a planície litorânea e o planalto atlântico. Um grande obstáculo a ser transposto por quem estiver disposto a transitar entre o litoral e o planalto. Desde os primeiros habitantes do continente americano até hoje, a marca na Terra esculpida pela escarpa da Serra do Mar permanece com sua configuração morfológica praticamente inalterada.

Marcas como estas se tornam referências na paisagem para as populações que habitam o planeta. O homem lhes atribui sentidos e se reconhece na paisagem a partir delas. A Serra do Mar, por exemplo, teve e tem muitos sentidos e significados para as diversas populações que se relacionam com ela: área de caça para os indígenas, “muralha” para os portugueses, obstáculo ao desenvolvimento no século XX santuário ecológico para os ambientalistas, e diversos outros. Tais sentidos, que são matrizes culturais, expressam as formas de ver e interpretar o mundo de uma dada população.

Além da escrita da Terra, a humanidade, desde seus primórdios, tem imprimido suas marcas na superfície terrestre. Mesmo que voltemos até a época em que o nomadismo predominava na espécie humana, as marcas se faziam presentes. Trilhas, fogueiras e pinturas rupestres são alguns exemplos. Cemitérios e lavouras precederam o que se tornou uma das formas mais intensas de modificar o meio e imprimir a marca do homem: as cidades. Ao se relacionar com a Terra, ao construir suas marcas ou interpretar as do planeta, o homem vai carregando o ambiente de sentidos e significados, ordenando a paisagem, fundando suas matrizes. Uma fogueira não tem apenas função de aquecer, cozinhar ou espantar predadores. Ela é também um símbolo do domínio do fogo, de poder, de ancestralidade. É marca e matriz. E todas estas são reveladoras da forma de organização das populações que

as deixaram. Marcas e matrizes, portanto, revelam a paisagem, pois expressam a relação entre o homem e seu meio.

Para Berque, a paisagem expressa uma sociedade pelas suas marcas e matrizes, e é por meio destas que as sociedades se reconhecem na paisagem. “As sociedades interpretam seus ambientes em função da organização que elas lhes dão e, reciprocamente, elas os organizam em função da interpretação que elas fazem deles” (BERQUE, 2013b, p.34). Marcas e matrizes, porque levam as marcas da existência humana sobre a superfície terrestre, tanto de maneira material como imaterial (BERQUE, 2010). Por exemplo, muitos municípios do estado de São Paulo possuem diversos casarões que pertenceram aos “barões do café”, tanto na área urbana como na rural. Entre o fim do século XIX até a crise de 1929, estes casarões foram construídos a partir da riqueza gerada pelos cafezais, sendo expressão do poder das famílias que os possuía e da importância econômica e política dos municípios que dependiam do café. Hoje são marcas visíveis e materiais carregadas de sentidos e símbolos de uma época pretérita. Suas funções foram alteradas. Museus, estações culturais e agências bancárias se instalaram nestes casarões. Novos sentidos e significados foram incorporados a estas marcas. Elas também são matrizes da sensibilidade e comportamento das pessoas destes municípios. Marcas e matrizes se entrelaçam como numa espiral, onde as sociedades percebem o seu meio a partir das marcas que cria e organiza no espaço e, em contrapartida, organiza e cria tais espaços a partir de suas matrizes, ou da maneira como os percebem (BERQUE, 2010).

A paisagem, então, funciona ao mesmo tempo como marca e matriz. Marca (morfológica), porque exprime maneiras de fazer e maneiras de ver que lhe são anteriores. A partir das marcas podemos ler e interpretar a paisagem pela sua forma. Matriz (esquemática ou estrutural), por sua vez, porque informa maneiras de ver e maneiras de fazer que exprimirão ulteriormente outras paisagens. São interdependentes: a marca expressa a matriz e a matriz revela o sentido da marca (BERQUE, 1987, p.244).

Assim, para Berque, a paisagem deve ser compreendida conjuntamente como marca-matriz: enquanto marca a paisagem “é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma existência, julgada [...] por uma estética e uma moral [e] gerada por uma política”. Enquanto a paisagem

matriz "determina [...] esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral [e] essa política" (BERQUE, 1998b, p.84-85). As marcas inscritas na paisagem foram concebidas por uma forma de pensar, uma consciência de um grupo (matriz), como os casarões dos "barões do café". Mais de um século se passou e as marcas (os casarões) continuam impressas na paisagem, revelando as matrizes que lhe conceberam, bem como influenciando e determinando a forma do olhar de hoje, por exemplo, com projetos de restauração e preservação de muitos destes casarões, mas em funções completamente distintas. É uma intersubjetividade constante, onde objetivo e subjetivo se entrelaçam, concebendo a paisagem enquanto marca-matriz.

Este movimento entre objetivo e subjetivo é denominado por Berque de *trajeto-da-paisagem*. É este trajeto que faz de marcas efetivas matrizes potenciais, de matrizes efetivas marcas potenciais, e assim sucessivamente, em uma relação cíclica – não circular, porque evolui incessantemente numa espiral (BERQUE, 1987, p.244). Desta maneira, a paisagem é um fato trajetivo, ou seja, ao mesmo tempo marca e matriz. A Figura 7 é uma tentativa de expor graficamente este trajeto-da-paisagem proposto por Berque. A espiral representa o movimento constante entre as marcas e matrizes na paisagem, que são ao mesmo tempo objetivas e subjetivas, simbólicas e ecológicas. Há uma intersubjetividade constante, e quando existe uma correspondência (histórica e geográfica) entre as marcas e as matrizes, é possível o surgimento de uma matriz a partir de uma marca, ou uma marca a partir de uma matriz.

Todas as civilizações através do tempo e do espaço marcam seu território com traços que lhes dão sentido. Para Berque, essa característica não é exclusividade humana, também animais e plantas imprimem suas marcas. O instinto dos cachorros domésticos, por exemplo, leva-os a urinar em diversos lugares, demarcando seu território, criando marcas olfativas ou então se comunicando (BERTHOUD, 2010). Algumas espécies de formigas constroem seus ninhos no solo, com canais e câmaras, possuindo uma organização e uma divisão do trabalho complexa, defendendo seus recursos e a área de sua colônia (LEVINGS; TRANIELLO, 1981). E há uma matriz por trás destas marcas, uma relação entre as espécies animais e vegetais e a Terra e, mesmo, entre diferentes espécies. Uma matriz com base no instinto e no comportamento dessas espécies.

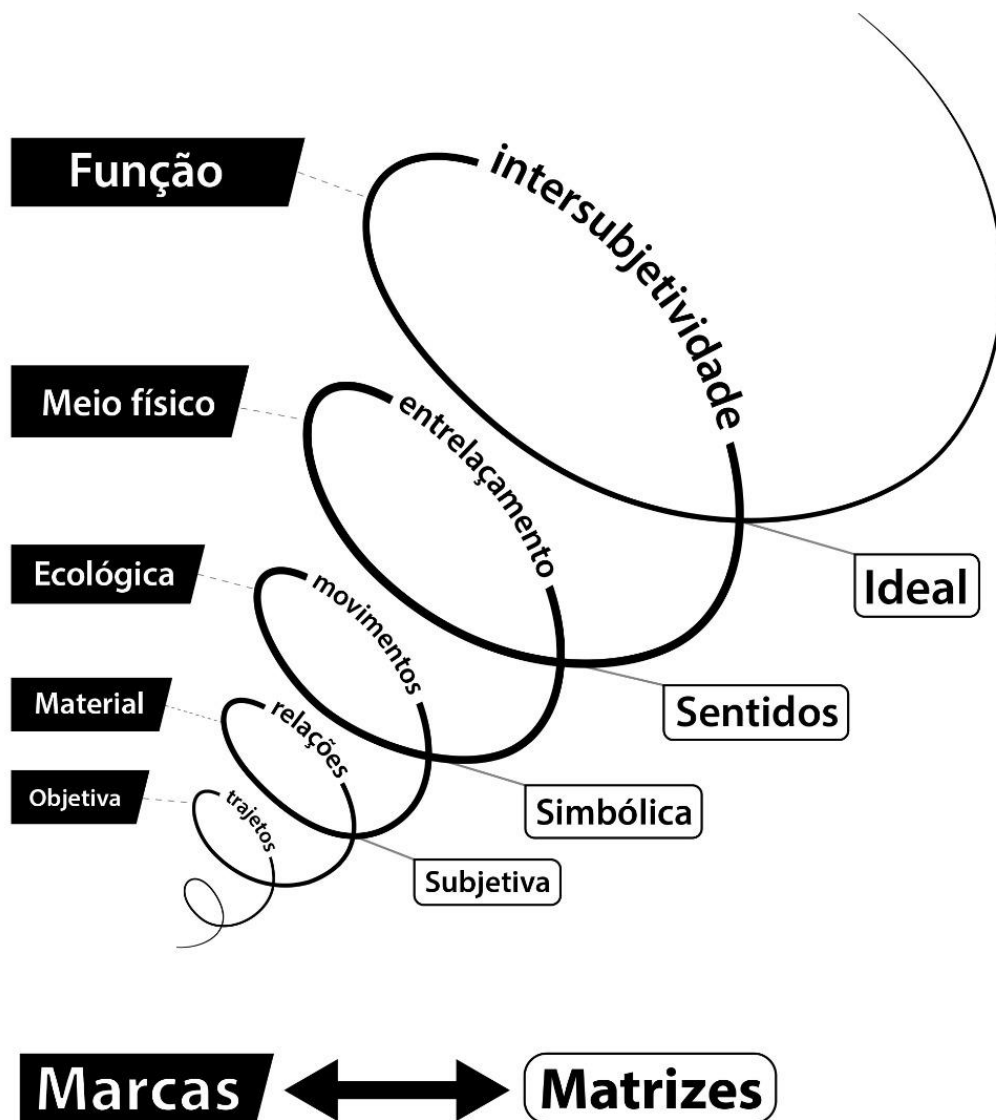


Figura 7: Trajeto-da-paisagem.
Elaboração: MARANDOLA, H. L., SILVA, D.

Fernando Reinach (2010) cita um exemplo muito interessante de relações entre espécies que podemos interpretar a partir de suas marcas. O autor escreve sobre “A complexa relação entre girafas, árvores e formigas” na savana africana. Essas espécies interagem de maneira simbiótica. As girafas são grandes herbívoros que se alimentam das folhas de acácias. Ao se alimentarem, promovem significativas podas nas árvores, pois como se pode imaginar, necessitam de muitas

folhas em sua dieta. As acácias, por sua vez, ao receberem tal poda, produzem, em forma de secreção, uma seiva açucarada que alimenta uma espécie de formiga. A árvore se torna território dos recursos alimentares desta espécie de formiga, que passa a defender as acácias de insetos invasores e outras espécies de formigas, que não se alimentam da seiva açucarada e causam danos às árvores. Essa descoberta foi possível a partir da interpretação das marcas na paisagem. Áreas onde a presença de girafas foi controlada apresentavam acácias com aspectos mais sofridos e menor número de indivíduos, enquanto onde girafas circulavam livremente havia mais árvores e de melhor aspecto (REINACH, 2010).

Porém, só os seres humanos possuem uma multiplicidade de expressões tanto materiais, quanto estéticas, mas sempre simbólicas. As marcas impressas pelos homens não se limitam ao espaço, mas também ao tempo. É por meio delas que acessamos o mundo e a nós mesmos, tornando-as parte da cultura. Por isso a marca é também matriz, pois uma mesma marca conjuga a função e o sentido, o ecológico e o simbólico. Para exemplificar essa relação imbricada entre marca e matriz, Berque cita o exemplo de uma cidade murada, onde a muralha é a marca da defesa da cidade, e ao mesmo tempo é uma matriz que designa quem são os civilizados do lado de dentro e os bárbaros do lado de fora. O autor afirma que o simbólico não cessa de instituir marcas significativas na paisagem, não somente em estruturas criadas pelo homem, como os casarões dos barões do café ou a muralha de uma cidade antiga, mas também nas características físicas e naturais de um meio, como um rio que se torna fronteira, um bosque sagrado ou um monte maldito (BERQUE, 2000).

As marcas onde a natureza e a cultura se sobrepõem surgem essencialmente na relação entre o físico e o fenomenal, e por isso podem ser apreendidas enquanto marca-matriz de uma paisagem. Um exemplo interessante desta relação imbricada entre objetivo e subjetivo, natureza e cultura, são os cupinzeiros e os caipiras do interior do estado de São Paulo. Era comum em algumas áreas de pastagem a presença de cupins, que formavam seus ninhos sobre a terra, chegando a mais de um metro de altura. Após a derrubada da mata e a formação do pasto, algumas áreas eram invadidas por esse inseto, uma marca material e visível, facilmente reconhecida pelos homens do campo. A população tradicional denominada de caipiras afirma que as terras com presença de

cupinzeiros não são boas para o plantio, criando uma cultura de rejeição dessas terras. Assim, muitos agricultores, mesmo os que não faziam parte desse grupo, retiravam os ninhos de suas terras antes da venda, buscando extinguir as marcas-matrizes. Trata-se de uma relação complexa de intersubjetividade, em que constantemente as marcas influenciam as matrizes e as matrizes, por sua vez, influenciam as marcas, nunca podendo ser compreendidas separadamente, sendo possível por esse motivo designá-las de marca-matriz.

Dialogando com essa concepção de paisagem, Holzer (2000, p.114) afirma que “seja como marca, seja como matriz, a paisagem é uma expressão física da ação do homem sobre a natureza, e por extensão, um receptáculo de memória”. As marcas físicas remetem à memória das matrizes que as conceberam, e todos os sentidos e significados que lhes foram atribuídos. Para o autor, “a memória é matéria-prima, é inescusável. Ela se refere ao processo, e os resíduos dos processos estão aí, na forma de artefatos ou de ambiente natural, para serem revisitados, reaproveitados, reinterpretados” (HOLZER, 2000, p.115).

Holzer se apoia na memória para sua interpretação, pois há uma intersubjetividade constante entre marcas e matrizes, ou seja, marcas podem ser sobrepostas e matrizes substituídas ao longo do tempo. Isso não impede que as marcas e matrizes permaneçam na memória. Ele acrescenta que

[...] por ser a paisagem expressão física da ação do homem sobre a natureza, ela retrata um instante. Ela expressa o que foi impresso e, neste sentido, o que passou torna-se menos legível. A matriz muitas vezes não é mais reconhecível. As marcas se misturam e as mais recentes predominam (HOLZER, 2000, p.120).

O autor se refere à invasão dos europeus sobre as terras dos indígenas, que hoje é conhecida como Brasil. Os povos que aqui habitavam possuíam suas próprias matrizes culturais e constituíram suas próprias marcas na superfície terrestre a partir de sua relação com o meio. Isso foi ignorado pelos colonizadores. Marcas foram destruídas, matrizes substituídas. Houve um esforço por parte dos exploradores para que isso acontecesse. Uma forma eficiente e cruel de dominar a terra que invadiram, foi a de destruir as referências dos povos explorados. Desta maneira, buscaram reorganizar toda a forma de ver e interpretar o mundo, impondo aos indígenas seus modos de vida. Uma destas estratégias foi a constituição de novas marcas-matrizes na paisagem.

Porém, como Holzer afirmou, marcas são receptáculos de memória, e ainda há traços na paisagem que podem remeter às matrizes originárias. Por exemplo, uma marca que costuma perdurar ao longo do tempo é a toponímia. Mesmo com a invasão dos colonizadores e a quase destruição completa dos povos primitivos, muitos nomes de rios, plantas e cidades remetem à memória dos indígenas. São milhares de exemplos de toponímias indígenas que permanecem e compõem nossas matrizes. Paraná e Curitiba são palavras de origem do tupi-guarani, assim como Tietê, Ubatuba, Anhanguera, Anhangabaú, e poderíamos continuar numa lista interminável. Holzer recorre às toponímias para revelar a paisagem, e afirma que elas podem nos informar sobre marcas difusas impressas na paisagem. “Podem nos fornecer pistas sobre as matrizes originais. [...] [Elas] são a memória do que foi esquecido, e podem ser decodificadas” (HOLZER, 2000, p.121).

Outro recurso que pode contribuir para revelar a paisagem é a descrição. Dialogando com Berque, Holzer afirma que “como marca, a paisagem pode ser descrita como um dado perceptível que, no entanto, ultrapassa o campo do percebido, seja devido a uma abstração, seja devido às mudanças nas escalas espaciais e temporais” (HOLZER, 2004, p.57). Desta forma, ao descrever as marcas de uma paisagem, é possível revelar as matrizes, pois estas participam dos esquemas culturais que levam ordem e sentido à relação entre espaço e natureza.

Ao escrever sobre as marcas e matrizes, Berque destaca a descrição das marcas como um recurso importante para revelar a paisagem. Esta se realizaria a partir de um inventário dos monumentos construídos, da forma como a natureza foi transformada pelo homem pela agricultura ou habitações, da morfologia, da vegetação, de conceitos e símbolos, entre outros elementos. Porém, o procedimento descritivo, se aplicado isoladamente, acaba por objetivar a realidade e a distancia do sujeito que está em constante relação com a paisagem. A descrição, portanto, deve ser acompanhada de uma reflexão e análise cuidadosa.

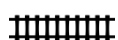
É possível desvelar a paisagem de uma determinada sociedade a partir de suas marcas-matrizes, que são a expressão da existência humana, impressas na paisagem. Uma das formas possíveis de desvelamento da paisagem é por meio da descrição das marcas. Tanto as marcas impressas pela própria Terra (como o curso dos rios, a vegetação, o relevo), como as resultantes da relação entre uma sociedade e seu meio (como plantações, estradas e monumentos). Porém,

para não sucumbir à armadilha de uma descrição que acabe por objetivar a paisagem, como dito por Berque, devemos realizar uma descrição fenomenológica.



Capítulo 3

Paisagens reveladas do bairro rural Elihu Root



Que grande desafio se mostrou revelar as paisagens de um bairro rural! As inquietações e inseguranças costumam nos levar para caminhos que nos parecem mais fáceis, a percorrer caminhos já trilhados. Mas desde o início desta pesquisa nos propusemos a utilizar o conceito de paisagem marca-matriz proposto por Berque, que considera a paisagem como expressão concreta da relação do homem com o meio (BERQUE, 1998b, p.84). Para revelarmos esta relação, Berque aponta que devemos descrever as marcas-matrizes da paisagem. Neste ponto a tentação de permanecermos numa certa “zona de conforto” da prática científica hegemônica é grande. Realizar um inventário das marcas existentes no bairro rural, descrevê-las, explicá-las e concluir uma análise objetiva da paisagem. Nosso intuito sempre foi o de ir além de uma análise puramente objetiva, ainda que esta faça parte do processo de desvelamento da paisagem.

As marcas na paisagem vão além de suas características concretas e físicas, são receptáculos de memórias, sentidos e significados, estando sempre em relação com as matrizes de pensamento que as constituíram. A descrição objetiva das marcas-matrizes é apenas uma das possíveis visões sobre a paisagem, e acaba por limitar a compreensão desta. Ao explorar as diversas facetas das marcas, desde seus aspectos visuais, físicos, políticos, místicos, afetivos, estéticos, entre outros, reconhecemos a marca também como matriz, ampliando o entendimento de toda a complexidade existente nas relações entre o homem e seu meio. Procuramos aplicar os princípios propostos por Berque na descrição e análise das marcas-matrizes a fim de revelar as paisagens do bairro rural Elihu Root.

Para tanto, retornamos à distinção que Berque faz de *pensamento paisageiro* e *pensamento da paisagem*, e entendemos que a paisagem foi revelada por meio do *pensamento paisageiro* expresso nas marcas-matrizes do bairro rural Elihu Root. Neste percurso, praticamos uma geografia com pés, olhos, sentimentos, ouvidos, com o corpo: uma geografia em ato, como nos ensina Dardel (2011). A

partir de nossas observações, descrições e análises no trabalho de campo, a paisagem foi revelada em suas permanências.

Estas permanências no bairro rural Elihu Root, revelaram-se como seus traços essenciais. As conversas e entrevistas com os moradores, a participação nas suas atividades cotidianas e a análise das marcas-matrizes expressas por um pensamento paisageiro, desvelaram a paisagem a partir da permanência dos traços essenciais de um bairro rural, os mesmos encontrados por Candido (2003), Queiroz (1973) e demais estudiosos do tema. Ainda hoje, no ano de 2017, Elihu Root permanece um bairro rural.

Mas o bairro rural Elihu Root possui, desde o surgimento, características próprias, traços que lhe são únicos. As marcas-matrizes ferroviárias contribuíram na constituição desses traços e se revelaram como fundantes dessa paisagem, tema com que encerraremos o capítulo.

Trabalho de campo e pensamento paisageiro

O trabalho de campo teve papel fundamental nesta investigação. Foi a partir dele que a paisagem do bairro rural Elihu Root foi revelada. Foram realizados inúmeros campos ao longo de toda a pesquisa. Seguindo uma base fenomenológica, buscamos observar, descrever e analisar a paisagem para que esta nos fosse revelada.

Após o término dos trabalhos de campo, foi possível descrevê-los e analisá-los em três etapas: campos exploratórios, campos investigativos e campos de incursão. A primeira etapa foi o momento de observação e familiarização com o bairro, onde fizemos os primeiros registros fotográficos e construímos nossas primeiras impressões. Nos campos investigativos tivemos as primeiras conversas com os moradores e o contato com a biblioteca municipal, onde pesquisamos os registros oficiais do bairro. E, finalmente, intensificamos nossa frequência no bairro para participar de diversas atividades, conversar e entrevistar moradores, que denominamos de campos de incursão.

Campos exploratórios

O primeiro trabalho de campo foi realizado em novembro de 2015, com o intuito de observar, caminhar, mas evitar conversas. Estas tiveram papel fundamental em outro momento do campo. A ideia era primeiramente nos familiarizar com o bairro, reconhecer sua morfologia, identificar as marcas físicas mais visíveis. O objetivo foi perceber como o bairro aparece, como ele se mostra ao visitante.

Realizamos mais alguns campos exploratórios em dezembro de 2015, seguindo com o objetivo de observar e identificar as marcas físicas mais aparentes. Além disso, buscávamos observar e analisar as características do bairro: tipos de moradia, tamanho das propriedades, tipos de culturas, tipos de criações, uso e ocupação do solo, distribuição das moradias, relevo, vias de acesso, infraestrutura, entre outras. Foram momentos em que tivemos nossas primeiras impressões sobre Elihu Root e começamos a estabelecer uma relação com o bairro rural. Foi durante esses campos exploratórios que iniciamos os registros fotográficos, capturando as primeiras imagens de algumas marcas que se mostraram essenciais para revelarmos a paisagem do bairro.

Circulamos também pelas vias próximas ao núcleo do bairro rural, tentando, a partir da observação das características das propriedades, identificar os limites do bairro. Falhamos completamente nesta tarefa à época. Em verdade, mesmo após todos os trabalhos de campo, todas as conversas, não foi possível delimitar o bairro, pois há muitas divergências entre os moradores. No entanto, ao percorrermos estas vias ampliamos nosso repertório sobre o bairro rural, facilitando a identificação de pontos citados pelos moradores nas conversas. Mesmo que os próprios habitantes não concordem em relação aos limites do bairro, reconhecem algumas áreas do entorno que já estão fora dos limites.

Durante o campo exploratório, ao trafegar pelas estradas da região próxima ao bairro, passamos por algumas destas áreas vizinhas, como a antiga sede da fazenda Santa Cruz, o bairro rural Cascata, o bairro rural São Bento, a estrada de Leme (que segue em partes o antigo trilho do ramal de Descalvado), alguns condomínios de chácaras de lazer, a hidrografia local, entre outros. Todos estes apareceram mais tarde nas falas dos moradores. Ainda nesta etapa, também reconhecemos e identificamos as principais marcas físicas do próprio bairro.

Enquanto caminhávamos, observamos as marcas que se destacavam, para mais tarde comparar com as falas dos moradores, afim de identificá-las ou não como marcas-matrizes da paisagem. Dentre as primeiras impressões das marcas distinguimos as presentes no núcleo e outras na área periférica do bairro. No núcleo identificamos a capela a São Sebastião, a estação, o armazém de cargas, o bar e a oficina. Na área periférica identificamos o antigo Centro Rural, a capela a Nossa Senhora da Piedade, um antigo casarão, os córregos, a antiga sede da fazenda Palmeiras.

Um mapa mental do bairro rural foi sendo formado no decurso do campo exploratório. As leituras das obras de Candido (2003), Queiroz (1973), Müller (1966) e os demais pesquisadores dos bairros rurais paulistas insistiam em aparecer como comparações. Evitamos ao máximo essas influências durante o campo, procurando permitir que as marcas-matrizes de Elihu Root fossem reveladas por elas mesmas. No entanto, essas leituras nos influenciaram na tentativa de materializar o mapa mental que se esboçava na forma de um croqui do bairro. Foi uma tentativa de descrever graficamente as marcas-matrizes expressas na paisagem do bairro rural. Detivemo-nos apenas na elaboração de um croqui do núcleo do bairro, representando as vias e algumas das marcas-matrizes, como observamos na Figura 8.

Fica evidente no croqui a semelhança com os núcleos de bairros rurais tradicionais descritos por Candido (2003) e Queiroz (1973). A capela como elemento central, algumas vias de acesso e por onde se distribuem as propriedades rurais, algumas casas que se aglomeram no entorno da capela, um bar e uma escola. Há também uma pequena capela a Nossa Senhora da Piedade e o antigo armazém de secos e molhados. Adicionam-se a esses a estação e o antigo armazém de cargas, mostrando-se uma característica própria de Elihu Root.

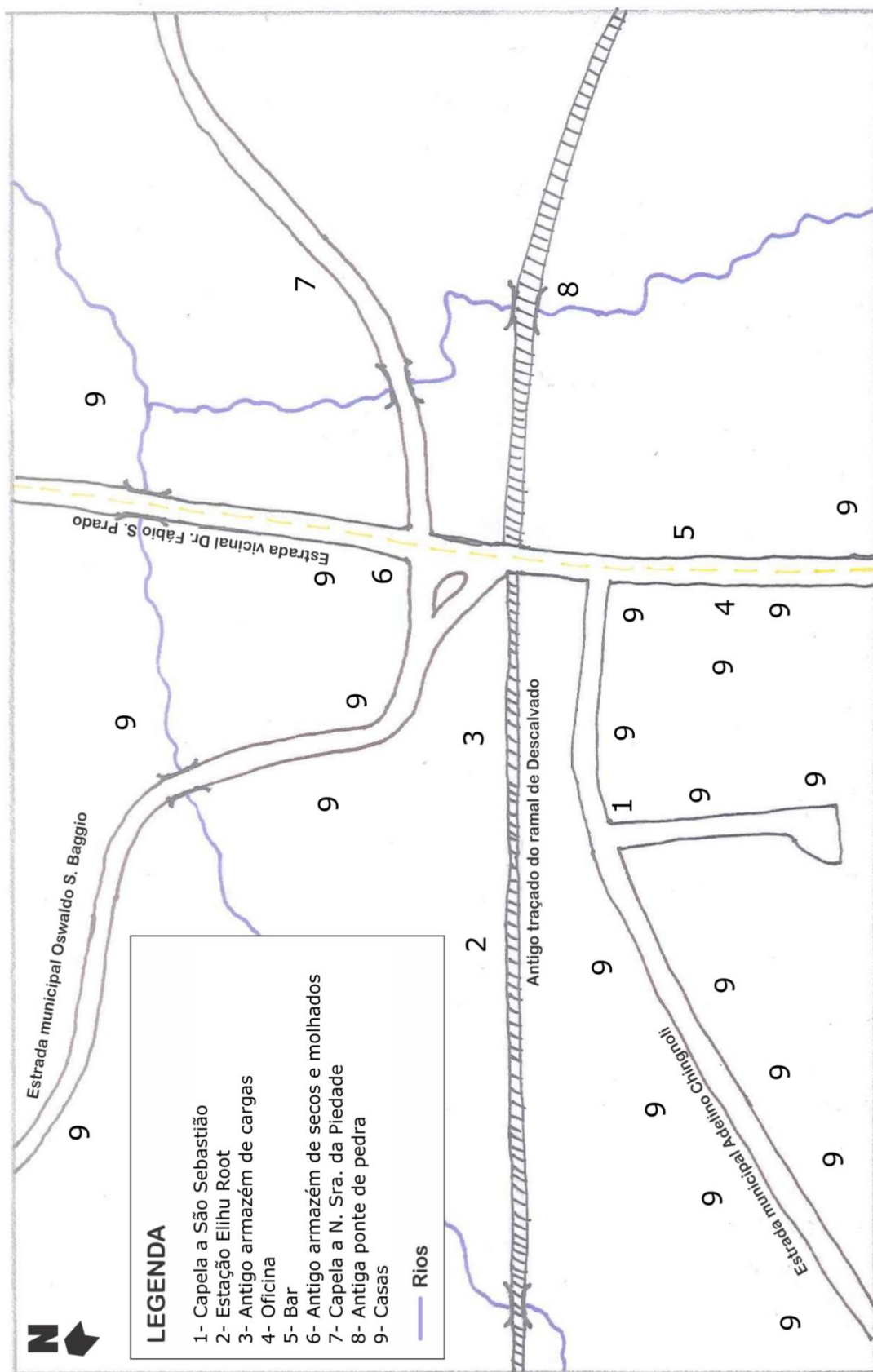


Figura 8: Distribuição das marcas do núcleo do bairro rural.
Elaboração: MARANDOLA, H. L.

Campos investigativos

A partir de janeiro de 2016, passamos a investigar os registros oficiais de formação e constituição de Elihu Root. A observação e a exploração do bairro continuaram até o término dos trabalhos de campo, porém, este deixou de ser o principal objetivo nesta segunda etapa. A partir deste momento, passamos para o campo investigativo, pois além de pesquisarmos os registros oficiais na biblioteca municipal de Araras, iniciamos as conversas com os moradores.

Os registros oficiais sobre a formação do bairro rural Elihu Root são escassos. Encontramos pequenas menções de Elihu Root ou Guabiroba inseridas em livros e relatos da história do município de Araras (MATTHIESEN, 1990; 2003; ALMEIDA, 1948). Os maiores volumes de dados encontrados foram na tese de Alexandre Diniz (1968), e em referências sobre a construção e funcionamento da estação (GIESBRECHT, 2003; COMPANHIA PAULISTA, 1883; 1888; 1907). Essas pesquisas estão sistematizadas no primeiro capítulo desta dissertação.

Nos dias em que nos deslocávamos até a biblioteca municipal de Araras, aproveitávamos a viagem para ao menos passar pelo bairro. Nestas passagens estabelecemos as primeiras conversas com os moradores. O local que julgamos mais apropriado para uma primeira conversa foi o bar. Encontramos ali o proprietário do local, Oda, um senhor com cerca de 70 anos que mora em Elihu Root desde criança. Hoje, mora na cidade de Araras, mas possui o bar e uma chácara de lazer no bairro. Herdou o bar de seu pai, mas não soube precisar o ano em que foi aberto. Outros moradores relataram mais tarde que o bar de Oda era um ponto de encontro dos homens do bairro. Havia uma pista de bocha, e todos os dias muitos se reuniam para beber, jogar e conversar. Foi uma primeira conversa produtiva. Porém, Oda se mostrou receoso no início, assim como diversos moradores em conversas posteriores. Havia como que uma sondagem inicial, em que os conversantes tentavam obter informações do pesquisador, descobrir seus objetivos, confirmar se era uma pessoa confiável, para só então conversar abertamente. Nesta etapa do campo, todas as conversas passaram por essa fase de sondagem.

Em uma destas passagens pelo bairro, no fim do mês de janeiro de 2016, avistamos um panfleto no portão de acesso ao salão paroquial da capela divulgando um bazar beneficente. Não havia informações detalhadas, apenas a data em que seria realizado, ainda em janeiro de 2016. Comparecemos no dia do bazar.

Foi quando conhecemos Reg., uma das moradoras que mais nos auxiliou na pesquisa. É uma mulher jovem, com pouco mais de 30 anos, que está à frente das atividades da capela. O bazar foi organizado por ela e sua irmã, Tat., para arrecadar recursos para auxiliar um amigo, morador do bairro, que estava muito doente e passando por necessidades. Este amigo faleceu meses mais tarde. Nesta primeira conversa com Reg., ela já se dispôs a nos apresentar aos outros moradores, a abrir as capelas para realizarmos os registros fotográficos e auxiliar no que fosse possível.

Nesta etapa do trabalho de campo, procuramos conhecer os moradores de Elihu Root. Quem são, que idade possuem, há quanto tempo residem no bairro, enfim, traçar um perfil dos habitantes. As conversas iniciais permitiram nos aproximar de alguns dos moradores que nos apresentaram aos demais, facilitando nosso acesso a algumas pessoas que demonstraram receio em conversar com uma pessoa estranha. Os campos investigativos foram também o momento de aproximação com os moradores do bairro, quando passamos a nos conhecer.

Depois de janeiro, quando realizamos diversas visitas rápidas, após a biblioteca, as idas ao campo se tornaram esporádicas até outubro de 2016, quando foi realizado o exame de qualificação. As duas primeiras etapas do campo foram essenciais como preparação para a última parte.

Campos de incursão

Após o exame de qualificação, as idas ao campo se intensificaram. Janeiro de 2017 foi um período de incursão. Nos primeiros 20 dias do ano, foram 15 visitas. Nesta ocasião, conversamos longamente com diversos moradores, visitamos residências e propriedades, participamos das celebrações e vivenciamos o bairro. Nossa presença já era conhecida pela maioria dos moradores. Foram as primeiras conversas, realizadas nos campos investigativos, que possibilitaram essas visitas e conversas mais longas, em que alguns moradores como Ped., Ros., Ver., Ton., Tid., entre outros, relataram suas histórias de vida.

A opção metodológica nesta investigação foi a de conversar com as pessoas de maneira livre e aberta. Adotar esse procedimento tornou possível o desvelamento, por meio da memória, dos símbolos e marcas existentes na

paisagem. Apoiamo-nos em pesquisadores como Nogué (1992), Strieder (2002) e Marandola Jr. (2014a) que defendem que as entrevistas devem ser abertas e livres. Nogué, por exemplo, destaca que uma conversa informal e espontânea possibilita uma imersão do pesquisador na investigação, além de deixar o entrevistado mais à vontade, facilitando o desvelamento de significados e sentidos da paisagem, tolhidos numa entrevista estruturada e fechada. Nas palavras do autor:

La entrevista debe ser libre, informal, espontánea, sin limitaciones de tiempo ni de temas, al ritmo de la persona entrevistada y, a ser posible, en su propio medio, rodeado del paisaje que normalmente contempla. El entrevistador debe establecer una relación profunda y sincera con la persona entrevistada, de tal manera que ambos se 'embarquen' juntos hacia una exploración conjunta del mundo vivido e, incluso, lleguen a intercambiar papeles. Se produce, por tanto, una especie de 'inmersión' del geógrafo fenomenológico en la investigación (NOGUÉ, 1992, p.90).

Em todo o trabalho de campo, este foi sempre o objetivo, estabelecer conversas espontâneas e sinceras, buscando propiciar uma atmosfera favorável ao intercâmbio e o desvelamento da paisagem. Muitas conversas ocorreram espontaneamente durante uma caminhada ou durante um descanso. Muitas delas não puderam ser gravadas exatamente por isso, por ocorrerem ao acaso. Estas foram registradas no diário de campo, importante instrumento desta pesquisa.

Após este campo de incursão, passamos à análise de todo o trabalho de campo, das observações, investigações e conversas. O campo nos inundou com informações e reflexões. As observações realizadas ao longo de mais de um ano de pesquisa, as histórias de vida relatadas pelos moradores foram desvelando as marcas-matrizes e revelando a paisagem do bairro rural Elihu Root. Mas uma pausa foi necessária para análise e reflexão de todas as informações. Foi na pausa que a paisagem foi revelada e que compreendemos que as conversas com os moradores nos revelaram a paisagem pelo pensamento paisageiro identificado por Berque.

Pensamento paisageiro

Quando Berque reflete sobre o pensamento paisageiro e o pensamento da paisagem, sua atenção está voltada para a contradição de nossa sociedade moderna expressa pela atual destruição generalizada de paisagens pelo

mundo, exatamente numa época em que o pensamento da paisagem se afirma como preponderante. O autor conclui que é urgente um retorno ao pensamento paisageiro, para que as sociedades reestabeleçam uma relação com seu meio (BERQUE, 2011b).

O trabalho de campo nos desvelou uma sensibilidade paisageira presente em Elihu Root. Se há um movimento de destruição das paisagens por todo o mundo, como afirma Berque, o bairro rural Elihu Root possui permanências paisageiras, resultado do pensamento paisageiro constituinte desta paisagem. Os habitantes de Elihu Root forjaram a paisagem do bairro rural a partir de sua relação com o ambiente que expressa um pensamento paisageiro. Foi o trabalho na terra dos pequenos agricultores numa relação incessante e fundadora com as marcas-matrizes ferroviárias que constituíram esta paisagem. Dialogando com Berque, a paisagem de Elihu Root foi formada pelo *uti* (utilitário) de seus primeiros habitantes, tanto pequenos agricultores como funcionários da Companhia Paulista. Em fins do século XIX e início do século XX, período do surgimento de Elihu Root, mesmo que não houvesse uma reflexão explícita sobre a paisagem, um pensamento da paisagem, seus moradores produziram uma paisagem que ainda hoje é apreciada. É a própria expressão do que Berque designou de pensamento paisageiro.

Há também um movimento contraditório na formação da paisagem de Elihu Root. Seu surgimento está diretamente relacionado à chegada da modernidade, materializada com a construção do ramal de Descalvado. No entanto, sua organização socioespacial é típica de um bairro rural paulista, caracterizada por formas tradicionais nas relações sociais e de trabalho. Esta tensão entre a modernidade e as relações tradicionais esteve presente desde a formação do bairro e talvez, por isso, os traços essenciais da paisagem ainda permaneçam, não tendo sido totalmente destruídos pela voracidade do consumo de paisagens da sociedade moderna, como apontado por Berque.

Há em Elihu Root, principalmente a partir da década de 1990, uma mudança na estrutura social do bairro rural com o estabelecimento de algumas chácaras de lazer e condomínios de chácaras. Porém, ao que tudo indica, não há um crescimento deste tipo de propriedade nos últimos anos. Estes novos moradores vieram em busca do *frui* (o prazer) citado por Berque. Diferente dos antigos moradores, os novos se mudam para o bairro rural a partir de um pensamento da

paisagem, de uma busca pelo que a paisagem rural representa hoje em nossa sociedade, tranquilidade, paz, lazer. Os moradores antigos, descendentes dos fundadores do bairro, hoje reconhecem este pensamento da paisagem presente, porém são as permanências paisageiras, os traços essenciais da paisagem que diferenciam a relação que eles estabelecem com seu meio.

Permanências paisageiras

Berque elaborou seu conceito de paisagem marca-matriz com base em sua compreensão do caráter trajetivo da realidade. Para ele, há uma intersubjetividade constante entre o homem e seu meio, como numa espiral, de forma trajetiva. É uma característica inescapável da realidade e, portanto, as marcas e matrizes também se submetem a essa lógica, numa relação incessante entre o objetivo e o subjetivo. Nesta dinâmica, em que a marca influencia e modifica a matriz ao mesmo tempo em que a matriz influencia e determina a marca, nesta trajetividade, o que permanece e revela a paisagem do bairro rural Elihu Root são seus traços essenciais.

Os seguintes traços essenciais estão expressos na paisagem do bairro rural Elihu Root: sentimento de localidade e pertença; relações de vizinhança; religiosidade e festividades; marcas-matrizes ferroviárias. Candido (2003) e Queiroz (1973) já haviam identificado os três primeiros elementos como características fundamentais de um bairro rural. Mas ao desvelá-los como traços essenciais da paisagem, reconhecemos o caráter trajetivo destes, transpondo-os para uma linguagem e uma análise fenomenológica ligada ao pensamento de Berque. Quando Candido e Queiroz analisaram os bairros rurais, fizeram-no num determinado tempo e espaço. Foi naquele contexto que identificaram e listaram suas características. Tanto que Queiroz (1973), ao realizar sua pesquisa duas décadas após à de Candido (2003), atualizou a lista e considerou transformações nas principais características de um bairro rural.

No caso de Elihu Root, mais de um século se passou desde o seu surgimento e, pelo caráter trajetivo da paisagem, houve mudanças em algumas práticas sociais, econômicas e outras características do bairro rural. Passaram-se

entre três e cinco gerações das famílias mais antigas. Se considerarmos apenas as transformações que ocorreram nas matrizes da sociedade brasileira como um todo desde o fim do século XIX, será possível compreender que é impensável esperar que o bairro rural permaneça exatamente com as mesmas características por mais de um século. No entanto, Elihu Root permanece um bairro rural. Mesmo com todas as transformações políticas e econômicas que passamos nas últimas décadas, com a expansão da urbanização, a mecanização do campo, as mudanças nas relações de trabalho, e muitas outras discutidas pela sociedade e na academia, os traços essenciais de um bairro rural estão expressos na paisagem de Elihu Root.

Permanências não implicam necessariamente imutabilidade. O próprio caráter trajetivo da realidade é avesso à ideia de algo estático. A ilustração da espiral trajetiva de Berque que expressa a intersubjetividade constante entre marcas e matrizes nos permite afirmar que há permanências dos traços essenciais da paisagem de Elihu Root. Estes se transformaram, adaptaram-se, mas permanecem em essência.

Mas como as permanências aparecem e revelam a paisagem de Elihu Root? De que maneira os traços essenciais foram desvelados nas marcas-matrizes da paisagem?

Relações de vizinhança

Um dos traços essenciais dos bairros rurais paulistas são as relações de vizinhança. Quando Candido (2003) e Queiroz (1973) identificaram esta característica, descreveram como expressões destas relações de vizinhança os mutirões, as trocas de serviços, a amizade e as próprias relações de parentesco entre os moradores. Como essas relações estão expressas na paisagem? Como elas foram reveladas enquanto permanências paisageiras?

Nas diferentes etapas do trabalho de campo esses traços essenciais foram desvelados, tanto em observações, investigações e conversas. As relações de vizinhança se mostraram presentes nas falas dos moradores, são uma marca-matriz da paisagem e fazem parte de uma sensibilidade paisageira do bairro rural Elihu Root.

Alguns fenômenos relatados contribuíram para o desvelamento dessa permanência. Um acontecimento, em especial, foi muito marcante neste sentido. No dia dois de janeiro de 2017 houve um incêndio em uma casa no bairro. Era uma casa antiga, com paredes de tijolos, estrutura do telhado de madeira e telhas de barro. O fogo consumiu a casa toda. Sobraram apenas algumas paredes em pé, e ninguém se feriu.

A casa ficava na beira da estrada e por diversas vezes durante os campos havíamos passado por ela. No entanto, não chegamos a conhecer seus moradores. No dia seguinte ao incêndio a casa já tinha fitas de isolamento. Mas o que nos surpreendeu foi toda a trama que se desvelou à medida que diversos moradores nos relataram este acontecimento. Em síntese, havia uma moça sozinha dormindo na casa, e por volta das quinze horas houve o incêndio. A moça ficou inconsciente pela inalação da fumaça e não conseguiu pedir ajuda. No entanto, seus vizinhos, Ped. e Ros., perceberam o incêndio e conseguiram resgatar a moça com vida e sem ferimentos. O fogo se alastrou rapidamente, não sendo possível salvar os móveis, vestimentas e utensílios da casa.

Diversos moradores nos relataram o incidente, mas Reg. e Tat. foram as que nos deram mais detalhes e ficaram mais tocadas. Ped. e Ros. foram considerados verdadeiros heróis no bairro por terem salvado a vida da moça. Obviamente, este fato isolado não é suficiente para justificarmos os laços de amizade e vizinhança existentes no bairro. Porém, além de reforçar os laços já existentes, o incêndio nos desvelou a relação existente entre o casal de senhores Ped. e Ros. com seus vizinhos de propriedade.

A família da moça que foi resgatada mora nesta casa há aproximadamente 15 anos. O chefe da família trabalha na fábrica de painéis existente no bairro e o patrão lhe cede a moradia na propriedade que é arrendada para o plantio de cana-de-açúcar.

Ped. e Ros. compraram a propriedade de aproximadamente dois alqueires há cerca de 12 anos. Ambos nasceram nas proximidades de Elihu Root e frequentam o bairro há várias décadas, participando principalmente das festividades. Desde que passaram a residir no bairro, participam ativamente das atividades religiosas e estão inseridos na sociabilidade local. É um casal muito simpático e prestativo. Segundo eles próprios, logo que se mudaram fizeram amizade com os

vizinhos de propriedade. Constituíram um forte laço de amizade entre as famílias, ao ponto de serem chamados de avós pelos vizinhos. O casal ajuda muito seus vizinhos em diversas situações. Ped. nos contou que fornece a água de seu poço aos vizinhos, pois estes não possuem um poço, e não há água encanada nas propriedades. A relação entre este casal de senhores e seus vizinhos é expressão de uma matriz que permanece no bairro, que se revelou como um traço essencial da paisagem de Elihu Root.

Podemos citar também o bazar beneficente organizado por Reg. e Tat. para auxiliar um amigo doente como expressão da permanência desta matriz de pensamento. Com uma doença grave, este morador do bairro teve de parar de trabalhar e necessitava de itens básicos para a sobrevivência, como alimentação e higiene pessoal. As duas irmãs mobilizaram tanto pessoas do bairro como de fora para conseguirem doações de roupas. Estas foram vendidas no bazar para arrecadar recursos e realizarem as compras dos itens de maior necessidade deste amigo. Estas e outras ações do gênero revelam a permanência das relações de vizinhança como um traço essencial do bairro rural, como uma matriz desta paisagem.

As trocas de serviços não acontecem mais como nos bairros rurais tradicionais. Era comum os agricultores auxiliarem no plantio, na colheita ou em outra tarefa na propriedade de um vizinho, e depois receber em troca os mesmos dias trabalhados em ajuda na sua própria propriedade. Hoje vemos o trabalho assalariado muito presente no bairro. Em propriedades mantidas por famílias, quando há necessidade de auxílio, ou paga-se a diária a algum vizinho ou um parente auxilia no trabalho. No caso da ajuda de parentes, acontece apenas em casos em que o proprietário já é mais idoso, e um filho ou genro auxilia em trabalhos mais pesados quando necessário.

A prontidão em ajudar os vizinhos nos revela uma matriz importante presente em Elihu Root. É uma permanência paisageira, uma matriz de pensamento que permanece como traço essencial da paisagem do bairro rural. As relações de vizinhança sofreram mudanças, são expressas de maneiras diferentes do que eram há 50 ou 100 anos, mas ainda se fazem presentes. Os mutirões deixaram de existir. As trocas de serviços assumiram outras formas. Mas os laços entre os vizinhos não foram desfeitos, apenas assumiram outras expressões: auxílio financeiro, doação de

roupas, trocas comerciais. Além da amizade existente entre os vizinhos, assim como as relações de parentesco formadas tanto pelo casamento entre vizinhos, como pela permanência dos filhos no bairro, relações que permanecem muito semelhantes.

Religiosidade e festividades

À semelhança de muitos bairros rurais paulistas, Elihu Root tem uma capela localizada em seu núcleo. Dedicada a São Sebastião, é uma marca que se destaca, ocupando papel central no bairro, tanto geograficamente como nas práticas sociais. É incerta a história da construção da capela. O único registro oficial encontrado é o da revista em comemoração dos 50 anos da paróquia de São Benedito. Ali afirma-se que a capela foi construída em 1926, resultado da colaboração dos moradores do bairro rural. Foi Ver., moradora do bairro, quem forneceu alguns documentos com essas informações, mas infelizmente os documentos se perderam e não tivemos acesso a eles. Ver. faz parte de uma das famílias mais tradicionais do bairro, que junto com outras quatro ou cinco constituíram os primeiros moradores da área, todos imigrantes italianos, ex-colonos em fazendas da região.

Ver. nos relatou que a história corrente é que o terreno para a capela foi doado por uma dessas famílias e a construção se deu pelo esforço coletivo dos moradores. Inclusive ainda há uma pendência burocrática em relação à escritura do terreno. Este ainda não foi desmembrado da casa vizinha (que já não pertence ao antigo benfeitor) e do centro de saúde ao fundo (antiga escola). Porém, é consenso que é uma capela tradicional na cidade, tendo celebrado missas regularmente, sendo mantida pela dedicação dos habitantes do bairro.

A capela já passou por diversas reformas e ampliações ao longo de sua história. Inicialmente havia apenas a nave principal com o altar e a pequena torre do sino. Posteriormente construíram os banheiros, um salão paroquial aos fundos e uma cozinha ao lado. Na frente há uma pequena praça com um coreto. Atravessando a rua, num gramado com alguns bancos, um cruzeiro de pouco mais de dois metros (Figura 9). Todas as benfeitorias foram resultado de doações e recursos arrecadados entre os vizinhos, e a maioria das obras foi realizada em forma de mutirão.



Figura 9: Mosaico de fotos da capela a São Sebastião (acima e à esquerda: vista da capela por trás do cruzeiro; acima e à direita: praça e coreto em frente à capela; ao centro e à esquerda: vista do coreto para a rua; abaixo e à esquerda: foto da capela na década de 1950; abaixo à direita: vista da capela e sua torre).

Fonte: MARANDOLA, H. L., janeiro de 2017; ZORZENON, V., arquivo pessoal.

A capela é uma marca-matriz fundante do bairro rural Elihu Root. Ela expressa toda uma forma de convivência e visão de mundo dos moradores. A

influência dessa marca-matriz vai além de seu caráter religioso. Obviamente, por se tratar de uma capela católica, é expressão de todo um dogma e uma crença envolvidos nesta religião. Porém, no bairro rural seus sentidos extrapolam a liturgia católica e atingem as práticas sociais relacionadas aos traços essenciais da paisagem. A capela fortalece e auxilia na permanência dos traços essenciais da paisagem, desde as relações de vizinhança, o sentimento de localidade e até as marcas-matrizes ferroviárias.

Esta marca no coração do bairro é o principal local de reunião dos moradores, e para muitos representa o único local de encontro com os vizinhos atualmente, sendo este um dos papéis fundamentais desempenhados pela capela hoje em relação à permanência dos traços essenciais da paisagem. Todas as manhãs de domingo são feitas celebrações por ministros da paróquia de São Benedito, que se deslocam da cidade até o bairro rural, e uma vez por mês o padre da paróquia realiza uma missa. Antes do início da celebração algumas pessoas já começam a se encontrar na pequena praça em frente à capela. Muitas das conversas que tivemos durante o trabalho de campo aconteceram nesses momentos. Pequenos grupos se reúnem em frente à capela enquanto outros fazem as preparações para o início da cerimônia. É um momento em que os vizinhos se encontram e conversam sobre os fatos do cotidiano do bairro.

Dentre as festividades, destaca-se o tríduo a São Sebastião, padroeiro da capela. São três dias de celebrações, todas dedicadas ao santo, relembrando e exaltando sua vida, sendo que no último dia o padre da paróquia realiza uma missa. É um momento em que antigos moradores do bairro retornam, assim como pessoas de outras localidades vêm participar e prestigiar. A capela recebe um preparativo especial para a ocasião e é realizada uma procissão. Neste ano de 2017, foi uma caminhada bem curta na rua ao lado da capela, exibindo o santo homenageado e com os fiéis entoando louvores. Houve também distribuição de uma lembrança aos presentes, que receberam água e sal abençoados pelo padre.

Durante as celebrações do tríduo, pudemos notar a participação tanto dos moradores mais antigos, dos mais jovens e dos mais recentes. Ped., que reside no bairro há pouco mais de 10 anos, teve a honraria de levar uma grande imagem do santo até o altar e de carregar uma imagem menor durante a procissão.

Ama. e sua esposa, moradores antigos do bairro, entraram com o santo em dois dias de celebração. Reg., que é mais jovem, sempre está envolvida na organização da capela e auxiliou nos preparativos para a realização do tríduo. Essa igualdade de tratamento entre os moradores é uma característica dos bairros rurais identificada por Candido (2003) e por Queiroz (1973). Em Elihu Root, notamos que as condições de vida de seus moradores são bem variadas, diferente de um bairro rural tradicional. Porém, não notamos estratificações sociais nos círculos de convivência, principalmente nas práticas religiosas. É uma matriz que permanece, mesmo que apoiada à religiosidade.

Além do papel desempenhado por Reg. na capela, é interessante notar a importância e a liderança das mulheres nas celebrações. Reg., em especial, tem um papel de destaque na organização e manutenção das celebrações semanais. Ela abre e fecha a capela, toca e canta os hinos, faz os lembretes ao final de toda celebração, auxilia o padre e os missionários na liturgia, enfim, está por trás da organização da capela. Sua irmã Tat. sempre a auxilia nessas tarefas. Cat., uma senhora, também sempre participa cantando e realizando leituras. Ver. é como a guardiã da memória da capela, estando entre as moradoras mais antigas, morando praticamente ao lado e sendo de uma das famílias fundadoras do bairro. Nei., esposa de Ama., sempre cuida das ofertas. Uma questão interessante, pois a Igreja Católica é tradicionalmente paternalista, centrando tais atividades nos homens. Não que estes não tenham participação na capela. Ped., Ama. e Ton. sempre estão presentes e ativos nas organizações. No entanto, são as mulheres que lideram as atividades.

Outra festividade realizada em Elihu Root é uma feijoada servida no salão paroquial. São realizadas celebrações e missas no mês de maio, importante para a Igreja Católica pela Coroação de Maria, seguidas por ladainhas em honra a Jesus no mês de junho. No fim do mês de junho, após essas celebrações, é promovido um almoço no salão paroquial. Os moradores organizam todo o processo, desde estrutura, organização, divulgação e venda de ingressos. Eles têm uma parceria com os moradores de um bairro rural vizinho, o Cascata, que já organizam uma feijoada em sua capela há mais tempo. A capela de Elihu Root tem todos os equipamentos na cozinha, incluindo panelas, talheres e pratos. E um grupo

de homens do bairro Cascata faz toda a preparação da comida, iniciando um dia antes e servindo durante o almoço.

Esta feijoada é o maior evento que ocorre em Elihu Root atualmente. Em 2017, sexto ou sétimo ano em que foi realizada, participaram cerca de 150 pessoas.

Os moradores, juntamente com o padre atual, decidiram retomar uma tradição da capela: a realização de eventos anuais. As festividades de Elihu Root eram conhecidas na região, atraíam pessoas de bairros rurais vizinhos, do centro da cidade de Araras e até de cidades vizinhas. Ver., Ton., Ped. e muitos outros nos contaram que essas festas reuniam centenas de pessoas. As festas não podiam ser realizadas no salão paroquial, pois não havia espaço. Fechavam a rua em frente à capela com barracas e ali mesmo realizavam as atividades. Após a construção do Centro Rural, as festas passaram a ser realizadas ali, pois havia mais espaço e um grande salão para bandas, bailes e leilões.

Além das festas promovidas pela capela, havia muitas outras nas propriedades dos agricultores. Festas juninas, dias santos, novenas, entre outras. Essas práticas fazem parte da formação dos bairros rurais paulistas. Muitas dessas festividades eram organizadas para arrecadação de recursos para manutenção da capela, de estradas ou para construção de infraestruturas para os bairros. Eram também os momentos de confraternização e lazer de uma população que não tinha acesso a equipamentos dessa natureza. Em Elihu Root percebemos que, por diversos motivos, esta matriz foi enfraquecendo. Relataram-nos que havia um morador que tomava a frente dessas atividades até meados da década de 2000, mas que ele não mora mais no bairro. Após sua saída, alguns anos se passaram sem nenhuma festividade, até que retomaram com a realização da feijoada. Esta matriz permanece no bairro pelo esforço de seus moradores na manutenção desta.

Notamos que a religiosidade é uma marca-matriz fundante no bairro rural Elihu Root. Desde sua formação, o papel da igreja na dinâmica do bairro é fundamental. Hoje, principalmente, é essa matriz de pensamento que está na base das permanências paisageiras. A religiosidade e todas as atividades relacionadas à capela acabam por fortalecer os demais traços essenciais do bairro rural, como as relações de vizinhança e o sentimento de localidade. É na capela que as pessoas se encontram, conversam e se relacionam. Hoje, é a partir desses encontros que as

amizades permanecem. Devemos lembrar que nem todos os moradores são católicos e, portanto, nem todos frequentam as celebrações. Mas nem por isso deixam de fazer parte do círculo de relações do bairro ou de ter amizades com os outros moradores. Porém, os laços mais fortes, evidentes e numerosos estão ligados à matriz da religiosidade.

Marcas-matrizes ferroviárias

As marcas-matrizes ferroviárias, como os trilhos, os trens, a estação, o armazém de cargas, foram o início do bairro rural Elihu Root. Foi o movimento gerado pelo escoamento da produção de café que fez com que o bairro surgisse. A estação e o armazém de cargas formaram o primeiro centro aglutinador, o local de reunião, onde as pessoas passaram a se dirigir, inicialmente para realizar os trabalhos relacionados ao transporte de cargas, mas que transpôs essa função e adquiriu outros significados e sentidos ao longo do tempo.

Foi no entorno da estação e do armazém de cargas que surgiram as primeiras casas. Afinal, os funcionários que mantinham a estação necessitavam de moradia. As primeiras edificações do que veio a se tornar o bairro rural eram todas ligadas à ferrovia: o armazém de cargas, que foi o primeiro prédio de tijolos, construído em 1882 (marca que ainda resiste ao tempo); o prédio da estação, inaugurado em 1891 (outra marca que permanece); a casa do chefe da estação (hoje restam apenas alguns vestígios de seu alicerce); a caixa-d'água trazida da Inglaterra e assentada em 1889 (continua no local).

Esse pequeno inventário das marcas inscritas no contexto da consolidação do ramal de Descalvado, da estação Guabiroba, e constituição do bairro rural Elihu Root, é um dos passos necessários para o desvelamento da paisagem a partir das marcas-matrizes ferroviárias.

Essas marcas carregam mais de cem anos de história e memória e compõem a pedra fundamental do bairro. Elas configuram não apenas a forma, delineando uma típica morfologia ferroviária, com as marcas da Companhia Paulista se destacando sobre as demais. A inscrição destas marcas na paisagem trouxe também um modo específico de relação entre os habitantes do local. Um modo de perceber e se relacionar com o meio influenciado pelos sentidos e significados

oriundos dessas inscrições. Essa é a própria expressão da intersubjetividade constante entre marcas e matrizes discutida por Berque. Nesta relação, temos as marcas ferroviárias como fundamentais para compreensão da paisagem do bairro rural Elihu Root, estando presentes desde a gênese até os dias de hoje, recebendo outros sentidos e significados e participando nas formas de ver e perceber o mundo dos habitantes do bairro.

Uma das inscrições ferroviárias mais significativas na paisagem são os trilhos. Uma marca linear, cortando algumas propriedades, delimitando outras. Um leito de terra, pedras, madeira e ferro. Hoje, não há mais dormentes em Elihu Root, os trilhos já se foram. Em parte retirados pela própria Fepasa (Ferrovia Paulista S.A.), e o restante furtado. Porém, o traçado permanece em boa parte bem visível, e no trecho que passava pelo bairro está claramente delineado na memória de seus habitantes.

As ferrovias, linhas e ramais, espalharam-se pelo interior do estado de São Paulo com um objetivo muito claro: escoar a produção de café. Ou seja, o transporte de cargas é o que motivou a construção e a expansão dos trilhos. Porém, o avanço das linhas e ramais levaram diversas outras possibilidades aos locais por onde os trilhos passavam, principalmente onde se estabeleciam as estações. Juntamente com o transporte de cargas havia também o transporte de passageiros, o que proporcionou um maior fluxo de pessoas pelo interior do estado.

Os trilhos (marcas ferroviárias) estavam embebidos de uma matriz de pensamento que se espalhava pelo interior do território paulista. A construção de uma linha férrea, ou de um ramal, nunca foi um simples objeto físico e estético na paisagem. Todo um ideal de progresso e uma lógica de mercado estavam envolvidos e inseridos nessa marca, que sempre foi uma marca-matriz.

As matrizes de um bairro rural tradicional, ou seus traços essenciais, como o sentimento de localidade e pertença e as relações de vizinhança, emergem em Elihu Root juntamente com outras matrizes de pensamento, outros traços que lhe são essenciais, que são as marcas-matrizes ferroviárias. Essa característica específica deste bairro rural lhe concede uma complexidade nas relações comerciais e sociais desde o seu surgimento. As relações de produção em Elihu Root foram desde o princípio voltadas para a comercialização das culturas, e não somente para subsistência, como em um bairro tradicional descrito por Candido (2003) e Queiroz

(1973). Porém, as práticas sociais típicas de um bairro rural tradicional se mostraram presentes também desde o princípio. Por isso afirmamos que nos traços essenciais de Elihu Root se inserem as marcas-matrizes ferroviárias, pois são fundantes na constituição do bairro rural.

Estas marcas-matrizes ferroviárias, no caso do bairro rural Elihu Root, possibilitaram aos agricultores estabelecer relações comerciais e pessoais com outras localidades, principalmente com os municípios vizinhos e a capital. Portanto, o bairro nunca teve um isolamento, uma das características dos bairros rurais tradicionais. Ao se estabelecerem, os agricultores tinham acesso a ferramentas e máquinas modernas, que podiam ser compradas diretamente na capital do estado. Porém, isso não significa que todas as propriedades possuíam essas ferramentas e máquinas, mas os que as detinham compartilhavam em mutirões e trocas de serviços. Também era possível planejar a produção visando a um mercado consumidor amplo, existente em função da artéria de circulação proporcionada pela ferrovia. Café, algodão, farinha de mandioca e leite foram alguns dos produtos cultivados e comercializados pelos agricultores do bairro.

Havia também a possibilidade da continuidade dos estudos de maneira mais fácil, sem a necessidade de permanecer na cidade da escola, pois era possível se dirigir diariamente à sede do município de Araras ou ao município vizinho, Leme. Romances e casamentos foram realizados pela possibilidade do transporte pelos trens. Utilidades domésticas, roupas, notícias, enfim, os trens foram uma abertura para o mundo externo.

Além desta matriz de progresso, a estação também se tornou uma marca-matriz local, transformada em um local de entretenimento pelos e para os jovens. Crianças e adolescentes se reuniam ao ouvir o apito do trem. Era um momento de descontração e divertimento. Uma das moradoras, Ver., relatou que, quando adolescente, frequentava a estação para conversar com passageiros, saber notícias de outros lugares ou simplesmente ver o trem passar. Ela contou que praticamente todos os dias se reunia com seus amigos na estação. A partir dos trens conseguiam jornais e revistas, e podiam acompanhar a vida da capital, do mundo. Outro morador, Ton., contou que os trens davam vida ao bairro, movimentando as atividades diárias, comerciais e sociais no entorno da estação. É considerado o tempo da fartura, da dinâmica, do movimento.

Muitos relataram com tristeza o momento em que a empresa retirou os trilhos e os dormentes, em especial Ton. e Ver. Isso ocorreu após vários anos da desativação do ramal (1997), porém, significou definitivamente a impossibilidade do retorno dos trens. Enquanto os trilhos permaneciam ali, repousando, havia uma fagulha de esperança no retorno deles, na retomada das viagens. Após a retirada, a certeza de que os trens permaneceriam trafegando apenas na memória dos que ali vivem e viveram se tornou evidente

A mudança do nome da estação de Guabiroba para Elihu Root, em 1906, é uma evidência do caráter trajetivo na relação entre as marcas e matrizes. Entre os moradores mais antigos há uma divisão de opiniões em relação à troca do nome. Alguns, como Ver., acham mais bonito, ou nas palavras dela, “mais chique”, o nome emprestado da personalidade norte-americana; outros, como Alf., preferem o antigo nome, com origem na própria terra, e não reverenciando uma personalidade que não tem relação alguma com o bairro. Em um muro de uma casa na estrada da capela, cerca de 500 metros à frente, há um grafite que expõe essa divergência de opiniões entre os moradores. Sobre uma composição de trem de passageiros há os dizeres: “saudade de Guabiroba”; e ao lado deste grafite, há uma ilustração do próprio Elihu Root (Figura 10).



Figura 10: Grafites em muro de uma chácara do bairro rural (à esquerda acima: composição de trem de passageiros com a inscrição “saudade de Guabiroba”; à esquerda abaixo: detalhe dos dizeres “saudade de Guabiroba”; e, à direita: ilustração do secretário de Estado norte-americano Elihu Root).

Fonte: MARANDOLA, H. L., janeiro de 2017.

Este grafite expressa a força que a toponímia exerce como matriz. A substituição do nome do bairro ocorreu em 1906, há mais de 110 anos. Hoje, não há nenhuma pessoa que viveu no bairro rural enquanto ele ainda se chamava Guabiroba. Passaram-se duas ou três gerações desde a mudança do nome, e Guabiroba persiste na memória dos habitantes e em um muro do bairro.

Retomemos algumas datas na tentativa de compreender os motivos e implicações da substituição do nome da estação e do bairro rural. A estação foi aberta para os trabalhos com o nome de Guabiroba em 1877. A mudança do nome ocorreu em 1906, 29 anos após a inauguração. Estas três décadas foram o período de formação do bairro rural. Foi o período em que surgiram as primeiras edificações, quando teve início o parcelamento das terras no entorno da estação e quando chegaram as primeiras famílias. Em 1906, quando ocorreu a visita do secretário de Estado dos EUA, já havia um princípio de núcleo do bairro rural.

O que pretendemos com esta revisão histórica é refletir que em 1906 os moradores que haviam se instalado já haviam estabelecido relações com a terra, laços de vizinhança e sentimento de localidade. E mesmo assim, houve a substituição de um importante elemento fundador dessas relações, a toponímia. Então, por que houve a substituição do nome da estação? Tudo indica que houve uma tentativa, por parte da Companhia Paulista, de incorporar um sentido de progresso à estação. Guabiroba remetia a uma memória ancestral indígena, à sua cultura, linguagem, conhecimento e respeito às plantas locais. Elihu Root, por sua vez, trouxe a ideia de progresso atrelada aos Estados Unidos, à produção do café, à riqueza e à prosperidade que se buscava no interior paulista à época. A intenção foi, mesmo que não nestes termos, a substituição da matriz de pensamento relacionada às toponímias.

E esta matriz de pensamento ainda se manifesta atualmente. Essa ligação com o “mundo” exterior e o progresso intencionado com a substituição do nome se faz presente na fala dos habitantes. Nas conversas que tivemos com os moradores, quando nos aproximávamos de assuntos relacionados à estação ou à história do bairro rural, as primeiras lembranças se relacionavam a personalidades ou eventos externos ao bairro.

Um dos eventos relatados foi a visita do príncipe Philip à estação Elihu Root. Todas as pessoas com quem tivemos oportunidade de conversar citaram

essa visita. No entanto, nenhuma delas foi capaz de mencionar detalhes do evento. Por isso, buscamos informações oficiais sobre a tão aclamada passagem do príncipe pelo bairro rural. Em verdade, foi uma viagem diplomática que ocorreu em 1962, e na ocasião o príncipe Philip ainda respondia pelo título de Duque de Edimburgo. Uma de suas atividades oficiais foi a visita à fazenda Santa Cruz, em Araras, propriedade de Fábio Prado. Para chegar à fazenda, o Duque utilizou um trem especial e desembarcou na estação Elihu Root, cerca de três quilômetros da sede da fazenda. O interesse de sua viagem era fortalecer as relações de amizade e principalmente comerciais entre os países. Na visita à fazenda Santa Cruz, o Duque de Edimburgo aproveitou para descansar e apreciar os belos cavalos do haras de Fábio Prado (GIESBRECHT, 2003).

O príncipe Philip apenas utilizou a estação Elihu Root para embarque e desembarque, sem pernoite, ao fazer uma passagem rápida pela fazenda Santa Cruz. Não houve pompa na recepção ou despedida de sua comitiva na estação, tampouco uma cerimônia para registro do evento. Ainda assim, foi como uma segunda visita do próprio Elihu Root, mas dessa vez não houve a substituição do nome. Por ser uma figura importante internacionalmente, sua passagem pela estação deve ser lembrada e reverenciada. Quase um fetiche em conceder importância e destaque a um lugar por sua relação com figuras destacadas no cenário nacional ou internacional.

Essa necessidade de conectar a imagem do bairro rural a personagens importantes parece estar presente desde a mudança do nome da estação. É uma manifestação de uma matriz de pensamento. Os acontecimentos do dia a dia, as relações interpessoais locais têm menos importância que os fatos relacionados com figuras destacadas. Na ânsia de promover o progresso, estes eventos “extraordinários” devem ser lembrados, mesmo que na prática a visita do príncipe Phillip, por exemplo, tenha sido uma atividade ordinária. No entanto, essa matriz de pensamento que concede ao nobre, ao rico ou ao artista maior importância e destaque está presente em Elihu Root e preenche de sentidos e significados as marcas-matrizes desse bairro rural.

Além das visitas de Elihu Root e príncipe Philip, todos os moradores insistem em contar sobre outro acontecimento “importante” que ocorreu no bairro rural. É como se fizessem uma lista dos fatos mais marcantes na história de Elihu

Root. O último da “lista” citada por todos é a filmagem de trechos do filme “Sinhá Moça”, de 1953, e a utilização da estação para embarque e desembarque dos artistas, equipe de filmagem e equipamentos. Do diretor Tom Payne, produzido pela Vera Cruz Filmes e estrelado por Eliane Lage no papel principal, o filme Sinhá Moça foi destaque do cinema brasileiro na década de 1950 e ganhou alguns prêmios internacionais, como nos festivais de Berlim e Veneza.

Foram poucas as cenas do filme rodadas em Elihu Root. Tanto Ped. como Ver. disseram que o que trouxe as filmagens para o bairro rural foi uma enorme figueira que existia na entrada da fazenda das Palmeiras. Ao que parece, a cena em que os escravos fugidos decidem o que fazer com o capataz capturado foi rodada sob a sombra dessa figueira. Poucos são os moradores que eram vivos ou com idade suficiente para se lembrar do ocorrido. Conquanto, todos conhecem e propagam a história, mesmo que sem os pormenores.

Interessante notar nos relatos, principalmente de Ped., Ros., Elv., Ver. e Ton., o destaque à figueira. Era uma árvore muito grande, disseram eles. Era uma marca imponente em Elihu Root, servindo de referência no bairro. Uma imensa representante da exuberância e potência da floresta que ali havia repousado antes dos canaviais e cafezais. Após servir de cenário para o filme, foi atribuído outro conjunto de sentidos e significados à grande figueira que passou a ser lembrada em relação ao filme e ser referência para os moradores do bairro. Ela resistiu ainda muitos anos após as filmagens, até sucumbir a uma tempestade na década de 1970 ou 1980. A marca física, objetiva, não aparece no bairro, mas permanece vívida na memória dos habitantes.

Passando a uma inscrição sólida, e quase permanente, construída à época da abertura do ramal de Descalvado, presente ainda hoje em Elihu Root, encontramos duas pontes de pedras localizadas muito próximas à estação. Uma delas foi restaurada há poucos anos e hoje é utilizada para o tráfego de carros e pedestres, seguindo em parte o antigo leito dos trilhos. Esta ponte fica cerca de 100 metros de distância do armazém de cargas no sentido da sede do município de Araras. Uma estrutura de grandes pedras empilhadas, com cerca de quatro metros de altura a partir da lâmina-d'água, e pouco mais de dois metros de largura. Um vão de aproximadamente três metros, a largura do córrego, separa as duas bases de pedra da ponte, ligadas por uma estrutura de ferro abaixo e uma superfície de

madeira para a passagem de carros e pedestres (Figura 11). É uma bela obra do século XIX. Resistiu às ações do tempo, recebeu novas roupagens, novas funções, e permanece como uma marca dos tempos em que os trens tinham papel de destaque na sociedade e no próprio bairro.

A outra ponte está em desuso, abandonada às intempéries. Ela se localiza a cerca de 400 metros da outra ponte, afastando-se da sede do município de Araras, após a estação de Elihu Root. Essa ponte está encoberta pela vegetação e tem acesso restrito, pois fica na propriedade de Mac. Menor que a outra, a ponte tem cerca de três metros de altura e dois metros de vão entre as duas bases, que são ligadas pela estrutura de ferro que ainda resiste ao tempo.



Figura 11: Mosaico de fotos de uma antiga ponte do ramal de Descalvado (à esquerda acima: foto sobre a ponte visualizando o antigo traçado dos trilhos; à esquerda abaixo: estrutura de ferro e madeira abaixo da ponte; ao centro abaixo: ponte vista do nível do córrego; e, à direita, estrutura de pedras da ponte).

Fonte: MARANDOLA, H. L., janeiro de 2017.

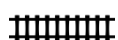
As pontes foram fundamentais para o avanço dos trilhos no interior de São Paulo. O traçado das linhas e ramais da Companhia Paulista foi projetado para alcançar as lavouras de café que se expandiam no estado. Os engenheiros responsáveis analisavam as cartas topográficas e hidrográficas buscando as regiões mais propícias e menos custosas para o assentamento dos trilhos. Isso envolvia desviar o máximo possível de grandes inclinações e evitar o cruzamento de grandes rios. Se considerarmos a região do ramal de Descalvado, principalmente em Araras, há uma rede hidrográfica relativamente densa, com diversos afluentes do rio Mogi-Guaçu. Com isso, o traçado do ramal seguiu em boa parte margeando o rio Mogi-Guaçu, evitando cruzá-lo. Porém, foi inevitável sobrepor seus afluentes, e na área do bairro rural Elihu Root identificamos a presença destas duas pequenas pontes sobre dois córregos afluentes do rio Arary, que desemboca no rio Mogi-Guaçu.

As entrevistas e conversas revelaram claramente como as marcas-matrizes ferroviárias do bairro rural Elihu Root estão presentes e evidentes na memória de seus habitantes. Elas estão na base da constituição do bairro e resistem à passagem do tempo tanto na memória como nas marcas ainda existentes. Mesmo que não haja mais o fluxo pulsante dos trens, que não seja possível ouvir o apito e o tilintar dos ferros, a ferrovia e toda a história ligada a ela se faz presente na paisagem de Elihu Root.

Outro aspecto desvelado pelas conversas e entrevistas foi o sentimento de localidade e pertença. Este se revelou permeado entre as demais permanências paisageiras, compondo a própria expressão da paisagem do bairro rural Elihu Root. Com isso, seguimos para a última estação de nosso trilhar por paisagens.



*O sentimento de localidade e pertença:
a última estação*



Ao concluirmos nossa jornada, este trilhar por paisagens, chegamos ao ponto final, à última estação desta dissertação: **o sentimento de localidade e pertença**. Ao trilharmos pelas **Paisagens reveladas do bairro rural Elihu Root**, em especial o ramal *Permanências paisageiras*, o sentimento de localidade e pertença se revelou como uma amálgama entre as demais permanências. Candido (2003) e Queiroz (1973) já haviam identificado como uma das principais características de um bairro rural paulista o sentimento de localidade. Este é expresso pelo estabelecimento de uma forte relação de afeto entre os moradores e o local onde vivem.

Durante nossa pesquisa, nas conversas que tivemos com os moradores, ficou evidente a ligação que estes possuem com sua terra. Essa ligação extrapola os limites de suas propriedades e incorpora o bairro rural como sua localidade. As relações de vizinhança, a religiosidade e as festividades, as marcas-matrizes ferroviárias reforçam o sentimento de localidade e pertença dos habitantes. São marcas-matrizes expressas em permanências paisageiras no bairro rural.

As relações de vizinhança em Elihu Root estão menos intensas do que no período de sua formação. Antigas práticas que reforçavam os laços entre os vizinhos, perderam-se. Porém, outras foram constituídas e, principalmente, algumas persistiram. Um exemplo é a permanência de alguns dos filhos de moradores mais antigos no bairro. Esta é uma prática que fortalece os laços de vizinhança a partir do parentesco. Os filhos se casam e formam novas famílias no próprio bairro rural, alguns em casas construídas na mesma propriedade dos pais, aumentando o parcelamento das terras, e outros adquirindo terras na proximidade. Esta é uma marca-matriz forte em Elihu Root, comum em diversas famílias. É expressa inclusive na configuração das propriedades, que possuem o que podemos chamar de um pequeno núcleo, com a casa dos pais, o galpão de ferramentas, um jardim e uma ou duas casas dos filhos. O sentimento de localidade e pertença está na formação

dessa marca-matriz. É tão arraigada em alguns moradores, que mesmo após um período distante de Elihu Root, para estudos ou trabalho, acabam retornando ao bairro.

O sentimento de localidade e pertença também é expresso nos moradores que participam das celebrações e liturgia relacionadas à capela e à Igreja Católica. Atualmente, as atividades relacionadas à capela são as que possibilitam uma maior proximidade entre os habitantes de Elihu Root, o que reforça o sentimento de localidade e pertença, fortalecendo laços. As poucas festividades que permanecem também são uma forma de manter viva essa matriz tão forte no bairro. Elas trazem de volta a memória dos tempos em que as festividades eram mais frequentes e maiores. São traços essenciais dessa paisagem que permanecem inscritos na memória e expressos nas festividades.

As marcas-matrizes ferroviárias também reforçam o sentimento de localidade e pertença. São expressão da origem de Elihu Root. Os acontecimentos considerados importantes na história do bairro rural estão diretamente ligados à ferrovia e são motivo de orgulho para os moradores. A estação e o armazém de cargas são monumentos que testemunham outra época do bairro rural, artefatos de memória de uma marca-matriz fundante.

Até mesmo os pesquisadores reforçam este sentimento de localidade e pertença. Quando Giesbrecht (2003) visitou o bairro buscando informações sobre a estação Elihu Root, como parte de sua pesquisa sobre as ferrovias no estado de São Paulo, despertou um sentimento de orgulho nos moradores. A estação que tanto utilizaram no passado despertando interesse de pesquisadores! Mesmo nossa investigação sobre o bairro rural também reforçou o sentimento de localidade e pertença. Os moradores destacavam a riqueza e a diversidade de acontecimentos relevantes na história de Elihu Root, dizendo que mereciam ser registradas em livro.

Desta forma, as marcas-matrizes da paisagem desse bairro rural foram reveladas por meio de suas permanências paisageiras. Estas, por sua vez, são a expressão da relação entre os moradores e seu meio. Posto isso, constatamos que o sentimento de localidade e pertença é uma matriz que se revelou como uma permanência paisageira que reforça as demais. Finalmente, as paisagens do bairro rural Elihu Root foram reveladas por meio das permanências paisageiras,

expressas por suas marcas-matrizes: sentimento de localidade, relações de vizinhança, religiosidade, festividades e marcas-matrizes ferroviárias.

Retornando à metáfora ferroviária, apesar de estas considerações finais ser a estação final de nosso trilhar por paisagens, ela não encerra as possibilidades de novos trilhares. É uma estação de baldeação, que abre muitas possibilidades para outras linhas-tronco, outros ramais a serem percorridos. Nossa pesquisa revelou que os bairros rurais permanecem como uma organização social importante no estado de São Paulo. Há necessidade de outros estudos que aprofundem a compreensão dessa organização e contribuam para um (re)pensar o rural paulista.

A obra de Augustin Berque, apesar de pouco explorada no Brasil, apresenta grande potencial em estabelecer relações com a geografia brasileira, em especial com a Geografia Humanista. Ao buscar uma aproximação entre o conhecimento oriental e ocidental, os estudos de Berque têm muito a contribuir para a construção de um pensamento geográfico atual que abarque questões ainda pouco aprofundadas no contexto brasileiro. Nesta pesquisa tivemos a oportunidade de iniciar uma aproximação com sua obra, porém, permanece um terreno fértil de investigação.

Desta maneira, esperamos ter contribuído para os estudos geográficos, tanto sobre bairros rurais paulistas, quanto sobre o bairro rural Elihu Root em específico. Esperamos, também, ter sido capazes de estabelecer relações profícuas entre o pensar de Augustin Berque e a geografia humanista brasileira. Enfim, desejamos que esta dissertação tenha indicado novas linhas e novas estações ferroviárias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nelson Martins de (dir. de redação). **Álbum de Araras**: documentário histórico geográfico ilustrativo do município de Araras. Araras: Estabelecimento Gráfico Odeon, 1948.

ALMEIDA, Nelson Martins. **Galeria biográfica paulista**: monografia dos municípios do estado de São Paulo. São Paulo: Cultural Bandeirantes, 1959.

ALVES, Teresa. Paisagem – em busca do lugar perdido. **Finisterra**. v.36, n.72, 2001, p.67-74.

ARANHA, Luis. O trem. In: ASCHER, Nelson; LEITE, Rui Moreira (orgs.). **Cocktails**: poemas. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.78-79.

BERQUE, Augustin. Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique. **L'Espace Géographique**, v.14, n.2, p.9-104, 1985.

BERQUE, Augustin. Milieu et motivation paysagère. **L'Espace Géographique**, n.4, p.241-250, 1987.

BERQUE, Augustin. Le paysage de la modernité. In: BERQUE, Augustin. **Les raisons du paysage, de la Chine antique aux environnements de synthèse**. Paris: Editions Hazan, 1995, p.103-140.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-91.

BERQUE, Augustin. **Médiance**: de milieux en paysages. (1ª ed. Paris: Reclus, 1990) 10ª ed. Paris: Éditions Belin, 2000.

BERQUE, Augustin. **Le pensée paysagère**. Archibooks; Sautereau Éditeur: Paris, 2008.

BERQUE, Augustin. **Écoumène**: introduction à l'étude des milieux humanis. Paris: Éditions Belin, 2010.

BERQUE, Augustin. A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da paisagem**. Uma antologia. Lisboa, Portugal: Vniversitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011a, p.187-199.

BERQUE, Augustin. O pensamento paisageiro: uma aproximação mesológica. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Filosofia da paisagem**. Uma antologia. Lisboa, Portugal: Vniversitas, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011b, p.200-212.

BERQUE, Augustin. Introdução. In: BERQUE, Augustin. **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. (tradução de Vladimir Bartalini) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013a, p.25-30.

BERQUE, Augustin. Paisagem, meio, história. In: BERQUE, Augustin. **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. (tradução de Vladimir Bartalini) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013b, p.31-42.

BERTHOUD, Daisy. Communication through scents: environmental factors affecting the urine marking behaviour of the domestic dog, *Canis familiaris*, kept as a pet. **Thesis**. Anglia Ruskin University, United Kingdom, 2010.

BRAY, Silvio Carlos. **As companhias ferroviárias e os ferroviários no processo de estruturação urbana e socioeconômica de Bebedouro**. Bebedouro: IMESB-VC, 2011, 110p.

BOMBARDI, Larissa Mies. O bairro rural como identidade territorial: a especificidade da abordagem do campesinato na geografia. **Agrária**. n.1, São Paulo, 2004, p.55-95.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 10. ed. São Paulo: Editora 34, 2003, 372p.

COMPANHIA PAULISTA. Relatório da directoria da Companhia Paulista para a sessão de assembléia geral de 25 de fevereiro de 1883. São Paulo: Correio Paulistano, 1883. Disponível em: <<http://zip.net/bdtqZC>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

COMPANHIA PAULISTA. Relatório da directoria da Companhia Paulista para a sessão de assembléia geral de 30 de setembro de 1888. São Paulo: Typographia a vapor de Jorge Seckler & Comp, 1888. Disponível em: <<http://zip.net/bstqKt>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

COMPANHIA PAULISTA. Relatório da directoria da Companhia Paulista para a sessão de assembléia geral de 30 de junho de 1907. São Paulo: Typographia e papelaria de Vanorden & Cia, 1907. Disponível em: <<http://zip.net/bktqBh>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. A influência do pensamento oriental na geografia de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurô. **Geograficidade**, Niterói, RJ, v.4, n.2, p.32-47, 2014.

DARDEL, Éric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução de Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE PAULA, Fernanda C.; MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. O bairro, lugar na metrópole: riscos e vulnerabilidades no São Bernardo, Campinas. **Caderno de Geografia** (PUCMG), v. 17, p. 31-58, 2007.

DINIZ, José Alexandre Felizola. Organização agrária do município de Araras. **Tese** (doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Universidade de Campinas, 1968.

DULCI, Tereza Maria Spyer. As conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928). **Dissertação** (mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008.

FERNANDES, Liliana Laganá. **O bairro rural dos Pires**: estudo de Geografia Agrária. Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, São Paulo, 1971.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Caminho para Santa Veridiana**: as ferrovias em Santa Cruz das Palmeiras. Santa Cruz das Palmeiras: A Cidade, 2003.

GRANDI, Guilherme. **Estado e capital ferroviário em São Paulo**: a Companhia Paulista de Estradas de Ferro entre 1930 e 1961. São Paulo: FFLCH/USP, 2013.

HALLEY, Bruno Maia. Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista**: sua trajetória de 1950 a 1990. Londrina: Eduel, 2016, 392p.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, ano II, n.3, p.77-85, 1997.

HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI. **Tese** (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1998.

HOLZER, Werther. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia**, ano II, n.3, p.111-123, 2000.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In.: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. EdUERJ: Rio de Janeiro, 2001, 103-122.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, n.17-18, p.55-63, 2004.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática. **Produção Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro: Sidra, 2016. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

KERN, Maria Lúcia Bastos. História e Arte: as invenções da paisagem. **Anais**. XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH, São Paulo, 2011.

LEVINGS, Sally C.; TRANIELLO, James F. A. Territoriality, nest dispersion, and community structure in ants. **Psyche**. v.88, n.3/4, 1981, p.265-319.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 5. ed, v.1. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo. Prefácio. In.: DARDEL, Éric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução de Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014a.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Um sentido fenomenológico de paisagem**: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. Texto-base da Conferência proferida no "Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem", realizado dias 9 e 10 de abril de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014b.

MARIA, Yanci Ladeira. Paisagem: entre o sensível e o factual: uma abordagem a partir da geografia cultural. **Dissertação** (mestrado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

MATTHIESEN, Alcyr J. **Araras**: nossa terra, nossa gente. Araras, 1990.

MATTHIESEN, Alcyr. **Araras**: tempo e memória. Topázio: Araras, 2003.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **RA'E GA**. n.8, Curitiba: UFPR, 2004, p.83-91.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. (Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva). São Paulo: Hucitec; Polis, 1984.

MÜLLER, Nice Lecocq. **Sítios e sitiantes no estado de São Paulo**. Boletim 132, Geografia n. 7, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, São Paulo, 1951.

MÜLLER, Nice Lecocq. Bairros rurais do município de Piracicaba. **Boletim Paulista de Geografia**. n. 43. São Paulo, jul. 1966, p.83-130.

NOGUÉ, Joan i Font. El paisaje existencial de cinco grupos de experiencia ambiental. Ensayo metodológico. In.: BALLESTEROS, Aurora Garcia (Ed.). **Geografía y humanismo**. Barcelona: Oikos-tau, 1992, p. 87-96.

PADUA, Letícia Cristina Teixeira. A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências. **Tese** (doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas**: dinâmica das relações bairro rural – cidade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973, 157p.

REINACH, Fernando. A complexa relação entre girafas, árvores e formigas. In: REINACH, Fernando. **A longa marcha dos grilos canibais e outras crônicas sobre a vida no planeta Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.23-25.

REIS, Nestor Goulart. **O caminho do Anhanguera**. São Paulo: Via das Artes, 2014.

SAES, F. A. M. de. **As ferrovias de São Paulo 1870-1940**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SCHACHTER, Bony Braga. Forma e movimento: a teoria da pintura de paisagem na China, 229-589. **Concinnitas**, v.2, n.19, p.1-20, 2011.

SOUZA, Paulo César de; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. Bairros rurais no oeste paulista: da resistência simbólica às perspectivas de inserção no novo rural brasileiro. **Geonordeste**, ano XXI, n.1, p.67-92, 2010.

STRIEDER, Roque. Educação e humanização: por uma vivência criativa. Florianópolis: Habitus, 2002. 312 p.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. (Tradução de Livia de Oliveira) São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2013.

ULSON, Oscar. História de Araras. In: ALMEIDA, Nelson Martins de (dir. de redação). **Álbum de Araras**: documentário histórico geográfico ilustrativo do município de Araras. Araras: Estabelecimento Gráfico Odeon, 1948.